

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

COSACNAIFY

COSACNAIFY

O brilho do bronze [um diário]

ALGUMAS PALAVRAS

Decidi escrever um diário quando tinha por volta de quinze anos, pouco depois da Segunda Guerra Mundial. Não era uma opção excêntrica, nem algo novo. Desde um passado que, difícil de datar, chamo de longínquo, escrever diários era muito comum entre pessoas letradas e manteve-se como hábito até um tempo coincidente com minha infância e adolescência.

Comecei os escritos num caderno espiral – um luxo para a época – cor-de-rosa. Minha intenção era reproduzir ali acontecimentos cotidianos que chamassem minha atenção. Preenchi as linhas do caderno por alguns meses, até que, a certa altura, desisti, pois o prazer da escrita corria o risco de se converter em tarefa. Em algum momento da vida o caderno cor-de-rosa foi atirado à promiscuidade da cesta de lixo, como brincadeira de adolescente que não valia a pena guardar.

Mais de seis décadas depois, atingido pelo luto decorrente da morte de minha mulher, tive o impulso de escrever um novo diário. Naquele angustioso segundo semestre de 2010, era para ser um diário íntimo, acessível apenas a um grupo familiar restrito. Mas já nas primeiras páginas resolvi pedir a pessoas amigas que o lessem, para ver se valia a pena prosseguir e, quem sabe, publicar seu conteúdo. Gostaram do texto, e me disseram que publicar era uma opção pessoal. No devido tempo, eu mesmo deveria decidir.

Como àquela altura não sabia como o diário se desenrolaria nem em que momento iria terminar, escrevê-lo significava dar um tiro no escuro. Mais do que isso, enfrentar dois desejos contraditórios, o de me resguardar e o de me expor. O último acabou vencendo.

Mesmo em fases muito difíceis, não deixei de observar o mundo ao redor. Desde as primeiras anotações mesclei registros de cenas cotidianas ao tema do luto, que, assim, não se impôs como tema único do diário.

Algumas vezes, escrevi sobre fatos que tiveram sequência para além da data em que foram registrados. Esses textos, feitos no calor da hora, foram mantidos tais como eram. Isso porque a impressão do momento e a comparação entre o que sugeri como desdobramento futuro e o que veio a acontecer me parecem ter particular interesse.

Confesso, por fim, que realizei um desejo inconsciente: redimir-me da culpa pelo desaparecimento do diário de um jovem quase menino com a publicação de outro, escrito por um senhor de idade.

[2010]

17 JULHO

Estou só em São Paulo no primeiro mês após o falecimento de Cynira. Basta escrever “falecimento de Cynira” e um frio me atravessa. Mas é melhor escrever “falecimento” do que “morte”. A morte é definitiva, o nunca mais, o *never more*. Falecimento lembra desfalecimento, saída de cena temporária, o que combina melhor com essa passagem, pois Cynira é figura vital e não se compatibiliza com a ideia de extinção.

Vou ao Cemitério do Morumbi, numa primeira visita à lápide de bronze onde estão escritos os nomes de Cynira e de meu pai. Próximo à entrada, paro numa loja de flores. As donas – mãe e filha –, faladeiras, risonhas, evitam qualquer conversa sobre a morte, sobre entes queridos. Comprar flores e ir ao cemitério, que fica a cem metros de distância, são para elas atos inteiramente separados, mesmo quando lhes pergunto qual a planta que dura mais nessa seca combinada com sol forte. Escolho dois vasos de lírios, um vermelho, outro laranja, com vários botões ainda fechados.

Regateio no preço:

– Levo dois vasos, me faça trinta.

Surpreendida (será que alguém pechincha nesse tipo de situação?), a mulher me olha com certo espanto e eu me escudo no infalível “perguntar não ofende”. Ela se recompõe e me dá cinco reais de desconto! Me pergunto por que pechincho e, agora, ao escrever, me lembro de minha tia Rebecca, numa floricultura em frente ao cemitério israelita da Vila Mariana, barganhando o preço das flores que iria colocar sobre os túmulos sóbrios de minha mãe, meus tios e avós maternos.

Fico um tempo contemplando os nomes de Cynira e de meu pai, gravados na lápide de bronze, e imagino que o espaço entre eles será ocupado por mim. A ideia não me assusta porque implica que a “ordem da prateleira” será obedecida, e mais: sinto-me protegido por essas duas inscrições-pessoas que me receberão de braços abertos. Envio um alô a meu pai, tratando de estabelecer melhores relações com ele, mas o centro das minhas emoções é Cynira. Falo com ela, como se minha voz pudesse acordá-la do sono eterno (expressão horrível): digo da minha saudade, que em casa tudo está bem e até peço alguns conselhos. Derramo lágrimas amargas.

11 SETEMBRO

SOPINHA

Leio na *Folha* uma entrevista de Paulo José, que luta contra o mal de Parkinson há anos – luta que dispensa adjetivos ou advérbios. Falando de como lida com a doença no contato com outras pessoas, ele lembra algo que também sinto. Diz que é irritante ser tratado como criança pelas enfermeiras do hospital:

– Chegou a sopinha! Vovô vai tomar a sopinha agora!

Ao que ele responde, irritado:

– Porra, caralho! Que sopinha o quê?!

Já passei por situações como essa e fico pensando de que cabeças iluminadas saiu a ideia de infantilizar os idosos, como se a morte à espreita nos fizesse recuar, ilusoriamente, à condição de criança.

13 SETEMBRO

PARTIDA DO RIO

Tomo um táxi rumo ao Santos Dumont e quando o carro para no sinal (vai abrir, vai abrir) observo outro carro, ao lado. É um veículo antigo, muito bem cuidado, cuja marca não identifico. A marca não tem importância, o que me chama a atenção é o casal idoso, vestido com apuro, alheio ao calor carioca. Ele guia segurando o volante com as duas mãos e mira a rua com olhos muito atentos. Ela fica juntinho dele, olhando-o com admiração. O taxista também vê a cena e diz:

– É bonito, um casal se olhando assim. Só que quando um morrer o outro vai em seguida.

Calo diante da profecia. Já à saída do carro narro ao motorista minha situação de luto e digo que, apesar de tudo, não pretendo deixar este mundo, a não ser forçado. Quando lhe falo da minha angústia, o homem, bem mais moço do que eu, põe a mão em meu ombro e garante:

– Não se preocupe, você vai se encontrar com ela, quando o dia chegar. E vai ser um encontro muito bonito.

Por um momento acredito nas palavras do rapaz, mas depois – maldita racionalidade – percebo que suas frases ressoam em mim apenas como consolo, não como crença. Em todo caso, ele me diz coisas mais reconfortantes do que as que dizem os padres nas missas de sétimo dia, que “nosso irmão Fulano de Tal já passou para a eternidade e está agora mirando a face de Deus”. Cruz-credo, o vazio do tempo, o infinito, olhos fixos na divindade – sem pestanejar?

14 SETEMBRO

BLASFÊMIA

Em matéria de missas católicas, dessas que não terminam nunca, consegui armar um truque que me faz encontrar nelas um momento especial. Quando o padre diz, solene: “Santo, santo, santo” (mas soa como “Santos”, no plural), retruco baixinho, mesmo temendo as fogueiras da Inquisição: “Corinthians, Corinthians, Corinthians”. Certa ocasião, numa missa de sétimo dia, a senhora-moça N. me surpreendeu quando eu sussurrava a réplica. Não se molestou, como seria natural. Ao contrário, disse-me que não consegue conter o riso quando a missa chega a esse momento crucial.

15 SETEMBRO

FRUSTRAÇÃO

Antecipo em dois dias a ida ao cemitério, não sem antes passar no Uemura Flores, um galpão pelos lados da Vila Leopoldina cujo caminho só quem conhece é meu audaz motorista, conhecido, sem menosprezo, como Tanganika. Estou aprendendo pouco a pouco a distinguir o nome das flores e principalmente a gostar delas. Ir ao Uemura – veja só, Cynira – é para mim um passeio. Compro dois vasos de cíclames e flores de cemitério, que aguentam mais o sol, a chuva e os ventos. Entre elas, uma cesta de poinsétias, mais conhecidas como bicos-de-papagaio, que me fazem recordar a festa de Natal no Wilson Center, em Washington. Ao chegar ao cemitério, vinda não sei de onde, desce uma neblina que quase encobre as árvores e cria um cenário irreal. Quem sabe isso não passa de um pesadelo, estou sonhando e tudo voltará a ser como dantes? Quimera! Resigno-me a arrumar as flores, fazendo com elas uma pequena cerca que contorna a lápide de bronze. Fico na dúvida se estou protegendo meus mortos ou dificultando sua respiração.

22 SETEMBRO

UM EX-ADVERSO DE RESPEITO

A poucos metros da lápide familiar, encontro a de JBG. Ele foi a pedra no sapato dos advogados da consultoria jurídica da reitoria da USP porque representava muitos servidores em ações contra a universidade, e não recorria a circunlóquios para fustigar quem a defendesse. Nada de “ilustre diretor”, nem de “magnífico reitor”: ele viera à liça para derrotar os réus, fossem quem fossem. A lápide do ilustre causídico está muito limpa, o dourado resplandece ao sol. Esporadicamente, há flores, sobretudo orquídeas, levadas pelas mãos de alguém que não conheço. Tive vontade de perguntar a JBG se toda a brabeza valera a pena, mas fiquei na vontade.

IRONIA

Pergunta insistente que me fazem:

– Onde você vai morar?

Respondo que não pretendo sair de casa, pelo menos enquanto não for definitivamente para o Morumbi. Alguns entendem a ironia melancólica, outros não, e insistem:

– Mas você vai mudar, para morar sozinho, numa casa talvez maior que a sua e ainda por cima num bairro perigoso?

25 SETEMBRO

Depois do vazio deixado pela Cynira, passei a dar maior valor ao contato com os três netos. Me senti como o procurador da consorte, que tanto queria acompanhar a evolução da vida dos meninos. Ao mesmo tempo, eles se aproximaram mais de mim, agora que sou o único avô sobrevivente.

Conversamos, com frequência, sobre opções profissionais. Quando menino, Miguel parecia inclinado a estudar Direito, tal sua obsessão pelos direitos individuais. Toda vez que alguém da família contava uma história de dano produzido por alguém, Miguel proclamava:

– Processa!

Certa vez, quando subíamos a escadaria de uma livraria da cidade, disse a ele que não me sentia seguro e que, se tomasse um tombo, não poderia processar ninguém, pois a fragilidade era minha.

– Como não? – exclamou o Miguel. – Então para que existe o Estatuto do Idoso?

Hoje ele já não se interessa pela obediência aos contratos – *pacta sunt servanda* não quer dizer nada para ele –, pelas indenizações por perdas e danos, e nem pensa em processar alguém.

De fato, em 2009 entrou na Psicologia da USP, tomado de paixão intelectual por Jung. Quanto ao Felipe, é mais pragmático e se prepara para entrar na faculdade de economia. Só digo para ele tomar cuidado com o salto alto, expressão que precisei explicar, pois o jovem, com todo o seu brilhantismo, é jejuno em futebol.

A surpresa veio do Antonio, carioca da gema, baladeiro, craque de bola no aterro do Flamengo. Sem abandonar essas atrações, o Antonio entrou no Direito da PUC-Rio e, para surpresa minha, está gostando do curso, com as amolações inevitáveis de sempre. Conversamos sobre questões do Direito, especialmente a área penal. Há dias, sintetizando um trecho do nosso diálogo enunciei uma regra:

– *Favorabilia amplianda, odiosa restringenda.*^[1]

Não sei se ele entendeu.

26 SETEMBRO

ALVINEGRO PENDÃO DE MINHA TERRA

Num domingo luminoso de céu azul sem nuvens, o cemitério chega a ser confortador. As lápides uniformes, o gramado extenso, o terreno algo inclinado propiciam uma sensação de tranquilidade e recolhimento. Ao menos estou livre de túmulos e mausoléus que, quase sempre de gosto duvidoso, parecem soterrar os corpos ou esfarinhar ainda mais as cinzas dos mortos.

Caminho pelas vias e pelo gramado, assinalo o contraste entre as lápides bem polidas, enfeitadas com muitas flores, e as que perderam a cor brilhante, substituída por um melancólico cinza. Ao vê-las, reforço a certeza da finitude que a todos espera, como se, pelo

contrário, o brilho do bronze fosse uma prova de vida.

Depois vou em busca de lápides que tenham nomes conhecidos ou nomes que fujam dos usuais. Vislumbro uma bandeirinha com faixas horizontais brancas e vermelhas, indicando que um patriota polonês ali está enterrado. Vou adiante e vislumbro uma flâmula de cores incertas, e à medida que me aproximo distingo os contornos alvinegros da bandeira. Leio o nome do finado (outra palavra horrível). Não se trata de um cartola conhecido. Então, beijo a bandeirinha e sussurro para o correligionário:

– O time vai bem no Brasileirão, não se preocupe.

29 SETEMBRO

CONVERSAS DE TÁXI

Rio de Janeiro. Estou num táxi rumo ao Santos Dumont.

– Oito, três, meia.

– Oito, três, meia?

– É, olha a placa do ônibus.

Olhei, era o final da placa. Diante da minha incompreensão, o taxista explica:

– Jogo faz dez anos no 836, e nada. O Anísio é que fica cada vez mais rico.

Pontuo com uma obviedade:

– O bicho é bom para o bicheiro, não é bom para quem joga. A mega-sena é quase a mesma coisa, só que quem ganha é o Governo.

A observação incômoda passa em branco.

– Ainda por cima, o Anísio tem um triplex de cobertura aqui na avenida Atlântica, de frente pro mar. Eu ajudei a comprar. Já, já eu lhe mostro.

– Bom, você deve ter ajudado com meio tijolo, quando muito.

– Pode ser, mas ajudei.

Eu, moralizando:

– Não acho que a gente deva invejar a vida do Anísio. Ele esteve preso e até mandou matar alguns concorrentes.

– Isso é verdade. Eu estava passando aqui pela avenida uma vez e vi a prisão do cara. Tinha um montão de gente na calçada.

Me pareceu que ele simplesmente confirmou o fato da prisão, sem se convencer muito da minha observação sobre o destino dos maus.

– Sabe, outro dia um passageiro deixou no banco de trás, aí onde você está, um livro de história do Rio de Janeiro. Eu li, mas vou ler de novo porque era um livro desses grandes, com umas quarenta páginas. Lá conta a história do barão Brummond, um barão do tempo do Império que perdeu uma grana que ele ganhava do imperador. Então, no Jardim Zoológico, ele inventou o jogo do bicho. Devia ser mais divertido do que hoje. A turma jogava, alguém perdia e alguém ganhava, e, conforme o bicho dava, subia a figurinha dele num poste. Isso também é

história, não é?

– Claro que é – disse eu, admirando a modernidade do taxista, no campo dos objetos da história. Com isso, me animei a corrigi-lo:

– A história é essa mesmo, só que o nome do barão era Drummond e não Brummond.

– Ah, isso mesmo, Drummond de Andrade, não é?

Explico que Drummond de Andrade era um poeta, e tão famoso que fizeram uma estátua dele sentado num banco, na frente do mar, em Ipanema.

O taxista não se lembra da estátua e desconfia:

– Se não era Drummond de Andrade, como era o nome completo dele?

– Não sei, Drummond era sobrenome, quem sabe o nome dele era Carlos.

Errei o tiro. O homem se iluminou:

– Agora me lembro, era o barão Carlos Drummond de Andrade.

– Deve ser – respondo, resignado.

10 OUTUBRO

CONVERSAS DE CEMITÉRIO

Gosto de cruzar com pessoas quando caminho pelas ruas do cemitério. Quase sempre, cumprimento. Sinto que uma solidariedade discreta nos une por instantes, tecida pelo respeito e pela dor. Quando possível, inicio uma conversa.

Semanas atrás, dei com um nissei de certa idade que, tal como eu, jogava flores murchas num cesto de lixo. Travamos uma conversa que fora daquele ambiente seria banal, mas que ali ganhava outro sentido.

– Meu irmão se foi antes de mim, é estranho porque ele era mais novo e mais forte do que eu – observa o homem.

Digo que desses mistérios nada sabemos (seria muita hipocrisia falar nos “desígnios de Deus”).

– É mesmo. Só sei que esse nosso último apartamento é meio apertado, não é?

Hoje dou com um casal idoso de portugueses, de aparência modesta. Não ousou lhes perguntar quem estava ali dormindo o sono eterno (mais uma frase horrível). Respondem a algumas palavras minhas, muito educados mas com brevidade. Parecem deprimidos, e quem sou eu para tirá-los desse estado?

Antes de sair, volto rapidamente à lápide dos meus. A angústia me invade: como posso deixar a Cynira ali, abandonada em meio ao sol, ao calor, à chuva? Corre um vento frio. Como vou abandonar você, Cynira, menina do interior, sempre friorenta?

15 OUTUBRO

Foi por via indireta que conheci Marilúcia, a quem chamava, com ironia, de Doutora das Almas. Analista da Cynira, eu só a vira de relance, mas evocava seu nome em nossas rugas conjugais, por conta da obsessão de Cynira pelo trabalho.

– Que diabo, Cynira, você passa décadas fazendo análise com ela e continua do mesmo jeito?

(Dizia-me sabiamente o dr. cr: “Você quer concorrer com o amante dela, o Vera Cruz, quando você é apenas o marido?”.)

Uma referência de Cynira a Marilúcia me fez perceber que ela estava nos últimos meses de vida. Pulara alguns dias de análise, coisa que nunca fizera, e então lhe perguntei se estava acontecendo alguma coisa. A resposta me atingiu em cheio:

– Já estou girando em outra esfera e não tenho mais o que fazer no consultório da Marilúcia.

Mas ambas ainda se encontrariam nas últimas semanas de hospital. Mais de uma vez, Marilúcia esteve com Cynira no quarto. Naqueles dias penosos, sua presença nos liberou a mim e aos filhos de ficar no quarto do hospital por horas e horas, e visivelmente preferia ficar a sós com Cynira. Nunca vou saber o que conversaram, se é que não preferiram o silêncio.

Apesar do apoio extraordinário de Marilúcia, no primeiro contato no hospital achei-a fria e distante. (Ouço a voz de Cynira: “Você não é o centro do mundo” ...) Depois sua presença, tão consoladora, obrigou-me a mudar de opinião.

Na saída da dura cerimônia de cremação, apesar do ambiente sóbrio do Cemitério Horto da Paz, Marilúcia se aproximou de mim e disse que estava às ordens para uma conversa. Respondi de chofre com uma pergunta angustiada:

– Como a Cynira me via?

– Ela te amava profundamente.

Depois desse breve diálogo, decidi que devia mudar de analista e ir em busca de uma figura feminina. Marquei um encontro com Marilúcia, em seu consultório, para que ela me aconselhasse. Já na pequena sala de espera senti o que é o toque feminino, em contraste com o masculino. CR possui um conjunto de salas amplo, frio por força da iluminação e das estantes modernas, sem marca pessoal. Não o culpo, porque, se eu tivesse de montar um consultório, não ficaria muito longe disso, a não ser com ajuda feminina, embora nos últimos tempos venha me esforçando para diversificar os ambientes em que vivo.

A salinha de espera de Marilúcia recende a feminilidade no aconchego criado pelas flores sempre frescas, mergulhadas numa pequena jarra com água, nos livros de exposições de pintura e até numa estranha instalação – uma cabeça assemelhada a uma máscara, que é possível abrir, como se fôssemos desvendar os mistérios do cérebro. Quem conseguir fazer a cabeça funcionar, vai assistir a um filmete abstrato, de cores que se entrecruzam, creio eu. *Creio* apenas, porque, com a minha costumeira inabilidade, fracassei nas várias tentativas de fazê-la funcionar.

Disse a Marilúcia que estava em busca de uma analista mulher e que estava ali para pedir uma indicação. Frisei ainda que minha escolha recairia nela, não fosse a impossibilidade. A

resposta me surpreendeu:

– Não vejo impedimento em atender você.

Ponderei que, como ela havia sido analista da Cynira por muitos e muitos anos, talvez houvesse aí um impedimento. Marilúcia me respondeu que não, que ela saberia conduzir a análise e separar os dois mundos com tranquilidade. Pedi que eu pensasse e depois de duas semanas retornasse ao consultório para falar com ela. Eu já estava decidido, mas aceitei a “quarentena” – que não tinha quarenta dias e não teve, sequer, duas semanas.

E lá estou até hoje, duas vezes por semana. A princípio, achei exagerada a dose dupla, mas percebi a necessidade. O intervalo entre terça e quinta quase sempre é razoável, mas o que vai de quinta a terça, com o temível fim de semana no meio, chega a ser duro de aguentar.

Me entendi maravilhosamente com Marilúcia desde os primeiros encontros. Em dias muito penosos, ela me apoiou na minha tristeza, me fez avançar na compreensão do fenômeno do luto, embora compreensão e aceitação da realidade gerem sentimentos distintos.

16 OUTUBRO

REENCONTRO

Na segunda semana do luto fui ao restaurante Mani com os filhos. Numa mesa próxima, vejo uma senhora de corpo avantajado e de belos olhos azuis. É RM, minha “inclinação”, digamos assim, de outros tempos. Ela se aproxima e me apresenta um americano alto, magro, professor de uma universidade da Virgínia, que fala um arrastado “muito prazer” (que expressão mais inexpressiva: prazer por quê?) e me estende a mão. RM me beija formalmente e dá a entender, obliquamente, que soube da morte de Cynira.

– Liga pra mim, meu telefone está em nome da Cynira – digo a ela.

Responde que sabe onde me encontrar. Ao sugerir que ela tomasse a iniciativa, percebi que as dúvidas sobre um reencontro, depois de mais de duas décadas, eram muitas. Mas fiquei me perguntando quem propiciara esse reencontro aparentemente com hora e local marcados? Cheguei à conclusão de que tudo não passava de uma grande coincidência, uma brincadeira do acaso, personagem mais forte do que a mão da Providência.

20 OUTUBRO

CINZAS

Agora é cinza
tudo acabado e nada mais
Bide e Armando Marçal

Controlamos o destino dos corpos, podemos fazê-los se converterem em ossadas, e podemos cremá-los, alternativa menos dolorosa. Quem se vai tomado pelas chamas torna-se uma

abstração, ainda que uma abstração dolorida. Pensar em alguém cheio de vida, convertido em esqueleto, em ser ossudo, de dentes rilhados – é simplesmente terrível.

21 NOVEMBRO

HISTÓRIA DIFÍCIL

Hoje, domingo à noite, minha neurose dominical é sacudida pelo toque do telefone. É o Nelson. Não é bom augúrio, mas tenho de enfrentar. Conversa breve, cortada por uma pergunta com ar de naturalidade:

– Estou precisando resolver algumas coisas. Vocês aceitariam acolher parte das minhas cinzas em São Paulo? Só uma parte, porque a outra vai ser espalhada num velho cemitério quase abandonado em New Hampshire, perto da minha casa.

Absorvo o choque – já não me abalo tanto com coisas insólitas – e respondo que sim, que temos ainda espaço para algumas gavetas no Cemitério do Morumby. Seu desejo me traz o poema de Mário de Andrade, que não recomendou espalhar suas cinzas, mas partes de seu corpo, em vários pontos de São Paulo:

*Quando eu morrer quero ficar,
Não contem aos meus inimigos,
Sepultado em minha cidade,
Saudade.*

*Meus pés enterrem na rua Aurora,
No Paissandu deixem meu sexo,
Na Lopes Chaves a cabeça
Esqueçam.*

No domingo seguinte, a proposta se amplia:

– A Ann gostaria que suas cinzas ficassem ao lado das minhas, em São Paulo.

Solícito e ao mesmo tempo irritado, digo que não haverá espaço para tanto, por exigência da administração do cemitério, apesar de cinzas poderem ocupar espaços infinitos.

– Se quiser, posso verificar a possibilidade de se comprar um novo jazigo.

Evito concluir com “privativo de vocês”.

Converso com a administração na segunda-feira, por telefone, e me oferecem um terreno próximo ao meu. O preço é elevado. Consulto os filhos. Eles aprovam a ideia, e o Sergio, para quebrar a situação delicada, comenta com certa ironia:

– É um bom investimento, um local que mais dia, menos dia vamos utilizar com certeza.

Uma semana se passa. Falo de novo com o Nelson, que começou a tomar um remédio

experimental para combater o mieloma. Sua voz está melhor, os primeiros resultados foram positivos e o assunto das cinzas é deixado de lado. Não volto a perguntar.

1º DEZEMBRO

PRECIPITAÇÃO?

Marco um encontro num bom restaurante, com a professora P., velha amiga. Deu tudo errado. Cheguei tarde, como raramente me acontece, bloqueado na rua Oscar Freire.

Peço desculpas pelo atraso, e P. me parece bonita, magra de corpo, discreto vestido branco. Imaginei que aí estava uma chance de um entendimento para além da amizade, pois ambos estávamos livres.

Fazemos os pedidos, o diálogo se desenrola amistoso e fácil, até que ela o interrompe com uma ríspida afirmação:

– Eu odeio o PSDB.

Surpresa: a política não fazia parte da conversa. Tratei de amenizar seu ódio, afinal de contas não sou membro do PSDB e não pretendia deixar o encontro se perder por sua veemência. Mas aquela frase realmente introduziu uma nota estranha à ocasião.

Tratei de mudar de rumo, e algumas frases adiante propus um entendimento que ia além da amizade. Só produzi espanto.

– Depois da ruptura difícil, que você conhece, fechei esse departamento. Gosto de viver sozinha e me sinto muito bem.

O restante do almoço se arrastou, como os minutos de um jogo perdido, à espera do apito final.

Conselho dos netos, a quem contei essa história:

– Que é isso, vô? Você precisa aprender a distinguir amigas de namoradas.

Vou tentar.

19 DEZEMBRO

FINS DE SEMANA

Visita frustrante ao cemitério. Junto à lápide, não consegui me comunicar com Cynira e meu pai, levei poucas flores e tudo me pareceu muito formal. Não sei se isso tem a ver com a intensificação das relações com R. ou se é por hoje ser sábado.

Decido não ir mais aos fins de semana. Eles ficam mais tristes do que já são.

20 DEZEMBRO

VÃO-SE OS ANÉIS, FICAM OS DEDOS?

Olho o dedo anular e vejo o percurso que tomou o meu anel. A princípio, pus e tirei, de acordo com as circunstâncias; por fim, acabei tirando para sempre. Achava que pelo menos a marca do anel ficaria. Engano: a marca se tornou invisível. A lembrança e a tristeza, não.

- 1 “Ampliem-se as disposições favoráveis, restrinjam-se as desfavoráveis.” Princípio interpretativo do Direito, sobretudo na área das garantias individuais.

[2011]

2 FEVEREIRO

ENTRADAS E SAÍDAS

Marilúcia tem reações diferentes quando entro e quando saio dos encontros (ela não gosta da palavra *sessão*, nem eu). Na entrada, fica de olhos baixos e estende a mão, inexpressiva; na saída, sorri, e às vezes percebo uma luz em seus olhos. Quando lhe perguntei se era uma atitude deliberada, respondeu que sim, pois na entrada ela se concentra no caso do cliente e prefere evitar interferências que a perturbem.

Numa saída, Marilúcia fez uma observação surpreendente:

– Você se despede tocando minha mão com a ponta dos dedos, como se quisesse fugir.

Respondo que na próxima vez vou tratar de lhe quebrar os ossos. Não chego a tanto e nem poderia, mas agora a fito e aperto sua mão efusivamente.

12 MARÇO

DUREZA MATERIALISTA

Na análise, implico com pouca coisa. A psicologização excessiva, talvez, embora seja o viés natural da profissão. Tenho reticências, digamos assim, quanto a sua postura materialista, uma convicção que não admite brechas. Não consigo crer, mas posso às vezes imaginar um reencontro com Cynira, nós dois como duas luzinhas no infinito, pondo a conversa em dia. Ao falar dessa fantasia a Marilúcia, ela foi muito dura:

– Você tem de partir do fato de que a Cynira não existe mais.

Ao escrever, a frase ainda me faz mal: como imaginar Cynira equiparada ao nada, ela que foi sempre e sempre vida?

Nem contei a Marilúcia o que senti ao ver o filme de Clint Eastwood *Além da vida*, em que vivos e mortos transmitem suas experiências. Saí do cinema num estado de espírito de pura transcendência, repetindo em voz alta no carro:

– Você existe, você existe, estamos juntos, tenho certeza disso.

Infelizmente, esse sentimento de continuidade e reencontro não durou. No dia seguinte o ceticismo já havia se instalado.

De qualquer forma, li uma resenha que considera o filme fraco como cinema, algo para quem acredita na vida após a morte, ou para quem perdeu um ente querido. E se de repente gente assim tem mais sensibilidade para as coisas deste e do outro mundo?

18 ABRIL

MEINHO

Releio desordenadamente as memórias que Oswald de Andrade começou, mas não concluiu, cortado pela morte. Nas primeiras páginas há um trecho em que ele diz: “Às vezes acordava na larga cama de meus pais. Dormia no *meinho*. Um cheiro bom de café fazia voltar-me”.

Também o Carlos e o Sergio, rotativamente, dormiram na nossa cama. De onde eu, Cynira ou um dos meninos tirou a mesma expressão usada por Oswald: “meinho”? Do livro? Não sei. Mas eram lindos os tempos do meinho.

13 MAIO

DIÁLOGOS COM ÂNGELA

Ângela, que nasceu há cinquenta e mais anos e sempre viveu em Ibiúna, é quem cuida da minha “segunda residência”, como gostam de dizer os franceses. Toda vez que conversamos, procuro conduzir o diálogo para o mundo ao seu redor, as histórias do tempo em que “Ibiúna não era nada”. Sempre tivemos longas conversas pela manhã, enquanto Cynira ainda dormia, pois gostava de acordar mais tarde, e, quando ela enfim surgia com seu roupão branco, nos interpelava:

– Do que vocês tanto falam?

Ainda hoje continuamos a conversar, mas sinto uma enorme falta de ser interrompido. Dessas conversas, recordo um diálogo anatômico. Estou sentado torto numa cadeira, quando Ângela observa:

– *Dotor* Boris, não senta *ansim* depressa que o senhor machuca o toco do rabo.

Demorei uns segundos, mas saquei:

– Sabe como se chama o osso do rabo em linguagem de médico? Chama cóccix.

– Que nome mais esquisito, eu nem arrisco falar.

30 SETEMBRO

FRUTOS DO CAPITALISMO

A *Folha* de ontem publicou matéria em que um advogado de Bauru é acusado por uma das filhas de ter abusado sexualmente de filhos, uma sobrinha e uma cunhada. O caso é tenebroso e não sei se o causídico tem culpa ou não. O curioso é o histórico do homem e a sequência. Advogado sindical, foi membro da Comissão de Direitos Humanos da OAB, candidato derrotado a vereador e a prefeito da cidade pelo PSTU. Uma nota publicada pelo partido diz que o advogado está fora de seus quadros há três anos, e exige a apuração do caso. Trecho da primorosa nota partidária: “Essas situações são fruto do modo de produção capitalista, que utiliza a opressão como meio de manter a exploração”.

1º OUTUBRO

POBREZA RELATIVA

Por muito tempo, Ângela insistia em ressaltar sua condição de pobreza. Até que um dia, ouvindo um CD de Orlando Silva, perguntei a ela:

- Você conhece alguma dessas músicas?
- Não, não conheço, *dotor* Boris.
- Mas seus pais deviam conhecer porque tocavam muito no rádio.
- É, mas nós não tinha rádio naquele tempo, a gente era muito pobre, o dinheiro sempre faltava.

História triste? Não, tendo em conta o arremate:

- Hoje a gente é rico. Temos rádio, televisão, aparelho de som, não falta nada.

AINDA A ÂNGELA: FANTASMAS

Não sei como veio a pergunta, só sei que saltou no meio de uma conversa.

- Ângela, você sabe o que é o saci?
 - Sei sim – respondeu, meio incomodada. – É aquele pretinho de chapéu vermelho que fuma um cachimbinho e tem uma perna só.
 - Alguém aqui viu o saci?
 - Só gente mais antiga. Gente nova não sei de ninguém que viu.
 - Mas então, será que ele existe?
 - Olha, *dotor* Boris, eu não sei muito bem, mas acho que o saci desapareceu e já não se vê hoje, como também não se vê a mula sem cabeça. Isso não é prova que inventaram o saci. Não existiram tantos bichos no mundo que agora não existem mais?
- Fiquei sem resposta diante da Ângela darwiniana.

2 OUTUBRO

FALA CAIPIRA

A beleza da fala dos caipiras de Ibiúna, que vai se perdendo na sucessão das novas gerações, consiste principalmente na utilização de palavras em desuso. Isso se explica porque a região ficou à margem da expansão de todo o estado, pois a terra não servia para o plantio do café. Exemplos: “Fulano é andejo”, “A família de sicrano está à míngua, como fala o caipira”. Trato de ser pedagógico:

- Caipira? Você está falando um excelente português.

Não sei se a Ângela chegou a entender.

4-5 OUTUBRO

Chega pelo correio a *Storia del Brasile*, versão em italiano da minha *História do Brasil*, recebida com grande satisfação, depois de muitos anos de espera. Na capa – eu já sabia disso e a ideia não me agradava – aparece a escultura do Niemeyer inspirada no Eduardo Galeano (*Veias abertas da América Latina*). Mas há mais: fotografias mal impressas, com legendas tendenciosas, sobretudo quando se trata das figuras presidenciais. Reclamei, fui ignorado e ficou por isso mesmo.

6–12 OUTUBRO

DIAMANTINA

Luciano Figueiredo, diretor da *Revista de História da Biblioteca Nacional*, me convida para abrir o i Festival de História, o fHist, em Diamantina. O convite vem a calhar. Havia muito pensava em conhecer a cidade, o antigo Arraial do Tijuco, fora do circuito das mais conhecidas cidades históricas de Minas. Sempre me atraiu essa região dos diamantes que parece ter sido blindada pelos potentados e esbirros da Metrópole portuguesa, com muito menos brechas para o contrabando do que a região do ouro.

Em Belo Horizonte encontro com Luciano, crítico de arte do Rio, e sua mulher, Sandra, de meia-idade como o marido, falante, com uma gargalhada rouca de viciada em cigarro. De carro, seguimos para Diamantina para percorrer quase trezentos quilômetros. Paramos em uma grande lanchonete, bem típica da terra – o Rancho da Vaca, se bem me lembro – com sua variedade de doces caseiros, pastéis, pães de queijo e cachaças de rótulos e cores imprevisíveis, enfileiradas em prateleiras extensas. Um belo teto travejado de madeira, que me lembra a casa de Ibiúna, mas em proporção muito maior, dá ao ambiente um ar rústico acolhedor.

Quando vamos ao que comer, me sinto fora dos gonzos. Misto-quente, bauru, nem pensar. Nos sanduíches a que meus amigos se atiram, saudosos de outras viagens, espreme-se uma gordurosa linguiça, apertada no meio de duas fatias de pão. Na minha confusão de iniciante – me senti como se estivesse num país estrangeiro –, esqueci da alternativa do queijo de minas, que, aliás, ninguém me sugere. Por fim, mastigo dois saborosos pães de queijo e um enorme pastel carregado de vento.

De volta ao carro, subimos uma serra cheia de curvas, que me lembrou a velha estrada de Campos do Jordão. A certa altura, fomos surpreendidos por uma pesada chuva e uma densa cerração. A paisagem montanhosa tornou-a fantasmagórica, deixando entrever, em breves momentos, as montanhas descabeçadas, imersas na neblina. Só na volta pude contemplar, sob um sol vacilante, aquele conjunto pedregoso, que faz parte da serra do Espinhaço e da serra do Cristal.

Diamantina me encantou desde o primeiro passeio a pé. Caminhei com dificuldade no calçamento do século XIX formado por grandes lajes de pedra chamadas capistranas, por conta de quem determinou o calçamento, o presidente da província de Minas Gerais, João Capistrano Bandeira de Melo, durante o Segundo Reinado. À primeira vista menos impactante do que Ouro Preto, Diamantina guarda ainda um encanto especial, com mais autenticidade e

menos turismo. As igrejas são belas, mas, como não entendo de arquitetura, o que mais me seduziu foram as ladeiras estreitas e os sobrados com varandas no alto.

Como em lugar nenhum tudo é perfeito, as ruas da cidade são atormentadas por motos e carros velhos com um alto-falante na capota, do qual emanam berros anunciando produtos de todo tipo. Ao vê-los, me sinto lamentavelmente em casa, nas ruas de Ibiúna, das quais fujo sempre que posso. As motos me lembram as maravilhosas cidades portuguesas (Guimarães, Vila Real, Amarante), cujo silêncio é violentado pelas “motorizadas”, no dizer dos lusos.

Na pousada confortável, resolvo arriscar a comida mineira. Escolho o ora-pro-nobis com lascas de filé, boa escolha. O pro nobis (qual seria a razão do nome?) é uma verdura que, dizem, contém muito ferro. Mas não vou além dessa aventura, passando ao largo do torresmo, das heréticas carnes de porco, do pesado feijão-tropeiro, para não falar da cachaça. Rechaço também o restaurante pago pela organização do festival, que me dizem ser fraquinho. Vou ao Apocalipse, que vale tanto pelo nome como pelo ambiente: um enorme salão no andar de cima de uma casa do início do século xx, ostentando um terraço que se abre para a praça do mercado, de onde se avistam as montanhas ao fundo. O *self-service* nada tem de especial, mas é bem razoável. De sobremesa, o mineiro com botas, quase obrigatório.

Estive também em um restaurante árabe, instalado próximo à tenda onde se realiza o encontro. É de um filho de libanês, jovem e jovial, que há seis anos se mudou de São Paulo e faz grande sucesso com a combinação de bons pratos e ausência de concorrentes.

Abro o festival numa tenda de grandes proporções, bem instalada na praça Doutor Prado, assim mesmo, sem primeiro nome. Muita gente, holofotes ofuscantes que impedem a troca de olhares com a plateia. Enfim me saí bem e, segundo me disseram os mais próximos, fui ouvido em religioso silêncio, embora minha missa não promettesse a salvação.

Foi gratificante ser convertido em “*pop star*” por uma semana. Autógrafos, aproximações para conversa e até um papel em branco, que eu deveria assinar, coisa que evidentemente não fiz. O melhor da festa, conforme o caso, é tirar fotos com meninas e senhoras, que me beijam, jogam o cabelo no meu rosto, me apertam com força. No último dia em Diamantina, quando almoçava com um grupo no restaurante árabe, apareceu uma senhora-moça, na casa dos quarenta, pelo menos na aparência, muito alta e que me impressionou profundamente. Não pelo corpo, em digna transição para a idade madura, mas por um rosto de traços sinuosos, transpirando sensualidade.

Conversamos brevemente sobre seu trabalho de restauradora de papéis antigos e, ao reler o *folder* da programação do fHist, fiquei sabendo seu nome. Encanto de alguns minutos. Mas parei por aí e não fui em busca da senhora-moça quando ela se foi, por um temor frustrante do ridículo.

Constato uma coisa importante. Minha *História do Brasil* tem influência maior do que eu imaginava, em pelo menos duas gerações de estudantes e de professoras, de Montes Claros a Manaus. Entro em contato com vários historiadores. Menciono dois: Daniel Aarão Reis, que faz uma intervenção muito interessante sobre os anos da ditadura, diz com toda a clareza que a esquerda armada não lutou pela democracia e sim por algo que imaginava ser o socialismo. Fala com a autoridade de quem participou da Dissidência da Guanabara, originária do PCB, que

se transformou no MR-8, responsável pelo sequestro do embaixador americano. Senhor de si, é um excelente conversador e contou, num misto de bom humor, ironia e drama, durante um jantar no árabe, peripécias da formação e da deformação dos grupos da esquerda, como foi o caso da própria Dissidência.

O outro é Ronaldo Vainfas, um dos nossos melhores historiadores do período colonial. Ele fala, algo displicente, de seu livro acerca dos judeus sefardis na Holanda, no Recife e nos Estados Unidos. Para assistir à fala do Vainfas, deixei de ir ao concerto de um grupo local na igreja de São Francisco, em que despontava uma senhora francesa como flautista. Tem um forte sotaque, mas vive há anos no Rio e está muito ligada a Diamantina, onde promove a música clássica. Ela falara comigo depois da minha palestra, me elogiando e insistindo muito para que eu fosse ao concerto. Disse, emocionada (como reações a certas falas são imponderáveis!), que se lembrara de seu pai, partidário de Mussolini. Diante da minha automática contrariedade facial, retificou o dito, dizendo que felizmente seu pai mudara de ideia.

Saí antes da fala do Vainfas terminar, só a tempo de assistir a um bis na igreja de São Francisco, em que a flautista francesa tocava junto ao público, como figura principal. Fui cumprimentá-la, mas ela não me reconheceu, ou preferiu não me reconhecer. À saída, uma senhora me abordou e emitiu uma cantilena admirativa:

– O senhor é um grande talento, um grande escritor, não passa uma semana sem que eu leia um capítulo dos *Donos do poder!*

Da minha parte, silêncio piedoso. Ou obsequioso. Dou aqui o crédito ao Raymundo Faoro, onde quer que ele esteja.

No sábado, fui conhecer a vila de Biribiri, a uns quinze quilômetros de Diamantina, percorridos em estrada de terra. Contratei um táxi e o detalhe do táxi não é irrelevante. Biribiri fica num estreito vale entre a serra do Espinhaço e o rio do mesmo nome. A vila foi fundada em 1876 pelo bispo de Diamantina dom João Antônio dos Santos, que ali instalou uma fábrica de tecidos, pioneira da indústria têxtil, com a razão social de Santos & Cia. A fábrica de vinte teares ganhou impulso e chegou a contar com seiscentos operários, sendo que a vila tinha cerca de 2 mil habitantes.

Tudo isso desapareceu. Hoje, na área que, se não me engano, pertence à Companhia Industrial de Estamparia, mora apenas um punhado de pessoas que cuidam da manutenção do local e da recepção aos visitantes.

A igreja do Sagrado Coração de Jesus, cercada de palmeiras-imperiais de caule muito fino, é de uma sobriedade comovente. Junto ao altar esquerdo de três altares, encontra-se uma imagem de Nossa Senhora dos Tecelões, protetora das operárias, que hoje descansa em paz porque ficou sem função.

Próximo à igreja estão enterrados os restos mortais de um político e historiador do tempo do Império, Joaquim Felício dos Santos, por certo parente do bispo João Antônio, autor de uma obra clássica, *Memórias do distrito diamantino da comarca do Serro Frio*, publicada em 1868. No livro, fonte indispensável para os estudos históricos da região, esse republicano inquieto narra a história de Chica da Silva, pois, como advogado, assumiu a defesa dos interesses de seus

herdeiros.

O restaurante Raimundo Sem Braço garante oferecer boa comida mineira. O nome é uma expressão literal do dono: Raimundo perdeu o braço num acidente de trabalho. Entrei na tasca, que tinha algo de atraente na sua simplicidade, e fiquei tentado por uma carne de panela, mas me segurei, pensando nas condições higiênicas do local. Exagero?

No enorme galpão em que fora outrora a fábrica, há um espaço à parte, em que funciona dia e noite (como me informou com orgulho um dos habitantes da vila) o gerador de energia, importado da Alemanha, que abastece a vila. Os teares remanescentes, dispostos em fileiras, exibem ainda restos de fios de tecido, como se tivessem sido surpreendidos por um golpe mortal.

Na ida, o taxista que me levou a Biribiri ficou em trivialidades: “Leva tantos minutos para chegar”, “A estrada está bem ruinzinha”, coisas assim. Na volta, já mais íntimos (a rapidez com que se fica íntimo no Brasil), o Murilo passou a falar da família e me disse, com orgulho, que uma de suas duas filhas estava se formando em química e pretendia, além de trabalhar, fazer mestrado e doutorado.

- E a sua outra filha, o que faz?
- Ela vende produtos eróticos.
- Mas onde ela compra esses produtos?
- Na internet, naturalmente.

Me animei com a história e perguntei que produtos ela oferecia às mulheres supostamente recatadas de Diamantina. Ele enumerou cremes japoneses, afrodisíacos, pomadas excitantes. Não resisti e perguntei, surpreso comigo mesmo:

- Sua filha não oferece vibradores?

Diante da negativa, cheguei a sugerir que um vibrador deve ser melhor do que muitos maridos estressados. Ele gostou da ideia e ficou de falar com a jovem. Eu quis saber como sua mulher reagia às atividades comerciais, algo incomuns, da filha.

– Ah, minha família é muito liberal. Faz uns dias, fui passar um fim de semana com minha mulher em Turmalina. Minha filha se despediu de nós com um presente: “É um creminho japonês, vai ajudar vocês”.

As coisas não pararam por aí. O homem se animou, talvez porque tenha gostado daquele senhor idoso que até lhe dava conselhos comerciais em matéria de atrações eróticas, e lançou uma frase horrível:

- De vez em quando eu mijo pra fora, mas é preciso ter cuidado.

Levei alguns segundos para entender a frase. Murilo insistiu no tema e me explicou a razão de seu receio, que nada tinha a ver com a infidelidade conjugal.

– Sabe, eu não sou rico, mas tenho carro novo, uma casa mais ou menos e não falta mulher pra me pegar no pulo. Elas parecem muito amigas, levam camisinha pra gente, só que a camisinha é furada com um alfinete. Eu não caio nessa. Sou eu quem leva a camisinha e até usar não tiro o olho dela.

Depois da grossura, garantiu que as relações entre homem e mulher tinham melhorado

muito. No tempo antigo, as moças casavam virgens e só se transava no escuro, porque não era pra ver o corpo da mulher.

Fim do passeio. Como a conversa, na minha ótica, chegara a um acentuado grau de intimidade, sugeri ao Murilo que cobrasse cem reais, em vez dos cento e vinte que tínhamos combinado. Ele fez pé firme e percebi que conversa é conversa, negócio é negócio.

16 OUTUBRO

NADA DE PRESSA

Leio na *Folha* uma matéria sobre os noventa anos de dom Paulo Evaristo Arns. A certa altura, ele diz: “Estou preparado para a morte, mas não tenho pressa”. Da minha parte, pressa também não tenho. Algum dia estarei preparado?

ZÉ DO CAIXÃO

À noite, vou com Magda à Cinemateca assistir a um filme do Zé do Caixão. Conheci Magda à saída de um encontro na casa de LG, que fazia anos. Na ocasião, ela me explicou que a Sociedade Brasileira de Psicanálise estava realizando um festival cinematográfico com filmes sobre a América Latina e me convidou para comentar o filme do Cao Hamburger *O dia em que meus pais saíram de férias*, numa sessão em que seria mediadora. Respondi que sim e, num domingo, ela veio me buscar em casa, no seu Pajero, dirigido pelo marido.

Agora, Magda me dá nova carona para uma sessão de *O estranho mundo de Zé do Caixão*. Deixo de lado um joguinho de pôquer para manter a diversidade de contatos e também por conta do personagem, diante do qual sempre tive uma preconceituosa postura de “não vi e não gostei”.

Pois o filme me impactou desde as primeiras cenas. Apesar da evidente falta de recursos – e até por isso – o filme mexe com as entranhas, numa combinação de morte, sexo, estupro, profanação de símbolos eclesiais. Tudo em três episódios: “O fabricante de bonecas”, “Taras” (título que obviamente lembra um filme pornográfico) e “Ideologia” (o instinto triunfante sobre a razão). Tão logo as luzes se acendem, expresso em duas palavras minha impressão do filme a LM, que será o mediador da mesa. Para minha surpresa, ele se diz indiferente, no que foi apoiado por PP, que usou a reação de LM como argumento de autoridade.

Depois do intervalo, este toma a palavra para justificar por que o filme não lhe interessara. Como não lhe falta inteligência, trata de demonstrar que o filme é recheado de clichês e não remete a nenhuma simbologia, sendo comparável à produção de Nelson Rodrigues, do pintor Vic Muniz, de Paulo Coelho... Não chega a terminar, interrompido por protestos de “não, não!” disparados por mim e duas psicanalistas.

Falo após as moças e rebato os argumentos de LM, dizendo que tínhamos visto um filme de vanguarda, sim, de vanguarda, inclusive pela trilha sonora, que lembrava o tropicalismo, Tom Zé e Arrigo Barnabé. Lembro que uma das cenas de “Taras” – em que a noiva é morta por uma

facada no dia do casamento – pode ter sido inspirada num crime ocorrido na igreja de Santa Terezinha, na rua Maranhão. Um tresloucado, apaixonado pela noiva, matou-a com uma facada durante a cerimônia do casamento. LM lembra que tivera contato com o assassino, até recentemente, no Manicômio Judiciário.

Em seguida fala o jornalista Agabiti Fernandez, que defendeu em Paris uma tese sobre o Zé do Caixão. Ele desvenda muitos aspectos das condições de filmagem e das relações entre a obra e textos eruditos e populares, dando uma dimensão explicativa ao que, pelo menos para mim, permanecera no nível da emoção. Interessa-se pelo crime da rua Maranhão e diz ser possível que tenha influído no episódio do filme, pois Mojica sempre teve grande atração pelo *faitdivers*. À saída nos conta que exibira trechos dos filmes de Zé do Caixão durante a defesa de sua tese, para espanto (positivo) geral.

Enfim, a reduzida plateia (a noite é de chuva e um frio inesperado para o mês de outubro) divide-se em duas tendências, e vou para casa feliz, conduzido pela Magda.

O impacto do filme foi um dos temas da sessão de análise com Marilúcia, e ela, que aliás não pertence à Sociedade Brasileira de Psicanálise, ponderou que aquele grupo, assim como os psicanalistas em geral, resistem em analisar a questão das relações entre a pulsão libidinal e a morte. Isso é uma pena, pois o tema é central na obra de Freud e praticamente não tinha avançado desde as lições do mestre.

Verdade, viés, exagero? Não sei dizer. Em todo caso, Marilúcia me recomendou a leitura de *Além do princípio do prazer*, que vou programar para logo, logo.

Chego da Cinemateca e encontro um recado do Nelson na secretária eletrônica. Embora seja tarde, e eu esteja cansado, o dever de ligar se impõe. Fico contente em saber que Nelson progride, depois de duas mortes anunciadas. Daí, ele parte para as suas “ousadias”, e fala na probabilidade de vir ao Brasil. Quis saber como se chama aquele lugar em que nós (a família) fomos “depois que a Cynira morreu”. A frase seca me provoca mal-estar. A muito custo, percebo que ele está pensando em São Bento do Sapucaí. Digo que é má ideia, o hotel é bom, a comida é boa, mas tudo é cercado de subidas e descidas. Se ele quisesse mesmo vir ao Brasil, sugeri que viesse a São Paulo e depois poderíamos ir a Ibiúna por alguns dias. Me respondeu com uma pergunta: eu toparia ir com ele? Respondi que sim, mesmo porque, naturalmente, ele viria acompanhado.

– Não, se eu for, só especulando, vou sozinho, pois já dou conta de tudo, inclusive da diálise.

Que força de vida o faz imaginar essa insensatez? Não creio que vá insistir, mas se acontecer, com jeito, tenho de trazê-lo à realidade.

18 OUTUBRO

PAIS E FILHOS

Sergio me telefona à noite e eu, com delicadeza, digo que fui ao cemitério ontem. Ele percebe a alusão e responde que há muito não visita a lápide e que no próximo sábado irá. Não creio que

ele tenha “esquecido” a mãe, apenas que ele, Carlos e os netos não têm uma saudade contínua de Cynira, como eu. Horas depois, vou à análise. Marilúcia comenta que não posso exigir dos filhos a mesma postura que tenho, no plano das recordações, e acrescenta:

– Eles estão voltados para a vida: a mulher, ou mulheres, filhos, seus sucessos, seus impedimentos. Você está voltado em parte para a vida, em parte para a morte.

Insisto que a vida depende muito de eu encontrar uma companheira estável, coisa que, por ora, R. não pode ser.

19 OUTUBRO

OS MORTOS INCOMODAM

Revejo os últimos dias com um toque de melancolia. No domingo, dia 16, foi aniversário do Sergio. Fui com ele e os dois meninos comemorar a data na Vinheria Percussi. A conversa foi boa, até carinhosa, mas ninguém fez referência à falta da mãe e avó. Só eu disse uma frase de sentimento pela ausência. Na virada de mês, dia 17, então, nenhum comentário. Admito que o assunto seja difícil, mas tenho a convicção de que os mortos incomodam. Para que falar deles, se estamos vivos?

21 OUTUBRO

Como explicar que a imagem de minha mãe tenha sido borrada tão poderosamente e lembremos, o Ruy e eu, de tantas coisas aparentemente insignificantes? Por que posso lembrar do primo Vidal comendo com fúria na casa da rua Maria Antônia, e não consigo me lembrar do tempo em que minha mãe ali viveu? Por que lembrar ainda das tonterias que inventávamos, como “Caiu Caen; caiu Soledade”, combinação da queda de Caen, na Segunda Guerra Mundial, com uma cidade mineira perto de São Lourenço, ou ainda do “Isso é meu alugado reclame” [sic], afirmação em voz alta quando chegava uma propaganda atraente pelo correio e quem dissesse primeiro o mantra ficaria com o reclame?

É mais fácil explicar por que me lembro dos brinquedos da infância, quase sempre trazidos por meu pai, de volta de suas viagens a negócios. O mais artesanal era o Fortunato, o Equilibrista, um personagem engraçado que devíamos fazer correr, com engenho e arte, numa corda presa em dois pontos opostos. Os soldadinhos de chumbo quase sempre modestos, de cor cinza – os coloridos com cores vivas custavam caro –, mas nem por isso seus desfiles militares eram menos garbosos, numa ordem hierárquica: a cavalaria na frente, depois a infantaria e, fechando o desfile, os índios, de estatura menor que a dos soldados, arcos e flechas nas mãos, preparados para o ataque. Eu dava de barato a presença desses índios, mas hoje me pergunto: o que significavam? Os índios que reforçavam as tropas dos bandeirantes no apresamento de outros índios? Vai ver estou empregando a fantasia histórica por força do ofício.

As bolinhas de gude duravam mais do que os soldadinhos de chumbo, os quais volta e meia se esfarelavam. Mas nem todas eram perenes, como demonstra a denominação de algumas delas: Lascada, Lascadinha e assim por diante.

Um desses dias, conversando com o Ruy sobre o passado remoto, mencionei a ele a formação da linha atacante das bolinhas de gude (minhas ou dele?), com cinco nomes, como era de rigor em outros tempos: Salitre, Pico, Toys, Vermelhinho e Salgeminha. Ficou de lado, nessa escalação, a notável bolinha Tota. Tota era o apelido da Bolinha dos Países Totalitários, óbvia demonstração da presença assustadora da Segunda Guerra Mundial na nossa mente. Apesar do nome temível, não sei por que Tota não exibia nenhum traço de ferocidade. Pelo contrário, era uma bola pequena, mansa, branca e vermelha, se não me engano.

Por mais que admirássemos os soldadinhos de chumbo e as bolinhas personalizadas, a grande sensação eram os brinquedos de corda, maravilha tecnológica em outros tempos. Havia os carrinhos de corrida da Schuco, que até hoje fazem a alegria dos colecionadores; a motocicleta multicolorida, que se inclinava quase até o chão ao ganhar velocidade, soltando faíscas amarelas, e principalmente um cruzador cinza, com muitas peças, entre as quais temíveis canhões prateados. O cruzador era uma grande atração porque navegava os mares na praça Buenos Aires, a alguns metros de nossa casa, na avenida Angélica. Os mares eram tranquilos e se resumiam a um pequeno lago na praça, onde ele deslizava garboso em meio aos barquinhos a vela, para inveja da garotada. Mas às vezes éramos forçados a baixar o topete, quando, por alguma razão inesperada, o cruzador parava por falta de corda. Os garotos tratavam de rebocá-lo para a margem e havia até quem entrasse na água para trazê-lo em suas mãos, como um troféu de guerra.

28 OUTUBRO

SALÁRIO MÍNIMO

Ao tomar café da manhã – um dos pequenos grandes prazeres da vida – viajo na lembrança de figuras do passado, que em outros momentos raramente recordo, e dou com o nome do sefardi Miku Salaru, personagem de quem ouvi falar, mas que nunca cheguei a conhecer. Me pus então a repetir baixinho um jogo de palavras quase esquecido:

– Micro salário: salário micro.

3 NOVEMBRO

PASSEIO

Vou a uma região de São Paulo que fica pelos lados da rua do Seminário, no centro da cidade. Passo por ruas estreitas, pelas lojas de varejo e de atacado, cruzo com passantes apressados. Enquanto caminho, a noite vai descendo. Quando chego a uma rua larga e arborizada em que se perfilam construções solenes, que lembram as do Pátio do Colégio, já é noite fechada. Uma

luz amarela das lâmpadas de vapor, que se mistura com a névoa, tingindo de sépia o ambiente, lembrando um quadro pontilhista. Na volta, tomo uma condução no largo do Paissandu.

Gosto muito dessa andança, mas só posso fazê-la de tempos em tempos, não porque esteja muito ocupado, mas porque quem determina não sou propriamente eu, mas o meu inconsciente onírico. Não quero interpretar a cena, apenas lembrar a mim mesmo como o desejo de percorrer uma São Paulo do passado está ainda presente em mim, nas ruas de comércio associadas aos imigrantes, nos edifícios de estilo neoclássico do tempo em que um clube de notáveis mandava na cidade.

10 NOVEMBRO

SONHOS

Sempre sonhei ao longo da vida, e meu inconsciente deve estar quase estourando, sem ter mais espaço para arquivar tantos e tantos sonhos, além das lembranças. Há vários anos tive uma analista junguiana que, como seria de se esperar, me incentivou a anotar pesadelos e devaneios oníricos, tão logo ocorressem. Fiquei tão entusiasmado que comecei a lembrar de sonhos todos os dias, e cheguei a ponto de acordar à noite para reproduzi-los.

Acho que é possível estabelecer um padrão “sonhático” básico e individual, que observei por conta própria. Despontam sonhos eróticos, sonhos de perda ou de perder-se, sonhos de retorno ou da impossibilidade de retorno a minha casa.

Ao longo dos anos, perdi carros, objetos, voos em viagens internacionais. O valor de cada perda tem pouco a ver com o prejuízo monetário, e sim com o grau de ansiedade ou de angústia provocado por cada perda. Às vezes, perder um objeto insignificante pode dizer mais do que a perda de algo aparentemente inestimável. Perder a hora pode ser bem mais grave do que perder um bem material.

20 NOVEMBRO

VITÓRIA E PEQUENA DERROTA

Almocei no Carlota com Miguel. Falamos de coisas íntimas. Ele, muito sensível e mais aberto do que em outras vezes, disse que sou um grande avô. Não é pouco. Lembramos as qualidades da Cynira com os olhos umedecidos. Por certo, haverá vaivéns, mas esse tento foi marcado.

Por falar em tento, à tarde começo a assistir na televisão a Corinthians e Atlético Mineiro, jogo importante para as pretensões do alvinegro. Que beleza ver o Pacaembu lotado, céu azul, tapete verde (razoavelmente conservado) e uma torcida comovente. Não gosto do zero a zero do primeiro tempo. Domínio infrutífero, esquema que não funciona com passes curtos e não-aproveitamento de faltas próximas à grande área. Chicão faz falta nessas horas.

Começa o segundo tempo. Aos sete minutos o alvinegro (o outro) marca. Como vou jogar pôquer, resolvo sair antes que o jogo termine e ouvir o andamento da partida pelo rádio, meio

desesperançado. Na rua Heitor Penteado, Liedson faz o gol de empate. Passo na frente de um Pacaembu silencioso, guardas, carros e mais carros estacionados nos minutos finais da partida. Chego ao prédio do FH e digo ao porteiro corintiano que o jogo vai empatar, e o empate não é bom. Sabedoria popular:

– Calma, doutor, falta uns minutinhos.

Na garagem, com o carro ainda em movimento, Adriano (quem diria!) desempata. Corro para ver o porteiro, que não é bobo nem nada e me diz que se o Corinthians for campeão ele merece ganhar uma camisa do alvinegro. Prometo que sim, embora o preço da camisa, em função da demanda, deva ser alto.

Como nem tudo é perfeito, perco moderadamente no pôquer. MA, inimigo são-paulino infiltrado na roda, ganha de todo mundo, especialmente do dono da casa. Que descortesia! Atacado de todos os lados, MA diz que quase não ganha e que a última vez foi na passagem do cometa Halley. Isso não é possível, lembro a ele, o cometa Halley tem rabo...

OUTRO SONHO

Perco um voo internacional, que iria fazer em companhia da família – os filhos ainda crianças –, depois de uma correria fracassada para acomodar objetos, fechar malas, verificar se estou levando o passaporte, o cartão de crédito. Por quê, em sonhos dessa natureza – e são tantos –, nunca consigo chegar a tempo? Se voos correspondem a devaneios eróticos, desconfio que aí esteja o fio da meada. Só desconfio.

21 NOVEMBRO

SAPATOS

Estou na saída de um local onde há muitas pessoas, não encontro meus sapatos entre os muitos espalhados pelo chão. Saio à rua, chove, e sou obrigado a meter os pés numa água escura.

24 NOVEMBRO

DESEMPREGO

Pérola da Neusa, gerente-geral da minha casa: ela me entrega o exemplar da *Folha*, rompendo seu mutismo habitual:

– A *Folha* demitiu mais de quarenta funcionários. – É mesmo? Por quê?

– Por falta de notícias.

PS Não encontro vestígios das supostas demissões. Mas as notícias continuam jorrando como nunca.

27 NOVEMBRO

SOLIDÃO MÁGICA

Vejo sozinho pela tevê um jogo que pode ser decisivo no Brasileirão. Nesses casos prefiro a solidão, ou do contrário ficaria inibido para realizar as magias indispensáveis para aumentar as chances do Corinthians. Por exemplo, corto o som quando os inimigos atacam, e estou seguro de que esse truque seca o ataque. Por cinco minutos, o Corinthians não se sagrou campeão nessa penúltima rodada, já que o Vasco derrotou o Flu nos últimos minutos lá no Engenhão. Acumulei tensões até o gol corintiano, e, quando Liedson completou de cabeça uma brilhante arrancada de Alex, pulei como um louco, instintivamente, e lágrimas me vieram aos olhos. Se não tiver um enfarte, acho que essas explosões me fazem muito bem... Continuo menino. Fica tudo para daqui a uma semana, as chances são muito boas, mas o título ainda não está ganho.

28 NOVEMBRO

SONHO

Chego à praia da Enseada e vejo que quase tudo está modificado para pior. Nossa casa foi invadida, e uma porção de gente atravessa por ela, incessantemente. É noite, percebo uma luz de mel, que ilumina a lateral da casa do Bromberg. Vejo a praia “arruinada”, como os caiçaras falavam do tempo, quando nuvens escuras se desenhavam no horizonte. Mas considero aquilo normal e inevitável. Depois encontro, envelhecidas, figuras da praia que trato de identificar. Quando pergunto do Teté, as pessoas se calam e pressuponho pelas fisionomias que ele teve um fim misterioso e terrível.

29 NOVEMBRO

O QUARTO DOS MORTOS

Há algumas semanas li o livro de Michelle Perrot *História dos quartos*, um bom exemplo da ampliação temática produzida pela Nova História. Quando fala do quarto dos mortos, Perrot se refere a duas atitudes opostas: de um lado, a de tudo preservar; de outro, a de tudo tentar apagar, até mesmo a lembrança da voz do morto. Fico rememorando a voz da Cynira, fazendo força para não esquecê-la, temendo que isso aconteça. Por quê, nas nossas longas conversas sobre sua vida, que em parte reproduzi em *Memórias de um historiador de domingo*, não gravei alguma coisa, preferindo deixar a conversa escorrer livremente?

OBJETOS

Em incontáveis memórias, passagens de livros de ficção e diários se fala da angústia ao contemplar roupas e objetos que pertenceram a alguém muito querido. Ao realizar essas tarefas incontornáveis, parece que apagamos, a cada passo, um pouco da lembrança de quem se foi. No meu caso, levei um bom tempo para dar as roupas de Cynira. Tratei de preservar, tanto quanto possível, as que se associavam a momentos da vida cotidiana. Na tarefa da

escolha, me vi diante de um vestido de cores azul e verde-claro, ao qual eu fiz algumas restrições:

– Cy, esse seu vestido, pelas cores, me lembra a conta da Telefônica.

Ela ficou furiosa, com razão, e nunca mais usou o tal vestido, apesar das minhas desculpas culposas:

– Desculpe, desculpe, o vestido é bonito, eu fiz uma associação de cores e falei mais do que devia.

Depois da remoção em etapas, restou um vestido azul, muito elegante, que ela usou em Brasília na festa da eleição de FHC, em primeiro mandato, nesses “tempos de nunca mais”, como disse mais tarde um diplomata amigo.

Se roupas e outros pertences perturbam, não é fácil também encarar espaços vazios. Esses espaços tornam cômoda a vida de quem permaneceu e traduzem outro vazio, que não é material, deixado por quem se foi. Dramática e ironicamente, resolvi o problema da minha quantidade de livros que não tinha onde guardar, mas o sentimento não é bom, é como se ocupasse, indevidamente, espaços que não me pertencem.

LUTO

Viúvo é uma palavra horrível, que se associa a um homem vestido de preto de alto a baixo, a imagem de tristeza encarnada por meu pai. Pouco tempo após a morte de Cynira, falei com Fernando Salem dessa sensação, e ele concordou comigo. Não quero que a minha viuvez (outro substantivo horrível) cole em mim, mas não tenho como declinar dessa qualificação. Devo ter escrito “viúvo” em papéis burocráticos ao tomar providências, com os filhos, para a cerimônia do velório e da cremação, mas nesse momento somos zumbis, como sabem os que passaram por isso, e não me lembro do que preenchi. Minha primeira lembrança associa-se a uma ida ao Padrão, supermercado de cara feia, na ainda mais feia avenida Vital Brasil, para preencher uma ficha de novo cliente. Ninguém deve ter notado, mas minha mão tremeu ao confirmar a inexorável condição.

1º DEZEMBRO

BATALHA-NAVAL

Estou jogando batalha-naval e vejo cruzadores e couraçados naufragando à minha volta. Até quando permanecerei ileso, ou apenas parcialmente atingido? Nesses dias, se foram Ricardo Brentani e Guillermo O’Donnell, enfarte e câncer no cérebro, respectivamente – os dois monstros que estão sempre à ronda. Recordo uma cena patética, de muitos anos atrás, na casa de uma irmã de Brentani que, se não me engano, convidou os irmãos Fausto para um jantar. Fizemos um papelão – eu pelo menos fiz – discutindo rispidamente com a anfitriã, cujo reacionarismo, na época, me pareceu intolerável. Não sei em torno do que foi a discussão, mas hoje certamente eu saberia maneirar.

4 DEZEMBRO

SANTIDADE

Venho de Ibiúna, onde estive com o neto Felipe. Foram dois dias agradáveis, mas a memória da Cynira esteve sempre presente. Sonhei com ela nas duas noites, e uma cena me comoveu particularmente: Cynira está em meus braços, chorando “miudinho”, com aquela discrição de sempre.

Na noite de sábado, Felipe preparou um nhoque e eu, com os olhos umedecidos, lembrei a frase protetora da Cynira: “Você quer que eu faça um macarrão santo?”.

A LEOPOLDINA E AS LOCUÇÕES FRANCESAS

Passo pelas ruas da Vila Leopoldina para almoçar num restaurante em companhia do Fernando Salem e de sua homônima mulher – a Fernanda. Fazia algum tempo que não andava por lá. Em poucos anos o bairro mudou radicalmente de fisionomia, pois as empresas construtoras o invadiram, povoando-o com imensos prédios de apartamentos. Mas muitas casas ficaram de pé, transformadas em pontos de comércio e de serviços, atraídas pela existência de uma demanda em potencial. Sinais de abandono ainda permanecem em trechos de algumas ruas, reflexo da proximidade com o Ceasa. Caminhões estacionados em fila, armazéns cinzentos protegidos por paredes enegrecidas, montes de caixotes de madeira tomando as calçadas.

Quase nada lembra o bairro pacato em que se concentravam modestos imigrantes alemães, a não ser o nome de algumas ruas. Gosto especialmente da rua Mergenthaler, nome que quase ninguém – eu, inclusive – consegue pronunciar direito. Eu achava que Ottmar Mergenthaler fosse um emigrante alemão, mas verifiquei que ele nasceu e viveu um tempo na Alemanha até emigrar para os Estados Unidos. Foi um inventor – cujo maior invento foi a linotipo – de muito prestígio, a ponto de ser considerado em seu tempo, não sem exagero, o “segundo Gutenberg”. Numa foto, ele aparece *comme il faut*, ostentando uma barba farta e bem aparada, vestido irrepreensivelmente com um terno de três peças feito com o que imagino ser um tecido de lã.

O almoço com o casal foi divertido, a Fernanda quase sempre calada – mas quando falava ia muito além de uma conversinha neutra sobre o tempo – e o Fernando açambarcando os minutos, com sua fala caudalosa, entremeada de locuções francesas, que servem de vírgula, ponto, expressão de raiva e exclamação.

Ao ver a serenidade da Fernanda, me lembrei de Cynira, que sempre se queixava de não ter uma brecha para falar, pois era atropelada pelos seus três impetuosos queridos.

– Três contra uma? – perguntou o Fernando.

– É, mais ou menos isso.

– Bom, aí era foda.

Depois fomos à casa do casal para assistir a Corinthians e Palmeiras, a última e decisiva rodada do Brasileirão. Me impressiona a casa, um verdadeiro achado, dentro de um condomínio sem luxo, de silenciosas ruas fechadas, escondidas atrás da feiíssima e barulhenta

Eliseu de Almeida. Diante da imensa televisão do Fernando fico tenso, suado por todos os poros, mas tenho uma sensação diversa da de outros momentos decisivos envolvendo o Corinthians. Torço pelo título, talvez porque perder por uma combinação muito improvável de resultados fosse um sinal de desastre quase pessoal. Mas em nenhum momento fiquei eufórico diante de um jogo medíocre em que reconheci até o erro do juiz na expulsão de Valdivia. Não percebi na hora, mas como as paredes da casa são vazadas, daquelas que têm ouvidos, com certeza Fernanda, na sala ao lado, ouviu a torrente de “locuções francesas” enquanto o jogo durou. Ela deve estar acostumada com o linguajar do marido, mas “o Boris, historiador etc. etc... francamente...”.

6 DEZEMBRO

PROUDHON

Ao falar em alemães, lembrei do Conrado, descendente de terceira ou quarta geração, que bem poderia figurar na galeria dos meus tipos inesquecíveis. A história de sua família é um bom exemplo da emigração germânica para São Paulo. Eles não se “fizeram do nada”. Com alguns recursos, implantaram uma empresa especializada em impermeabilização aí pelo início do século passado e estão na praça até hoje. Conrado cuida da caprichosa laje da minha cobertura, e não fosse ele eu viveria em meio a goteiras.

No correr dos anos, Conrado se tornou meu amigo. Sempre que aparece, temos longas conversas. Admiro sua personalidade, principalmente porque ele é um bom exemplo da fusão de elementos étnicos. Tem traços evidentes da cultura germânica (a fala, o modo de ver as coisas, a conservação da língua), combinada com a picardia tropical.

Ele me fala da intervenção absurda do Estado na vida privada.

– Agora, por exemplo, minha filha vai ter de perder quase um ano...

– No Colégio Porto Seguro, naturalmente – digo eu.

– ... por causa de uma decisão do Governo sobre idade para ingressar no ensino primário.

Conto-lhe a história do tombamento da minha casa e vou subindo o tom à medida que exponho. Paulo, colaborador do Conrado, homem de poucas palavras, como se diz hoje, pergunta:

– Mas como pode? Para tombar uma casa, não é preciso o consentimento do dono?

Percebo que o Paulo definitivamente não acredita que a propriedade é um roubo. Pior para Proudhon.

ATO FALHO

Entro no inferno astral: aniversário, Natal, fim de ano, aniversário da Cynira (morta), aniversário de casamento... ufa. Em estado melancólico-confuso, vou à análise. A sessão é estranha, tanto pelos longos silêncios de Marilúcia como pelo fato de, ao terminar a sessão, eu lhe estender a mão e dizer com voz firme:

– Até quinta, R.

Ela me diz que vamos comemorar meu aniversário no dia 8 e dá um sorriso. Como vamos comemorar um aniversário nos limites de uma sessão de psicoterapia?

MISTÉRIOS DO INCONSCIENTE

Há sonhos de pobre e sonhos de rico? Marilúcia me responde que esse tema, ao que ela saiba, quase nunca foi explorado. A dimensão social do sonho não é considerada importante pelos psicanalistas, pois ele é visto como uma elaboração individual do inconsciente. Mesmo assim, pensando alto, ela diz que provavelmente o inconsciente de gente pobre é menos “deformado”, pois os pobres são menos neuróticos, até por força de sua vida consciente. Seja como for, para as pessoas pobres, em geral, o sonho não parece voltar-se para o passado, e sim para o futuro, e têm um conteúdo profético e ao mesmo tempo pragmático. Se números aparecem no processo onírico, estes não se abrem a interpretações complexas, são tidos como indicações da fortuna, propícios para se ganhar na mega-sena ou no jogo do bicho. Quando passo números de um sonho meu a pessoas mais simples, dou uma indicação de que, de algum modo, acredito em seu caráter profético. Não fosse assim, para que alimentar uma ilusão?

8 DEZEMBRO

PERDER-SE

Perder objetos, voos é uma coisa, perder-se, sentir-se num espaço indecifrável é outra, bem diferente, penso. Estamos em Nova York, Cynira e mais uma pessoa que me parece ser o Nelson. Resolvemos subir a pé uma estrada de asfalto que pouco a pouco vai sendo ladeada por uma periferia de casinhas, umas ao lado das outras. O asfalto desaparece, a noite começa a cair e sentimos que é hora de voltar, mas nos damos conta de que o caminho de volta é indecifrável. Atravessamos prédios iluminados, cujos ocupantes estão saindo e fechando portas, passamos por esculturas de pedra banhadas por uma luz fosca de cuja beleza não podemos usufruir, em nossa preocupação.

Não consigo soltar uma palavra em inglês e cabe ao Nelson pedir indicação do caminho a seguir, mas ou ele não pergunta nada, ou as pessoas dão respostas sem nexos, e se afastam. Andamos sem rumo, começa a chover, eu me preocupo com o esforço da Cynira, e ela me diz que tudo bem, que está aguentando firme. A certa altura sugiro que é melhor perguntar como chegar à Primeira Avenida, pois essa indicação de volta seria mais simples. Mas logo em seguida já não me lembro do nome da rua nem do hotel em que estamos hospedados, e não há como dar sentido a uma pergunta.

MAIOR DE IDADE

Faço 81 anos (bah!). Dolorosamente, desperto vendo o travesseiro a meu lado, vazio. Nada daquela montanha de beijos, daqueles votos de vivermos juntos por muitos e muitos anos. Nada do presente, sempre bonito, sempre adequado.

Tento manter o dia o mais neutro possível e vou conseguindo. Gosto de receber

telefonemas de parabéns dos filhos, de alguns parentes próximos – em particular do primo Vidal, que não me esquece nunca, embora eu o esqueça. Preciso corrigir essa falha, se estiver vivo, no 5 de setembro do próximo ano. Vidal me telefonou do Prata e diz que ele e a Mercedes agora vivem lá, na maior parte do tempo. Que voz firme e estimulante! Como é possível alcançar essa resignação/serenidade em meio às sombras?

9 DEZEMBRO

NÃO PERDI O TEU RETRATO

Houve um momento neste fim de semana em que me emocionei. Puxei da carteira um retrato da Cynira, com uma dedicatória amorosa e singela no verso, em que ela está linda nos seus quarenta e poucos anos, cabelos longos, olhar vivo com um quê de tristeza. Perguntei ao Carlos se não era possível ampliar a foto para colocá-la em um quadro ao lado do retrato de Nina, sua mãe. Carlos diz que é perfeitamente possível e que vai escanear a foto já. Sai e não fala mais no assunto. A certa altura eu pergunto se ele escaneou a foto e ele me pergunta:

– Você quer mesmo ver?

Digo que sim e ele me mostra duas ampliações do original. Lágrimas rápidas.

10 DEZEMBRO

Vejo no YouTube uma interessante entrevista de Drauzio Varella. A certa altura, quando lhe perguntam sobre a morte, ele diz que a morte lenta, se controlada a dor (para quem pode, completo eu), não é um desastre, como percebeu ao ficar em estado muito grave, atacado de febre amarela, contraída na Amazônia.

– A gente vai aos poucos se desligando, se desinteressando das coisas ao redor, numa espécie de preparação para uma passagem.

Passagem que ele, ateu convicto, não liga a nenhum tipo de transcendência. Pensei, tendo em vista a minha limitada experiência, no quanto ele está certo.

11 DEZEMBRO

GAVETA

Domingo. Acordo melancólico e tenho o impulso de abrir uma das gavetas do móvel que a Cynira tinha (o tempo verbal me incomoda...) ao lado da cama. Fitas vermelho-douradas de Natal cuidadosamente dispostas, pequenos objetos que só as mulheres sabem comprar e dar de presente, cuja utilidade me escapa. Talvez não tenham utilidade, mesmo. Tanto melhor. Lágrimas. Fecho a gaveta.

12 DEZEMBRO

ANESTESIA

Vou ao Einstein fazer uma endoscopia, acompanhado de Tanganika, o audaz motorista. Peço a ele, com jeito, que não venha com suas camisas berrantes, vermelhas ou de um amarelo tipo sol de verão. Ele aparece muito alinhado, como se fosse a um casamento, e me mostra, presa ao peito por uma longa fita azul, a medalha que ganhou por completar uma corrida de quinze quilômetros patrocinada pela Prefeitura.

Estou estendido numa maca do hospital-hotel, quando entra o dr. MR, atarracado, robusto, cada vez mais amável, tranquilizador apesar da pinta de *boxeur*. Vão me aplicar um sedativo e tenho vontade de pedir que aumentem a dose e me façam dormir até o dia 2 de janeiro, quem sabe até um pouco mais. Me calo. Não vão entender.

13 DEZEMBRO

NORDESTINOS

O telefone toca insistentemente, antes das oito, e nem eu nem a Neusa conseguimos entender a voz do outro lado. Ela diz que não gosta nada, nada disso, porque quem telefona cedo é para avisar de coisa ruim, às vezes de morte. Arre! Digo a ela que vou tomar um chá porque passei mal à noite. O chá logo aparece, e Neusa diagnostica: deve ter aparecido uma mucosa. Não me atrevo a perguntar onde poderia estar a tal mucosa, pois eu teria de ouvir uma interminável explicação fisiológica na qual os órgãos estariam dançando o samba do crioulo doido.

Um dia depois, como não houvesse ocorrido nenhuma morte, fiz ver a Neusa que sua adivinhação era inoportuna.

– É, deve ter sido um desses nordestinos que vêm visitar os parentes no fim do ano e não sabem lidar com a secretária eletrônica.

15 DEZEMBRO

CONTRASTES E CONFRONTOS

Os contrastes entre Tanganika e Neusa são constantes. Tanganika é um negro alto de corpo bem talhado que, se tivesse nascido no Quênia, poderia ter sido um grande atleta em provas de longa distância. Muito comunicativo, usa essa qualidade para arredondar o salário como corretor de empréstimos consignados ou como revendedor de bolsas, que compra na loja de um chinês na 25 de Março. Joga na mega-sena, não ganha nunca, pilota nesta cidade infernal como poucos. Informa-se do que se passa pelos jornais e pela televisão, embora tenha dificuldade de interpretar acontecimentos internacionais – mas quem não tem? Vai com a mulher assistir a filmes que tratam de temas raciais e sempre assinala que na plateia lotada “só

havia uns três ou quatro de pele escura como eu”. Proprietário de um apartamento decente, que paga em prestações à Caixa Federal, não sem dificuldade, Tanganika tem opinião taxativa a respeito de invasores de prédios:

– Assim é fácil, é tudo uma cambada de vagabundo.

Sempre alegre, encara minhas leves broncas com a maior tranquilidade. Por que as broncas? Porque pela manhã está sempre atrasado, esquece coisas, mal presta atenção em nomes de certas ruas que não conhece. Neusa, ranzinza, mal responde a um cumprimento pela manhã, acha que sabe de tudo, que está sempre certa e se é pega em alguma “falha de sabedoria” inventa uma longa história para embrulhar o pobre interlocutor. Não esquece nada, qualquer coisa que eu perca em casa ela encontra, minhas gavetas de roupa estão perfeitamente arrumadas, apesar da minha teimosia em desorganizá-las. Neusa já chamou Tanganika de estrupício, mas um estrupício com quem, de uma hora para outra, ela conversa animadamente, como se apagasse o qualificativo. Tanganika filosofa e diz que é preciso ter paciência com o gênio dela:

– Já nasceu assim, não vai mudar.

Percebo essas variações e me fixo na linha de não fazer comentários desairosos a respeito de um ou outro.

17 DEZEMBRO

SONHOS

“Mensário” da morte de Cynira, como diz o Felipe. Ela aparece falando de problemas educacionais e da necessidade de ir conversar com o Paulo Renato. Quando digo que Paulo Renato morreu, lamenta muito e me pergunta por que eu não lhe havia contado antes. Sem graça, digo que aconteceu no período em que ela “desaparecera”. Marilúcia interpreta o sonho como uma ressurreição infantil, que traz de volta minha mãe e minha mulher – que, afinal de contas, fez um papel duplo em minha vida.

BLACK OUT

Apesar do “mensário”, aceito, não sem culpa, me encontrar com R., pois as datas de nossos encontros continuam complicadas. No carro, ela diz de repente:

– Que coisa chata, essas festas de fim de ano!

Algo surpreendido, concordo e digo:

– A cada ano que passa é preciso dar um jeito de contornar essas datas.

Que tal tomar um sedativo poderoso lá pelo dia 23 de dezembro e acordar tranquilo nos primeiros dias de janeiro?

18 DEZEMBRO

Semanas atrás li o *Diário de luto*, de Roland Barthes, anotações quase diárias feitas por ele após a morte da mãe, com quem tinha uma estreita relação. A constatação do Édipo é tão óbvia que pode ser dispensada. A sua dor, sim, interessa e muito. Tantas afinidades... Em Casablanca, Barthes escreve: “Vi as andorinhas voando na noite de verão. Digo a mim mesmo, pensando com aflição em mamãe: que barbárie não acreditar nas almas, na imortalidade das almas! Que verdade imbecil é o materialismo!”.

20 DEZEMBRO

ÚLTIMOS TEMPOS

Só agora consigo escrever sobre as últimas semanas da vida de Cynira.

Seu estado de saúde se agrava e a data de uma viagem minha ao exterior se aproxima (maio de 2010). Devo ir a Stanford (Palo Alto) para um encontro em minha homenagem, promovido pelo infatigável amigo Herb Klein. Fico na dúvida, mas Cynira me incentiva a ir. Ainda ouço sua voz imperiosa, agora meio agoniada, de que nunca me esquecerei:

– Você vai!

Fui não porque achasse indispensável manter o evento, mas porque, de uma forma entre confusa e culposa, desejava interromper um pouco o quadro penoso que estava vivendo. Em Cumbica, o funcionário da tam olha meu passaporte e diz que não tenho visto para entrar nos Estados Unidos. Impossível, respondo. Mas logo me dou conta de que o visto está num passaporte vencido. Telefono para casa, peço a localização do passaporte e o envio por um táxi, que Cynira providencia.

Elucubrações inevitáveis: ato falho, esquecimento perfeitamente compreensível ou as duas coisas? O certo é que, naquela hora, torço para que o passaporte chegue a tempo, acompanho aflito os carros que chegam e vão até que o táxi aparece. Retornam o alívio e a dúvida. Resolvo dormir em Miami, num daqueles anônimos hotéis de aeroporto. Começo a me deprimir, e a única coisa que me alivia é um encontro com um desembargador do Rio:

– O senhor não é o professor Boris Fausto? – pergunta ele.

Sinto que volto a ser visto como uma pessoa, ainda que por minutos. Levanto muito cedo para tomar o voo para São Francisco e, além dos óculos deixados numa cafeteria (não quero enxergar nada), esqueço no hotel um pulôver sem mangas de caxemira azul e um boné do mesmo tom, dois objetos que não conseguirei recuperar.

Carlos, que está passando uma temporada em Palo Alto, me recebe com o afeto de sempre e me leva a sua casa. Olho tudo, perturbado pelo pessimismo e por um sentimento de culpa que se infiltra por todos os poros da alma. Fico meio desolado ao ver a fileira de casinhas sem jardim, com uma cobertura de garagem na frente. Chega o Antonio, de bicicleta, com um ar de felicidade. Pela manhã, invado sem querer o lanche do Antonio, que foi à escola de inglês, e recebo uma dura bronca do Carlos. Me sinto desamparado, desolado. (Depois o Carlos me dirá que precisou ser duro comigo, pois eu chegara completamente louco. Também...) Vamos a

Carmel, muito diversa da Carmel de sonho que conheci uns trinta anos antes, agora um aglomerado desinteressante de “ruas Oscar Freire” e de turistas despreocupados. Herb nos leva a visitar o bairro gay de São Francisco, mas eu gostaria mesmo de atravessar a Golden Gate (creio que nunca mais vou fazer isso), mas ele não está a fim de um passeio de turista.

O que realmente me interessa é falar com a Cynira, via Skype. Nos dois primeiros dias, sua fala cristalina, dizendo que tudo vai bem, que não me preocupe, me incentiva profundamente. O seminário corre bem, Herb escolhe com cuidado os convidados e eu reencontro velhos amigos brasilianistas, conheço algumas figuras novas. Depois, um jantar de confraternização.

Apesar das imensas gentilezas, quero voltar para casa, e digo à Cynira que, na volta, meu único objetivo será cuidar dela. Infelizmente, a volta se precipita. Logo pela manhã, ao levantar, Carlos me diz que temos de acelerar a volta ao Brasil, pois Sergio telefonara, avisando que o estado de Cynira era gravíssimo.

Como Carlos e Antonio têm providências a tomar, viajo sozinho, em voo direto, com esperança de ainda poder me comunicar com Cynira. Ao chegar, Sergio me diz que ela teve uma melhora, dessas melhoras terminais, e quase não há esperança. Mesmo assim é uma boa notícia. Vou ao hospital, Cynira me recebe com carinho, meio confusa. (Ao escrever agora, vejo-a deitada na cama, virando o rosto, com olhos inquisidores: “O que vai ser de mim?”.) Entrego a ela alguns presentes que havia comprado no aeroporto de São Francisco: uma echarpe e um estojinho rústico com pinturas tailandesas, que hoje está sobre uma mesa onde vários momentos felizes do passado estão condensados: o lagarto de Gaudí, feito de múltiplas pedrinhas de louça colorida, as quatro patas verdes enormes, esparramando-se pelo tampão de vidro; uma figura de osso de baleia, meio esquimó, meio peixe, lembrança de uma viagem ao Alasca.

Falo a Cynira que trouxe um bonito jogo americano para os pratos da nossa mesa de jantar.

– Quer que eu traga aqui para você ver?

– Não precisa, vejo quando voltar para casa.

Há alguns sinais preocupantes. Num domingo, como a hora se aproximasse, perguntei a Cynira se queria assistir ao *Painel*, o programa da Globo News de que ela gostava tanto. A negativa me fez perceber que, aos poucos, ela se despedia da vida. Bem que fizera força para continuar, pois tinha uma razão forte para viver, como disse ao oncologista:

– O senhor me dá mais cinco anos e aí eu morro em paz. Quero ter a alegria de ver os meus netos formados. Além do mais, com oitenta e quatro anos morreu meu pai.

Uma das poucas coisas que me distraíam enquanto estava no hospital, na espera angustiada, era correr para uma pequena sala de espera e mergulhar em algum jogo da Copa do Mundo. Mas, ao sair daquela sala, a realidade voltava. Cada vez mais a certeza do fim, meu desespero (“Boris, você precisa pôr na cabeça que somos duas pessoas, algum dia vamos ter mesmo de nos separar”), a presença carinhosa de muitas pessoas reunidas num sábado, reveladora de uma despedida para sempre.

Cynira queria muito ir para casa nos últimos tempos, e depois de muito confabular os médicos autorizaram sua saída do hospital. Quando fui buscá-la, pela manhã, já a encontrei

vestida com cuidado, a echarpe que eu trouxera de viagem protegendo o pescoço e, mais do que isso, um brilho nos olhos, no rosto de pele macia.

– Você já está pronta? – digo eu.

– Claro, não é para a gente sair logo?

Não foi tão logo assim, pois só partimos no fim da tarde. A saída não teve aquela alegria de quem se livra das sopinhas, dos múltiplos remédios, do soro, dos termômetros, até mesmo das enfermeiras carinhosas. Sabíamos os dois que o retorno para casa seria por um breve tempo. Um tempo terrível para ela, apesar da sua contenção, e difícil para mim, pois tinha de administrar uma imensa quantidade de remédios – não nos livramos deles – e imaginava que o menor esquecimento seria fatal.

Como previsto, voltamos ao hospital. Perguntei a um porteiro se o elevador “X” servia o setor de oncologia, ele ficou confuso, e eu disse a Cynira que aquele sujeito era um idiota (alguém tinha de levar a culpa). Depois as coisas foram piorando dia após dia, e, quando ela ficou inconsciente, não tive coragem de permanecer no quarto. Era melhor acabar com tudo aquilo, mas os médicos me informaram que ainda duraria horas, ou mesmo um dia inteiro, pois o pulmão da paciente ainda estava limpo. Imaginei um milagre, se o pulmão estava limpo, não seria possível recuperar os outros órgãos do corpo? O fim me foi anunciado por uma médica, de forma suave.

O velório é cena muito difícil, que suporto como um sonho estranho. A ficha nem começou a cair, vou recebendo expressões de pesar, sinceras ou apenas formais de muita gente. Várias pessoas são colegas do Vera Cruz, a escola a que Cynira dedicou anos e anos de sua vida. GF me cumprimenta, e eu, de repente, começo a recitar os versos de um conhecido soneto de Camões: “Alma minha gentil que te partiste/ tão cedo desta vida descontente/ não te esqueças daquele amor ardente/ que já nos olhos meus tão puro viste”. Parei nessa estrofe e GF seguiu imperturbável até o fim. Depois fui surpreendido pela aparição de uma jovem senhora que fora minha gerente de banco e a quem não via fazia anos. Falo, direto:

– O que você faz aqui?

– Estava atendendo uma cliente no meu salão de beleza e, no meio da conversa, ela me disse que falecera uma diretora assim, assim do Vera Cruz. Então vim correndo para cá.

Ela se vai, não sem antes me dar um abraço caloroso. Vem em minha direção um senhor muito amigo, o idoso e viúvo sr. V. Ele anda com dificuldade e me dá um abraço, seguido de uma frase aparentemente desastrosa:

– Agora você vai saber o que é solidão.

Na hora a frase se perde em meio às conversas cruzadas. Em breve eu iria sentir que ele tinha razão.

Em meio a tudo isso acontece algo com que eu não contava. O corpo de Cynira está encerrado num caixão fechado, a meu pedido. Esse é um costume judeu que interiorizei desde menino. Me horrorizo ao aproximar-me inadvertidamente de caixões abertos, ocupados por corpos endurecidos pelo *rigor mortis*, bem-vestidos, circundados por flores discretas. Eis que colegas e amigas de Cynira me propõem:

– Você permitiria abrir o caixão? Ela deve estar muito linda, muito serena.

Confuso, aceito, e, mais ainda, me aproximo. Vejo de relance uma parte de seu corpo inerte, macilento, e bato em retirada. Mas a imagem, para mim terrível, fica gravada. Agora me lembro de uma frase de Madame Clecy, ao mirar um corpo espremido num caixão mortuário, na peça *Vestido de noiva*, que fala melhor do que qualquer descrição: “Gente morta, como fica...”.

26 DEZEMBRO

NATALZINHO

Vou à praia da Baleia e me hospedo em uma pousada de que tenho boas referências. Ao chegar, tenho uma impressão negativa. A pousada fica numa avenida poeirenta a cinquenta metros da praia. Estão construindo um prédio em frente, e vejo assustado um sinistro bate-estacas a poucos metros da entrada. Será possível? Não demora para que a má impressão se desfaça. A pousada é muito bonita, a praia também e o pessoal da pousada se mostra bastante simpático. Estou sozinho e começo a pensar na possibilidade de descer mais vezes para lá. Vale experimentar.

Chegam Carlos e Antonio e depois Sergio e Miguel. Felipe não vem porque tem festa de formatura em São Paulo e deseja passar todo o Natal com a mãe. Como em grupo tudo fica melhor, até a véspera do Natal me sinto feliz. Depois a melancolia se instala. Que diabo, o que tenho a ver com o Natal, “esse aniversário de nascimento de um dos nossos que só nos deu dor de cabeça”? A melancolia não tem a ver com a infância, mas com os filhos pequenos, o desvelo da Cynira comprando uma árvore de Natal e a enfeitando com pequenas luzes no jardim. Sem falar, na verdade falando, no “Natalzinho” que ela preparava com carinho para reunir a família em dia anterior à véspera, para garantir que todos estariam presentes.

28 DEZEMBRO – 2 JANEIRO 2012

TRANSIÇÃO PARA UM NOVO ANO

Vou para Ibiúna com o Carlos. Os dias se passam de uma forma quase feliz até a véspera da entrada de 2012. Carlos descobre que Ibiúna é um excelente local de trabalho e faz planos para regressar no carnaval, o que me deixa muito contente. Mas o ambiente da casa e do jardim pesa, a lembrança da Cynira me enche de tristeza, tudo a relembra: as plantas bem cuidadas; o sofá diante da televisão, onde não me sento; a cama ocupada por mim ainda num canto do quarto. Carlos me diz que, desde a morte da mãe, essa é a primeira vez que vem a Ibiúna sem se sentir deprimido, pois era ali que passava mais tempo com ela.

Ao longo dos dias, vejo uma borboleta azul esvoaçando no jardim. Será sempre a mesma ou são borboletas diferentes? Carlos me conta que, segundo uma lenda paracanã, borboletas azuis são as almas dos mortos que passam diante dos olhos dos vivos. Peço que ele explique como se

deu a associação, ele ensaia umas palavras, mas diz que é melhor eu não complicar. Tem razão.

Sergio chega para o almoço de sábado. Temos os três uma ótima conversa sobre assuntos pendentes. Fico muito contente, uma vez mais, com os filhos. À noite, decidimos não dar ares formais ao ano-novo. Apenas um champanhe e algumas virtualhas, como gosto de dizer. Bebo um pouco além da conta e me abro com os meninos sobre minha vida afetiva. Um impulso, talvez, de me afirmar como homem proecto diante dos filhos relativamente jovens. Vou para a cama pouco antes da meia-noite e ouço um foguetório curto (felizmente) abafado pela chuva.

Pela manhã, primeiro do ano, telefono a J. Após o ritual dos cumprimentos, pergunto se ela me receberia para uma visita. A resposta é calorosa, e pouco depois me vejo diante de uma dama “cachorrão”, acompanhada desses cachorros “que não fazem nada”. Entro reticente, e sinto o canino do animal na minha mão direita. J. diz que é carinho, e penso comigo: mais um pouco, esse carinho se converteria em mordida.

Depois do bacalhau do almoço (tradição da casa) e da partida do Sergio, caio em estado depressivo. Carlos se fechou no quarto para escrever, ler e tirar uma soneca. Sou salvo pela chegada de FHC e Patrícia, que vêm para o lanche. A conversa corre solta, sem aquela distância/deferência presidencial, e eu me preocupo porque o lanche vai ser fraco. Carlos já está entre nós, e me diz baixinho que não tem problema. Sai discretamente da sala.

Passado um tempo, ele anuncia que o jantar está pronto, e me vejo diante de uma mesa com salada, carne fria, massas e um vinho razoável. Que figura, esse Carlito!

Volta melancólica no dia 2, lembrando dos tempos da avenida Angélica, quando o primo Vidal voltava para sua casa após o ano-novo. Tudo retornava ao dia a dia insípido.

[2012]

2 JANEIRO

O VAZIO

Excepcionalmente, vou a uma sessão de reposição com Marilúcia e me concentro no tema da angústia da morte, a sensação de um dia, e para sempre, não ser nada. Algumas de suas observações me ajudam, em especial quando diz que, a essa altura, devo encarar a minha morte. Segundo Freud, se bem entendi, trata-se do mais difícil e fundamental processo de castração. Intelectualismos à parte, vislumbro aí uma pequena fresta. Quando narro o jantar do dia anterior, Marilúcia diz que Carlos se comportou como minha mãe. É vero.

6 – 8 JANEIRO

MEGA-SENA

Vou à Quinta da Baroneza, um lugar de sonho. O melhor, ainda assim, é o Tanganika. Olhando a seu redor (as casas, a paisagem, a grama, a limpeza), mesmo com a dificuldade de acesso que o condomínio impõe aos visitantes (crachás, documento de identidade etc.), ele exclama, extasiado:

– Doutor Boris! Mega-sena, mega-sena!

De nada adianta eu ponderar que ali deve existir gente de profissões variadas, todos ricos, mas, ainda assim, uns *apenas* ricos, outros muito. Não adianta fazer a distinção entre banqueiros, empresários, médicos, advogados. A resposta é a mesma:

– Doutor Boris! Mega-sena, mega-sena!

10 JANEIRO

É MELHOR IR PRIMEIRO?

Diante das minhas lamentações e da impossibilidade de converter o luto em doce saudade, Marilúcia me faz uma pergunta de chofre:

– Você preferiria ter morrido antes da Cynira?

Por mais amor à vida que eu tenha, fico na dúvida. Que falta imensa farão o carinho e a mão de Cynira para facilitar minha passagem, principalmente se o processo de morte for longo.

15 JANEIRO

MOÇA FINA

Fim de tarde, domingo chuvoso, silêncio em casa. Neurose ou depressão dominical? Tenho a ilusão (isso me assusta) de que o telefone vai dar toques estridentes e cortar o silêncio. Cynira me dirá com sua voz de moça fina que eu fui um bobo. Tudo não passou de brincadeira, “e você sofreu tanto... Já, já volto para casa e vamos dormir juntos no melhor momento do dia”.

Minha reação à fantasia é curiosa. Ao escrever sobre ela tenho a sensação de que a volta de Cynira é possível – uma enorme felicidade recuperada, agora com melhor compreensão. Ao mesmo tempo, não me iludo: a angústia me atravessa de alto a baixo, ou melhor, do alto à boca do estômago.

CONVERSAS INFINITAS

– Depois de quarenta e tantos anos de casados vocês ainda têm o que conversar?

De quando em quando, Carlos soltava essa pergunta. Tínhamos, sim, e teríamos muito mais agora. Eu contaria as experiências vividas nesse mais de ano e meio de sua ausência, ela desvendaria o mistério da sua desapareição. Se era mesmo brincadeira, onde ela estivera? Se realmente desaparecera, como fugiu do “espaço etéreo onde subiste”?

16 JANEIRO

CALENDÁRIO

Um dos efeitos da solidão consiste no modo como percebemos o calendário. Os fins de semana são difíceis, especialmente o domingo, em que a solidão torna ainda mais penosa a chamada neurose dominical. Os feriados prolongados, que despertavam uma expectativa gostosa, tornam-se um desafio. Como atravessá-los incólume? Natal e ano-novo, para quem não está para festas, são datas que mal se encaixam, momentos que fazem as recordações de outros natais, outras viradas de ano saltarem a nossa frente como cenas do passado esvaziadas de personagens vivos.

20 JANEIRO

MATERIAL SECRETO

Marco um encontro com do, que dirigiu um curta-metragem sobre os últimos momentos da relação entre Moacyr Piza (jornalista de família tradicional, autor de escritos irreverentes) e Nenê Romano (garota de programa, amante de ilustres políticos da Primeira República). A história terminou tragicamente quando Piza, transtornado pelo fim do romance, matou Nenê no interior de um carro de praça, na avenida Angélica, e se suicidou. Eu já reunira um bom material para escrever sobre o tema, mas esperava localizar outras fontes que me ajudassem a construir a narrativa.

Chego ao largo do Paissandu para falar com do. O edifício abriga pequenos escritórios enfileirados em longos corredores, a entrada é nada mais que uma porta estreita. Nesse prédio,

o visitante não precisa se identificar, se submeter a uma foto e pendurar no peito um crachá de plástico com o qual atravessará catracas eletrônicas que falam por meio de flechas vermelhas ou verdes. Suspeito que o homem em mangas de camisa, postado na entrada, seja o porteiro-zelador. Pergunto-lhe onde fica o escritório de do e ele indica o caminho, acrescentando que posso subir pelas escadas ou pelo elevador. Penso na segurança e no exercício e opto pelas escadas. Percorro o corredor do primeiro andar e dou com as portas fechadas do escritório. Dou umas pancadinhas tímidas e depois entro. No centro da sala, senta-se um rapaz de farta cabeleira, fala untuosa, que informa que do telefonou se desculpando porque teve um compromisso inesperado – o enterro de uma parente –, mas logo, logo vai chegar. Tenho tempo suficiente para percorrer com o olhar a imitação de um tapete persa no soalho, uma planta sem flores e presumivelmente sem ar e, numa das paredes, uma série de fotografias de atrizes e atores de Hollywood. Identifico algumas figuras, mas outras me escapam. Um pouco para puxar conversa, um pouco porque estou curioso, pergunto ao jovem se ele conhece alguns outros rostos. Ele responde, com um olhar desinteressado, que são atores dos anos 40 e 50, coisa que evidentemente eu já sei.

Muitos minutos se passam, o jovem dá vários telefonemas por meio de um telefone fixo – não usa celular e sobre a mesa não há um computador – e acabo me cansando dessa situação meio vexatória. Faço menção de me levantar, o jovem me segura – “Calma, calma, ele já vem” – e, por fim, acabo indo embora. Ainda falo com do, que me telefona se desculpando, mas nunca consegui marcar novo encontro.

PESOS

Seria engraçado se não fosse triste. Pouco tempo depois do falecimento de Cynira, o guarda diurno da rua, o Ambrósio, vem de longe caminhando ao meu encontro para manifestar surpresa e lamentar a morte de Cynira:

– Que coisa, doutor Borges, meus pesos.

No fundo, ele está certo. É pesado mesmo.

21 – 22 JANEIRO

A COMPANHEIRA INSEPARÁVEL

Um fim de semana tenebroso em Ibiúna. A tevê não funciona e, apesar dos meus esforços, não identifico o pequeno problema que somente na terça-feira os funcionários da NET irão detectar. Fico solitário e sinto por inteiro o poder da presença da televisão. Penso na casa de Catanduva, onde a dona Nenê, madrastra da Cynira, tinha uma televisão sempre ligada nos aposentos. Quem diria que eu, anos mais tarde, iria compreender aquela esquisitice? A tevê corta o silêncio, é uma voz que fala conosco, não exige esforço e, conforme o programa, nos absorve e arranca da tristeza. Mas é bom não ir muito longe. Quando nenhum programa satisfaz minimamente, quando cansamos de zapear sem sucesso de um lado para outro, é melhor

desligar e ir em busca de outra distração.

UMA AGENDA

Nunca pensei que ela fosse muito mais do que um objeto trivial, essa agenda que até hoje conservo. Estava enganado. Ela é bem mais do que isso; um registro de telefones e e-mails referentes à vida cotidiana (pontos de táxi, amigos próximos e distantes, lavanderias, hospitais, médicos) anotados por uma escrita variável, personalizada, muito diversa das listas padronizadas das agendas dos celulares. Grande parte de anotações dessa agenda (tenho outras) foi feita pela Cynira, mas há também anotações minhas. Só que estas foram escritas numa letra quase uniforme, e não indicam nada de especial. Significativas e dolorosas são as anotações de Cynira, que passam de firmes e seguras a um traçado trôpego, num esforço inaudito para chegar ao fim de uma simples frase.

24 JANEIRO

INTRUSOS

Naquele sábado, em Ibiúna, fui a uma reunião do condomínio Mirim Açú para tratar do loteamento próximo a nossa casa. Fiquei até animado; pelo menos assim encontrava pessoas, mas logo me aborreci, lembrando a presença, muitas vezes muda, da Cynira nessas reuniões. Há pequenas decisões por tomar e a necessidade de bloquear, ou pelo menos limitar, loteamentos formados por pequenos terrenos próximos a nós. Não falta ironia e cada qual pinta uma paisagem imaginária de carros e motos com o escapamento aberto em velocidade, cheiro de churrasquinho no ar e da *musak* atropelando o silêncio. Mas há alguém mais realista – um recém-chegado ao Mirim Açú, alheio à tradição:

– Com essa mania de ruas esburacadas, sem asfalto, as casas dos invasores vão valer muito mais do que as nossas.

Sociologicamente, o quadro de ameaças e invasões tem semelhanças com nossa saída de Ubatuba. Uma situação de boom econômico, gente chegando, os “aristocratas” se incomodando. Somos um grupo relativamente heterogêneo diante de um loteador decidido, embora tenha levado anos e anos para conseguir implantar o loteamento. O terreno imenso era de um japonês que cultivava maçãs e que não cheguei a conhecer. O loteador, segundo consta, é um bandido, um tipo violento que já esteve preso e “odeia o Mirim Açú”. Saio da reunião pensando que é mais um paraíso que se vai, tal como ocorreu em Ubatuba, mas agora carrego o peso dos anos nas costas e nem penso em ir para outro lugar.

6 FEVEREIRO

CENA BANCÁRIA

Minha agência é quase sempre vazia, mas hoje o dia é de movimento. Para mim, que tenho o

privilégio da idade, faz pouca diferença. Subo as escadas rumo ao andar superior, onde ficam os caixas, e avisto um homem negro e forte, relativamente jovem, vestido em roupas esportivas. Tenho a impressão de conhecê-lo de algum lugar e sua figura se associa a alguma lembrança agradável. Pouco depois surge um senhor muito bem-vestido, pele cuidada, certamente de classe alta. Ele pede desculpas por passar à frente da pequena fila e começa a dar explicações desnecessárias sobre a legislação que protege os idosos. Os integrantes da fila ouvem as palavras do cavalheiro com indiferença. Não resisto à tentação e falo enfaticamente, como se fosse necessário:

– O senhor não precisa se explicar, estamos apenas exercendo nosso direito.

Ele ignora minha intervenção, quem sabe impertinente. Prefere perguntar minha profissão e eu respondo, para simplificar, que sou advogado.

– Pois eu também, e aposto que minha carteira da OAB é mais antiga do que a sua. Minha inscrição está um pouco acima dos quatro mil.

Respondo, humilhado, que meu número é 7 815.

– Sete mil oitocentos e quinze? Ora, ora, você ainda é um menino.

O tratamento de “senhor” desaparece. Ele diz que tem mais de noventa anos, embora não aparente. O dr. Barbosa de Almeida me pergunta de chofre:

– Você é judeu?

Toda vez que me fazem essa pergunta fico inseguro, reflexo de um antissemitismo implícito ou explícito. Antigamente, quando a pergunta me era feita eu garantia que era huguenote. Ultrapasso a insegurança e digo que sim. O ilustre bacharel lança um olhar positivo e responde, no avesso do antissemitismo:

– Eu também sou judeu. Aliás, judeu e árabe. A velha história dos nomes portugueses.

O doutor me informa que o Barbosa é judeu e o Almeida, árabe.

A essa altura, uma das moças do caixa, como eu já estivesse de saída, chama:

– Seu Vladimir, por favor.

O Vladimir, que reconheço agora, se aproxima e eu o cumprimento efusivamente, cumprimento de um velho corintiano, como acentuo. Essa bela figura da “democracia corintiana”, sempre discreta, agradece meu cumprimento, desenhando um sorriso visivelmente satisfeito. A essa altura o dr. Barbosa de Almeida entra na conversa e, muito mais retórico do que eu, tece uma série de elogios ao craque corintiano. Eu me limito a dizer:

– Assino embaixo.

Mas aí fico meio decepcionado. O nobre causídico diz que os elogios são muito merecidos, mesmo sendo ele são-paulino, conselheiro do São Paulo ou algo assim. Mostra-se ainda mais culto do que eu e pergunta ao Vladimir como vai seu filho, de quem eu nunca tinha ouvido falar. O rapaz jogou no São Paulo, esteve na Grécia e agora está no Grêmio, diz o Vladimir.

– Na Grécia?

– É, mas ainda bem que ele saiu de lá, há algum tempo.

Por onde andaré o menino do Vladimir agora?

14 FEVEREIRO

ALMOÇO SOLITÁRIO

A hora do almoço era das mais terríveis nos primeiros tempos de luto. Como vinha do Vera Cruz, Cynira sempre se atrasava, e eu, irritado, começava a almoçar. Quando chegava, carregada de pastas, a voz suave e o sorriso franco, eu dizia invariavelmente:

– Esperei até o limite e comecei a comer.

A resposta era também invariável:

– Fez bem.

Passado mais de um ano e meio, ainda fico triste ao me sentar à mesa sozinho e olhar para a porta pivotante entreaberta, por onde ela nunca mais passará.

Há pratos particularmente evocativos no almoço, especialmente uma sobremesa: jaboticaba. Era a única fruta que Cynira disputava comigo, colocando a mão larga, bem aberta, na pequena cuia para agarrar o maior número possível de bolinhas pretas. Passei semanas sem comer jaboticaba, fui voltando temeroso e ainda hoje, ao comer, sinto uma ponta de angústia.

ARREPENDIMENTOS

Li ontem na *Folha* uma matéria sobre o que certas pessoas dizem nos últimos momentos de vida. A matéria toma como gancho o livro *The Top Five Regrets of the Dying*, de uma autora australiana que é também enfermeira. Os cinco arrependimentos mais comuns, listados por ela, são: não ter vivido a vida que se desejava, mas a que os outros desejavam que se vivesse; ter trabalhado demais; não ter tido coragem de expressar os próprios sentimentos; ter estado distante dos amigos; não ter sabido ser mais feliz. Lendo esses itens, lembrei uma frase desconsolada do seu Stocco, pai da Cynira, no final da vida, quando fomos visitá-lo em Catanduva:

– Na vida, eu só trabalhei.

Quantas vezes usei essa frase para tentar moderar a dedicação ao trabalho da Cynira, dizendo cruelmente:

– Você corre o risco de terminar repetindo a frase do seu pai.

Nada disso. Cynira não mencionou nenhuma das frustrações listadas. Certa tarde, no hospital, olhou para mim e disse:

– Eu fiz quase tudo certo na vida.

Nunca saberei o conteúdo da restrição (“quase”), mas com certeza ela avaliou positivamente sua existência e sua determinação.

18 – 25 FEVEREIRO

VUPT-VAPT

Uma semana, com o carnaval no meio, que preciso fazer força para ultrapassar. Carlos chega

do Rio e vamos juntos para Ibiúna. Ele acompanha comigo alguns jogos pela televisão. Amigos aparecem, mas há sempre um quê de tristeza no ar. Na volta a São Paulo falo, a respeito de alguma coisa que deve ser feita, que “não é o caso de fazer no vupt-vapt”. Ele acha engraçado:

– Você está falando como a mamãe, pondo o “vupt” antes do “vapt”.

Léxico de casal.

ODIA 9

Me ocorre que Cynira, até os últimos momentos de consciência, fez da responsabilidade uma parte central de sua vida. Duas frases ditas no hospital demonstram isso:

– Para localizar coisas em casa, fale com o Carlos e a Neusa. Eles conhecem tudo.

E:

– Não se esqueça de que dia 9 é dia de pagar a Neusa!

Dio santo! Nunca conheci nem conhecerei uma mulher assim.

SOLITUDE

Deixo Carlos no aeroporto e resolvo almoçar na Merceria do Conde. Chego muito cedo, sou o primeiro cliente e me sinto à vontade, apesar de sozinho. Um picadinho à brasileira, uma cerveja escura alemã. Estou em paz e sorvo o silêncio à minha volta. Tudo muda quando chegam os casais que se afagam, as famílias ruidosas, as duplas de amigas. O sentimento de “coitadeza” me invade, me converto no viúvo solitário, para o qual se dirigem (supostamente) todos os olhares.

Lições:

1. Não sou o centro do mundo, ninguém está me olhando.

2. A autopiedade é um sentimento muito negativo que não ajuda ninguém.

Essa história de comer sozinho não é fácil. Ruy, que se adaptou a essa circunstância em Paris, disse certa vez que evita sentar-se à mesa de mãos abanando, sem ter algo para ler. CR considera que é muito difícil a vida de *single* em São Paulo, especialmente durante as refeições, embora ele seja um *single* ocasional. Uma das coisas aconselháveis – afirma ele por experiência própria – é ir sempre aos mesmos restaurantes e se tornar familiar dos atendentes da casa.

Quando a condição de *single* pesa muito, vou a um certo restaurante italiano que Cynira e eu frequentávamos desde o tempo em que as mesas não tinham toalhas, só um guardanapo embaixo dos pratos. O restaurante ascendeu, os preços subiram muito, clientes desapareceram, outros chegaram, mas a atmosfera acolhedora não se dissipou. Conheço todos os garçons e o maître, que não tem um ar empombado. Simpático, eficiente, veste-se com um terno simples, suficiente para distingui-lo dos demais funcionários.

Um dos donos da casa é um “italiano”, com aquele sotaque tão paulistano, torcedor do Palestra, como não poderia deixar de ser. Um belo dia chegou à nossa mesa (nossa porque eu estava com filhos e netos) e interferiu na conversa sobre futebol, perguntando para que time torcíamos. Afora os indiferentes, todos eram palestrinos, com uma única exceção: eu, como já se vê. O homem dirigiu-se a mim e ao Corinthians agressiva e insistentemente. Consegui fazer com que se calasse com um argumento de boa razão:

– Se você continuar, vou embora e nunca mais volto.

Voltei muitas e muitas vezes, e o futebol foi deixado de lado.

27 FEVEREIRO

CASA ÀS ESCURAS

Hoje é segunda-feira, e Sergio vem com os meninos para o jantar. Neusa preparou uma ótima refeição: salada, salmão, massa e frutas. Felipe agora é calouro da FEA e nos conta como foi a aula-farsa dada por um veterano, muito engraçada. Os meninos ficam escandalizados (creio que só na aparência) com a minha conversa livre com Sergio e, no final, quando os acompanho até o portão (Sergio vai para Londres amanhã), olho para a casa já às escuras. Não tenho Cynira para comentar o encontro. Que coisa estúpida ela já não ser, não estar presente nesses encontros dos quais tiraria ainda mais satisfação do que eu.

29 FEVEREIRO

FINITUDE

Assisto, na Globo News, a uma entrevista do escritor mexicano Carlos Fuentes. O conteúdo é interessante, mas o que mais me impressiona – *et pour cause* – é ver um intelectual de 83 anos tão vivo e tão feliz por continuar escrevendo. (“Eu não preciso de férias. Estou em férias todas as manhãs, quando me lanço ao prazer da escrita.”) Como se vê, a folha em branco não o apavora e nisso me identifico com ele. Mas Geneton Moraes Neto, o entrevistador, lhe pergunta algo mais ou menos assim:

– A esta altura da vida há alguma coisa para a qual o senhor ainda não tenha encontrado resposta?

– Se Deus existe ou não, não sei; mas logo vou ficar sabendo.

Curiosa observação, que aposta na continuidade do eu, haja ou não um senhor do Universo.

13 MARÇO

IBIÚNA

O que Ibiúna representou para mim e Cynira é muita coisa. O longo tempo juntos; a lareira acesa nos dias de inverno; o jardim tão cuidado, os tapetes tecidos por índios nas paredes, comprados numa viagem pelo Oeste americano; a cristaleira supostamente antiga, comprada no Embu; o sofá diante da televisão, cuja cor eu escolhi e a Cynira dizia ter cara de sofá de sala de espera de dentista; as cadeiras projetadas por Lina Bo Bardi; os desenhos de grandes dimensões feitos pelos meninos quando crianças; um peixe laqueado com as cores preto e vermelho, acima da lareira, recordação de Óbidos; os desenhos em casca de árvore, presente de

um amigo panamenho do meu cunhado; foto de Miguel menino, a meu lado, no lançamento da *História do Brasil*, em 1994; uma sereia de madeira entalhada, presente da Amelinha, hoje morta; uma prosaica máquina de lavar pratos, atestando a esperança de reunir a família muitas vezes, o que jamais se concretizou.

Presença da Cynira sentada a meu lado no “sofá de dentista”, no lusco-fusco da tarde para assistir ao noticiário das seis da tarde da Globo News; presença no partilhar da cama, sorvendo o silêncio cortado apenas por um latido de cachorro à distância; presença tardia no café da manhã, com seu roupão branco, perguntando em tom fingido de repreensão: “Do que vocês tanto falam?”; e, acima de tudo, o último passeio ao jardim dos fundos, ela já muito frágil, a ponto de ter de me dar o braço, comentando a marcha lenta de uma primavera sobre um caramanchão pouco utilizado e indicando, a meu pedido, o nome das muitas árvores por ela plantadas.

Por isso, e ninguém pode perceber a dimensão da perda, a dúvida constante: alugo ou vendo a casa? Permaneço, à espera de melhores dias? Por ora, a ida a Ibiúna é mais sofrimento do que outra coisa. O silêncio, antes tão apreciado, converteu-se num acréscimo à tristeza, os objetos me invadem, hesito muito em assistir ao jornal das seis. Olho com dificuldade o jardim dos últimos dias e me alegro por alguns instantes, ao ver o avanço da primavera no caramanchão; ela parece agora florescer rapidamente.

17 MARÇO

VISITA AO CEMITÉRIO

Um ano e nove meses da morte de Cynira. Vou ao cemitério tomado pela angústia. Levo plantas sem flores, que resistem mais ao tempo, pois temo que as flores acabem murchando depressa. Encontro a lápide meio suja, cercada de flores secas, e me incomodo por mim e por Cynira, pois sinais de abandono sempre nos fizeram mal. Apesar de pagar ao Jesus, que é sepultador, o homem não é de fazer milagres nem de cumprir contratos.

Avisto um jardineiro-coveiro, arranjando uma bonita cesta de flores ladeada por dois pinheirinhos. Falo com ele – o Silvano –, que aceita cuidar dos meus.

– Vou tomar todo o cuidado, o senhor vai ver. Toda semana vou trazer flores novas, não deixo lixo de planta murcha.

Olho a lápide reluzente, com nomes de pessoas mortas há um bom tempo, uma indicação mais positiva do que a torrente de palavras.

– Quem contratou você para cuidar dos mortos? – pergunto.

– Foi o filho de um deles que vem cada quinze dias, mas às vezes viaja e fica uns dois meses sem aparecer.

– Bom, eu venho uma vez por mês, e, se não aparecer por dois, pode preparar o meu espaço.

– Que é isso! – exorciza. – O senhor está bom demais pra pensar nisso!

Simpatizo com o jeito do homem, com quem fecho negócio. Me sinto aliviado porque,

assim espero, ele manterá sempre viva uma cesta de “crisânto” que vai comprar no Ceasa, às cinco da manhã. Sensação de alívio: Cynira e Simon não ficariam ali abandonados, esperando ansiosamente minha visita mensal. Agora tenho a sensação de que uma pessoa vai cuidar deles todos os dias.

Uma família de japoneses (famílias estão no cemitério, vivas ou enterradas, por toda parte) discute animada sobre como vão repartir as flores por várias lápides, evitando fazer injustiça com alguém. Diante da cena, constato que sou uma das raras pessoas a ir só ao cemitério. Saio ainda angustiado, sem ter ao menos o consolo de um tapinha nas costas.

27 MARÇO

RELATO HISTÓRICO

Hoje me sinto seguro para narrar a Marilúcia os percalços do passado que deixaram marcas no presente. Minha fala ocupa um bom tempo da sessão, e Marilúcia encerra o diálogo quando o tempo se esgota (parece que na psicoterapia não se admitem acréscimos), dizendo haver muito sobre o que falar na sessão seguinte. Começo a perceber que uma nova etapa, de saudade, talvez se abra, trazendo também novos afetos – enfim, o processo de ressignificação dos fatos, como disse a doutora de forma erudita. Disse a ela que entendia bem sua expressão, pois na história algo de semelhante ocorria, com a constante elaboração e reelaboração da historiografia. Ficamos de começar por esse tópico na primeira semana de abril.

3 ABRIL

MAIS UMA DOR FAMILIAR

Morreu meu irmão Nelson, morte anunciada pela Anne uma semana antes. Achei que havia me preparado para o desenlace, mas já devia saber que não existe preparo prévio para essa situação. A partida (digam para onde, por favor) do Nelson reabriu uma ferida profunda que começava a cicatrizar.

É muito estranho pensar que tenham desaparecido, em pouco mais de ano e meio, duas pessoas tão semelhantes na generosidade, na obstinação pelo trabalho, na delicadeza. Não por acaso, quando recebeu a notícia da morte da Cynira, Nelson me respondeu:

– Perdi minha irmã.

Recordo a viagem ao Alasca, feita pelos dois casais: Cynira e Boris, Anne e Nelson, há alguns anos. Nas aventuras da viagem, fiquei sempre na retaguarda, tratando de me poupar. Os três tinham uma curiosidade e uma tremenda disposição que eu não conseguia acompanhar. Por exemplo, preferi ficar numa confortável casa alugada por alguns dias, ouvindo música, a subir uma montanha nevada e andar no trenó puxado por renas.

Hoje, acho que perdi uma oportunidade única, mas na ocasião me faltou impulso. Ironia: agora, dois dos mais arrojados membros da viagem estão mortos. Tenho uma sensação de

desamparo; tanto Cynira como Nelson foram “mães”, além de mulher e irmão. Meu irmão caçula converteu-se numa figura que me estendeu a mão em muitas ocasiões. No saldo da vida, fez por mim mais do que eu por ele. Revejo cenas em que a generosidade do Nelson se revela. Quando, em 1984, tive um tumor no estômago, telefonei a ele após ser operado e tratei de temperar a notícia com uma boa dose de humor, o que aliás sempre me ajudou a viver. Falei do diagnóstico, do susto, da operação que me levou boa parte do estômago, e concluí dizendo:

– Não se preocupe, o pior já passou, tanto assim que penso em fazer, com a Cynira, um cruzeiro no Mediterrâneo.

Ele me respondeu alarmado que eu estava brincando com coisa séria e que ele iria se organizar para vir ao Brasil e falar pessoalmente com o patologista que analisara o tumor sem chegar a uma conclusão definitiva.

Um exemplo comovente da generosidade do Nelson ocorreu quando íamos de carro para seu sítio em New Hampshire (um lugar delicioso, porque “não tinha nada”) e paramos numa cidade pequena, a meio caminho. Diante de uma vitrine, comentei com ele como era bonito um colete de lã rústica branca, bordado com losangos coloridos. Estávamos prestes a entrar no carro novamente, quando ele disse que esquecera alguma coisa não sei onde. Voltou logo, e quando perguntei se tinha achado o que esquecera não me respondeu, limitando-se a me estender o embrulho da blusa de que eu gostara tanto. Tenho até hoje o colete, cujas cores se mantiveram, guardado numa das gavetas de meu quarto em Ibiúna.

Tal como eu e Cynira, Nelson e suas duas mulheres – em ordem sucessiva, bem entendido – moraram em casas que marcaram suas vidas. Eu gostava muito de duas das casas: a da Burr’s Lane, em Providence, e a de veraneio, em New Hampshire. A primeira, construída no século XVIII, não nasceu no local em que está, foi transportada de caminhão de um bairro sem graça para o atual *prestigious address*, cercado de árvores e vizinhos discretos. Durante certo tempo moraram na casa cinco personagens: o casal, dois sensuais gatos de raça e um outro vivente. O tal vivente era um iguana, que me deu um belo susto quando dei com ele agitando-se num cercado de arame fino num dos aposentos da casa, aparentemente vazio.

Nada de cães. Nelson seguia as tradições da nossa casa. Creio que quem impôs essa linha fui eu, num dos meus ditames autoritários. Sempre gostei de gatos e sempre detestei cachorros, que definitivamente não se dão bem comigo (afagos caninos me incomodam, sempre os repeli, e em troca os cães já me morderam mais de uma vez).

Estive diversas vezes na casa da Burr’s Lane. A permanência mais longa durou três meses. Dei parte das aulas em inglês, na Brown University. Comecei as exposições como um bêbado que tentava capitanear um navio, mas depois melhorei. Dei também aulas em português, para um pequeno grupo. Tudo parecia fluir bem nessas aulas, que tinham por tema a formação do Exército brasileiro e seu papel no Império e na República. Até que, depois de várias semanas, num dia em que discorria animado sobre as interpretações do tenentismo, um aluno me perguntou em *broken Portuguese*:

– Professor, que significa “egercito”?

15 ABRIL

TOMBAMENTO

Saiu no *Diário Oficial* a declaração de tombamento da casa de São Paulo. Tudo começou em 2002, na edição do Plano Diretor da cidade. Foram criadas zonas especiais em São Paulo, e minha casa recebeu a honra de ser incluída numa subzona de “casas modernistas” ou algo assim. Com isso, ela foi encaminhada sem remédio para tombamento, por seu valor cultural. Não fiquei sabendo oficialmente da resolução nem dei bola para a moça que tocou a campanha, deu uma olhada geral e declarou que a visita era justificada pelo processo de tombamento da casa. A referência entrou por um ouvido e saiu pelo outro. Talvez porque era uma carga a mais nas amolações cotidianas, ou talvez porque eu não levasse a conversa a sério. Passaram-se alguns anos, até que li na cobrança do iptu a frase: “Imóvel em processo de tombamento”. Verifiquei a legislação e constatei seu viés autoritário. Como marido enganado, o proprietário é o último a saber.

Não sou nem poderia ser contrário à medida, pois estou entre aqueles que se entristecem com a violência contra São Paulo que resulta da fúria imobiliária, do mau gosto e das lamentáveis administrações ao longo de muitos anos. Mas sou crítico, isto sim, das “coisas nossas”, como dizia Noel Rosa: editam-se normas para fins de interesse público, tudo muito bonito, mas, na pressa, ou na irresponsabilidade, esquecem-se medidas que tornem essas normas eficazes. Pelo que sei, nos Estados Unidos e em alguns outros países, a proteção especial conferida a determinadas edificações só aumenta seu valor qualitativo e mercantil.

Nossa cultura não dá para tanto. À perda de valor, aos aborrecimentos burocráticos para “mexer” na propriedade, acrescenta-se o fato de que os proprietários não recebem nenhuma ajuda para a manutenção dos bens tombados. Resultado: imóveis abandonados, a caminho da ruína.

18 ABRIL

RECEITA FISCAL

Anúncio em uma pequena loja da avenida Pedroso de Moraes, em Pinheiros: “Temos abatejuros”. Em vez de tantos cálculos e vaivéns, o presidente do Banco Central deveria entender-se com o homem da loja. Este, sim, tem uma receita infalível.

20 ABRIL

VINHO VERDE

Depois da primeira aula em Providence, numa sexta-feira, Nelson e eu fomos jantar num restaurante português em Fall River, uma cidade próxima. Fall River está em decadência, mas

é interessante pela concentração de portugueses e seus descendentes e também por concentrar fábricas de tecidos erguidas nas primeiras décadas do século xx. Comemos um excelente bacalhau, regado a duas garrafas de vinho verde. Saímos do restaurante tarde da noite, e me assustei com a confusão visual que me fazia enxergar a rua e as casas desordenadas. Na cama, a ressaca piorou e, quando o sol da manhã iluminou o quarto, me senti num brinquedo giratório de parque de diversões. Paredes, quadros e espelhos giravam a toda a velocidade, sem intenção de parar.

Como tudo continuava girando, sugeri a meu irmão que chamasse um médico. Ele respondeu que não existia isso de chamar um médico, e que, caso eu continuasse mal, o jeito seria chamar uma ambulância. A hipótese, na época, era para mim assustadora. Me imaginava deitado numa maca, cercado de curiosos. O medo de ambulância e hospital foi proveitoso; pouco a pouco, melhorei.

Certa noite em que eu deveria dar uma entrevista a uma rádio de New Bedford, cidade próxima a Providence que, como Fall River, tem um número ponderável de portugueses e descendentes destes, aconteceu de ser anunciada a aproximação de um furacão, vindo do golfo do México (que nome tinha: Isabel, Irene?), que atingiria a costa na manhã do dia seguinte. Ponderei ao Onésimo, professor do Centro de Estudos Luso-Brasileiros, que faria a gentileza de me levar, que talvez fosse o caso de adiar a entrevista. Ele me olhou surpreso, e me explicou que a tormenta só chegaria na manhã do dia seguinte, por volta das nove horas, e assim não havia motivo para adiar a entrevista. Fiquei surpreso diante de tanta certeza; acostumado às imprevisões do tempo no Brasil.

Por volta das nove horas do dia seguinte, após ter sido anunciado por uma forte ventania, o furacão chegou e se transformou numa tormenta tropical. E que tormenta! A chuva se chocava furiosamente contra as janelas da Burr's Lane e a sensação era a de que, a qualquer hora, a casa faria uma segunda mudança, dessa vez arrastada pela força da natureza. Depois de algumas horas, tudo se acalmou. O mais interessante dessa história é o fato de que a tormenta aproximou os vizinhos como jamais poderia acontecer em um dia rotineiro. Muita gente andava pelas ruas em meio a fios de eletricidade partidos e árvores tombadas nas ruas, comentando a inquietação, o medo que o acontecimento provocara.

21 ABRIL

COPEIRO

Nas noites tranquilas da Burr's Lane, logo após o jantar, enquanto Ann dava uma série de telefonemas, Nelson e eu ficávamos ouvindo música brasileira, um de seus elos emotivos com o Brasil que jamais desapareceu. Mas nem tudo eram flores. O casal tinha hábitos inflexíveis e havia resolvido me tratar como alguém da casa, sem condescendência. Vai daí, tinha de lavar a louça do jantar, logo após sairmos da mesa. Meus pedidos para que a comida “assentasse” um pouco eram invariavelmente inúteis. Só me restava colocar o avental e realizar a tarefa.

24 ABRIL

VISITA AO CEMITÉRIO

Vou ao cemitério pela primeira vez, após a morte do Nelson. Sigo muito emocionado, com a imagem da Cynira presente, em todos os momentos, e encontro o Silvano, que passou a cuidar das flores junto à lápide. Passo o dedo pelo nome de meu pai e me detenho no de Cynira, percorrendo lentamente as letras para depois beijar minha própria mão. Converso com o Silvano. Constatações aparentemente resignadas sobre a morte, nosso destino, a vontade de Deus. Nisso, apareceu o tal de Jesus, que eu dispensara, reclamando que eu lhe devia dois meses. Disse que não, que ele não cumprira o combinado, mas, pelas dúvidas, lhe estendi duas notas amarelas de vinte. É melhor não brincar com alguém que tem mais do que a faca e o queijo na mão. O Jesus em quem não acredito tem a pá para fulminar a vítima e depois enterrá-la com a destreza derivada de anos de experiência.

Livre do Jesus, comento com o Silvano que sou a única pessoa da família a vir regularmente ao cemitério e que faço isso com gosto, porque jamais aceitaria virar as costas e abandonar pessoas queridas.

– O senhor tem razão – ele responde. – Eu e minha irmã conservamos o túmulo do meu pai, que está em Maceió. Mandamos, cada um, setenta e cinco reais para os parentes. E olha que o cemitério é feio, escuro, não é esse gramado, essa largueza daqui.

Trato de mudar um pouco a conversa. Digo que é difícil para o visitante vir ao cemitério e confirmar, reiteradas vezes, a inexorabilidade da morte (claro, não usei a palavra difícil).

– Mas vocês devem achar tudo muito natural, uma tarefa profissional de todos os dias.

O Silvano fala que é verdade, mas às vezes acontecem cenas difíceis de engolir:

– Outro dia teve um enterro difícil, uma filha desesperada gritando: “Não vai embora, mãe, não vai embora”. Nessas horas a gente faz força para não chorar.

Por que não derramar algumas lágrimas?, digo baixinho para mim mesmo. Talvez porque homem não chora, soldado não chora, coveiro também não.

25 ABRIL

ELES SABEM TUDO

Almoço agradável após um seminário sobre *global trends* no IFHC. A futurologia dos sábios prevê um mundo tenebroso para daqui a trinta anos. Dou de ombros, pois não estarei entre os vivos nessa época. É isso que se chama de egoísmo: então a humanidade, os descendentes, os descendentes dos descendentes não importam? Importam, sim, mas não posso fazer muita coisa por eles.

No seminário, surgiu o tema do grau de felicidade expresso pelas pessoas, segundo uma pesquisa que abrangeu vários países. A meu lado, sentou-se o sociólogo BS, inquieto e imaginativo, com uma capacidade imensa de contrariar o senso comum. A certa altura, ele

disse:

– Sabe que outra pesquisa apurou que casais sem filhos, ou mesmo pessoas livres das amarras familiares, apresentam maior índice de felicidade do que os casados?

– Por quê? – indaguei.

– Porque casados, com filhos, tendem a se concentrar na relação a dois e na criação dos filhos, e não se esforçam em ampliar o círculo de amigos. (Fico pensando que isso aconteceu comigo, e agora, viúvo, ressinto o número restrito de amizades.)

Demonstrei meu ceticismo:

– Pode ser que a pesquisa esteja certa, apesar de que a aferição do grau de felicidade pelo que dizem as pessoas é algo muito discutível. Além disso, não ter filhos, para mim, produziria um vazio que se acentuaria ao longo dos anos.

BS responde que meu caso é excepcional porque tenho filhos da qualidade do Sergio e do Carlos. Quanto a esse último aspecto, não tenho a menor dúvida. Já quanto a enfrentar a velhice sem filhos e se sentir feliz, não tenho tanta certeza.

13 MAIO

EVOCÇÃO MATERNA

Dia das Mães. Na infância, sofria com esse dia, forçado a preparar um presente, em que era de rigor escrever algo como “Para minha querida mamãe”. Hoje a data me é indiferente.

Sou convidado a almoçar, nesse dia, na casa de gente muito acolhedora. Como quase todo mundo, eles celebram a efeméride, que eu dei de chamar de “dia dos lojistas”. Mas brincar ali seria uma desconsideração. Incrível como uma data tão artificial se naturalizou, a ponto de concorrer com o Natal em matéria de compras e de afetos.

Chegam à casa os pimpolhos. Entusiasmo geral, todos correm para o jardim e eu fico sozinho, sentado num sofá da sala. Fico imaginando que deveria ser implantado o “dia da mercadoria”, que seria mais um dia festivo, somado ao dos pais, dos namorados, do sogro e até da sogra. Atacadistas e lojistas aplaudiriam minha ideia. Marx me aplaudiria também; afinal de contas, foi ele quem descobriu o caráter fetichesco da mercadoria.

Todos voltam do jardim, convocados para o almoço. De repente, um burburinho corta a modorra gostosa do final da refeição. A razão disso era a capa da revista *Time*, estampando a fotografia de uma mulher que amamenta um menino de seis anos. Há quase unanimidade em condenar a cena, tida como repulsiva, com exceção de uma pessoa, que fala da diversidade de costumes e lembra os índios. Alguém se interpõe:

– Índios são índios; civilizados são civilizados.

Convém esclarecer que não se tratava de um antropólogo. Alguém pede minha opinião. Trato de ser prudente e, ao mesmo tempo, sincero:

– Nunca pensei nesse assunto de amamentação de “criança idosa”, e por isso não posso opinar, me sinto estranho ao tema.

Diante de mim, do outro lado de mesa, um senhor me diz em voz baixa que toda aquela agitação era uma demonstração de histeria. Pergunto se ele é a favor da amamentação prolongada. Incisivamente, responde que não. Ele estranha mesmo que se chegue a ter dúvidas sobre esse assunto e considera essa agitação mais um exemplo dos males do feminismo. A lógica do argumento me escapa, não digo nada, pois não sei o que dizer.

Da roda de conversa de um grupo de senhoras, salta uma frase:

– Interessante, hoje em dia todo mundo tem helicóptero.

16 MAIO

EMPRESA DISSOLVIDA

Faz frio há dias e a atração pelo banho diário se reduz. Lembro da nossa brincadeira. Sócios igualitários de uma firma de responsabilidade limitada, Cynira e eu podíamos nos revezar no cumprimento das abluções, pois ambos representavam a pessoa jurídica. Hoje, a pessoa jurídica se transformou em pessoa individual e a responsabilidade com os cuidados do corpo recaem apenas sobre mim.

GUERRA AOS RATOS

Há dias um rato faz incursões pela casa, come pedaços de banana, tomate, mija e espalha sua caca miúda pela cozinha e pela sala. Neusa vai comprar uma espécie de papel pega-rato, e depois de várias tentativas fracassadas anuncia que o rato foi finalmente liquidado. Abro mão de ver o cadáver e me lembro dos tempos do rateiro, um homem alto, muito magro, de chapéu escuro, chamado para eliminar os muitos ratos do jardim nos primeiros tempos da rua Gaspar Moreira. Ele era funcionário de um serviço federal de desratização, então existente lá pelos lados da Mooca. Quando o homem agia, não era possível fugir ao espetáculo das ratazanas estendidas na grama ou boiando nas águas azuis da piscininha.

20 MAIO

CONFUSÕES

Almoço no restaurante Vito com a família. Um homem, mais para idoso, sentado a outra mesa, levanta e se aproxima de nós. Estende a mão para mim e diz:

– O senhor é o professor *Janotti*, não é?

– De jeito de nenhum – respondo com um sorriso, uma indicação de que minha ênfase na negativa era bem-humorada.

Mas o homem não traduz assim o meu gesto, toma ao pé da letra minha afirmação peremptória. Retira a mão timidamente e pede desculpas.

PERSPECTIVAS

Frase sábia de Ziraldo, à beira dos oitenta anos: “Quando a gente faz sessenta, setenta anos, a quantidade de mulheres bonitas se amplia muito. Aos oitenta, então, nem é preciso falar, os critérios ficam cada vez mais elásticos”. Nessa mesma entrevista, Ziraldo afirma que, segundo as estatísticas, “apenas dez por cento das pessoas que chegaram aos oitenta anos conseguem chegar aos noventa”. Brrrr! A propósito, leio um relatório médico do dr. Bacchella: “O professor Boris Fausto, de 81 anos de idade”. O Boris e a idade não fazem boa parceria.

10 JULHO

MONGES E CHINESES

Há algumas semanas, por caminhos inesperados, fui almoçar com os monges no Mosteiro de São Bento, onde nunca entrara, nos dois anos em que estive no colégio (o mosteiro e o colégio são rigorosamente separados). Foi assim: eu andava à procura de um advogado que me orientasse na tentativa de ser ressarcido, ao menos em parte, das perdas geradas pelo tombamento da casa matriz.

Sergio sugeriu que eu procurasse o advogado T., presumivelmente conhecedor da matéria. Me encontrei com T., e ele esclareceu que a presunção não era exata, mas quem sabe poderíamos almoçar com o abade de São Bento, que é seu amigo e membro do Condephaat. Apesar de cético quanto aos resultados, resolvi aproveitar a gentileza de T., principalmente porque gostaria de rever as instalações do colégio, onde estivera pela última vez havia mais de sessenta anos.

Cheguei um pouco antes da hora marcada, tratando de me proteger da garoa e do friozinho do início do inverno paulistano. Na largo de São Bento, hoje quase despido de árvores e sem os bondes que nele trafegavam em curva para fazer o retorno, um camelô, munido de um alto-falante, azucrinava os ouvidos dos passantes e atraía alguns basbaques para um jogo rudimentar que iria esvaziar seus bolsos. Resolvo entrar na igreja, na semiobscuridade, para me abrigar do tempo. Admiro os vitrôs e o altar, e dou uma mirada nuns poucos fiéis fervorosos imersos nas rezas.

Resolvo sair. Fora, o camelô continua a matraquear os ouvidos dos passantes. Não vejo T., e vou em busca da porta de entrada do colégio. Lá estava ele. O porteiro baixinho, chaves imensas na mão, abre a porta num gesto que me pareceu de respeito. Me lembrei dos primeiros tempos de São Bento, quando o porteiro, as chaves, a porta vetusta, as explicações para entrar e sair associavam-se à imagem de uma cadeia tão exemplar quanto inexpugnável.

Entramos no vestíbulo e logo vem a nosso encontro o jovem abade, um homem cheio de vida que, segundo me contam, se formou em engenharia pelo ITA. Entre outras atividades, pilotava aviões antes de entrar para o mosteiro. A conversa corre solta e ele nos diz *en passant*

que há vinte anos não assiste televisão.

A caminho do refeitório, passamos pelo claustro arborizado e silencioso. Embora estejamos a apenas algumas dezenas de metros do ruído incessante do largo de São Bento, as grossas paredes impedem a chegada do som da rua, ainda que não impeçam o ruído dos aviões que riscam o céu cinzento. Passamos pelo auditório, pouco modificado, onde discursi em 1947 ou 1948 contra o imperialismo ianque, para desespero dos monges, suspeitos de ter estado ao lado da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, terminada havia poucos anos. Vamos, com os monges, a caminho do refeitório. O passado se introduz na conversa, e faço referência aos personagens de minha época, quase todos presumivelmente mortos. Damos de cara com dom José, a quem eu deveria conhecer. Vestido com certo apuro em roupas civis, ele está acompanhado por um fisioterapeuta que movimenta seus braços. Me impressionam os olhos azuis, fixos num ponto inescrutável – um olhar diverso dos que enxergam mas também dos que perderam a visão. Os monges fazem uma tentativa para que esse homem, atacado pelo mal de Alzheimer, saia da imersão em seu mundo, quem sabe cheio de cores ou de um escuro impenetrável.

– Dom José, este é o Boris, o senhor deve se lembrar dele, do tempo em que o senhor dava aulas no colégio.

Reforço a tentativa:

– Sou eu, o Boris.

Ele não dá o menor sinal de reação. Seguimos em frente, rumo ao refeitório. À entrada, há uma pia contendo água benta que os não-católicos estão dispensados de utilizar. O refeitório é uma grande sala, onde estão dispostas uma longa mesa central e outras menores. Ao meio-dia começa a refeição frugal, em silêncio, após as rezas. É estranho ter de apontar com o dedo indicador os pratos que estão longe de mim. O silêncio é quebrado pela voz de um monge às minhas costas, que disserta sobre como deve ser o domingo do bom cristão, um domingo chatinho, por sinal. Mas gostei das citações, que foram de Justiniano a Max Weber. Como essa gente convive com figuras importantes do direito romano, veneráveis pagãos que se converteram em cristãos, e ainda citam o sociólogo alemão que conceituou o carisma e se tornou o rival mais importante de Marx?

Estremeço quando penso na vida dessa gente reclusa: reza, cantos, almoço, lanche, janta, talvez confissões, tudo mais ou menos igual, enquanto a vida ferve lá fora. Se eles não tomam medicamentos para a depressão, são verdadeiros super-homens, ou então Jesus ilumina seu caminho.

Vamos ao pátio, onde estive tantas vezes ao longo de dois anos, e só agora noto os furos de balas que picotaram uma das paredes laterais do colégio, vestígio bélico da revolução de 1930.

A visita à biblioteca me reintroduz ao ambiente de que tanto gostei no tempo de jovem. Recordo o entusiasmo pelos livros e abro arquivos onde se enfileiram fichas de cartolina com nome, autor, localização do livro e, às vezes, assunto. Quem me acompanha explica, talvez vendo minha expressão distante, que o fichário quase não tem mais utilidade, a não ser a de servir como memória, pois o serviço de buscas da biblioteca está todo informatizado.

Toco no assunto da transformação do São Bento com dom abade; de colégio de elite a

colégio de classe média residente próximo ao centro, com grande incidência de alunos chineses ou de origem chinesa. Ele diz que, de fato, isso aconteceu e a direção da escola teve de conseguir um padre bilíngue, pois há meninos e meninas que, muitas vezes, falam mandarim em casa e têm dificuldades com a língua portuguesa. Vou então a uma grande sala onde garotinhos chineses dormitam em pequenas camas ou em simples colchões. Alguns abrem os olhos enevoados diante da nossa presença. Comovente.

Por fim, volto à rua. A chuvinha parou. O camelô continua atraindo os basbaques. Os monges (imagino) seguem a rotina de todos os dias.

2 OUTUBRO

CENAS ANGELICAIS

A família ouvia pelo rádio uma cantora latino-americana, uma dentre as muitas que andaram por aqui. A certa altura, ela cantava as palavras de uma canção mexicana: “*Que Diós te de mucha vida, negra, y mucha felicidad*”. Os “turquinos”^[2] estranhavam: como era possível levar “uma vida negra” e ser ao mesmo tempo “muito feliz”?

23 OUTUBRO

VISITA AO CEMITÉRIO

Silvano me pergunta se hoje o motorista não me trouxe. Digo que não, e recebo uma resposta curta:

– O senhor faz bem.

Indago por que me diz isso e ele me conta a história do seu Armando, um homem bom como poucos. Seu Armando vinha visitar o túmulo da mulher acompanhado de uma namorada jovem e do motorista dele, até que o motorista acabou lhe roubando a namorada. (Pressupõe-se, pelo relato, que eu tenha uma namorada.)

– O que fez o seu Armando? – pergunto eu.

– Nada, se conformou.

– Você se encontra com ele?

– Muitas vezes. Eu cuido dele e da falecida com muito carinho.

6 NOVEMBRO

PALAVRAS, PALAVRAS

Penso, como leigo, na vida das palavras. Linguistas e filólogos ririam de mim. Recordo palavras instaladas confortavelmente nos cânones do idioma pátrio. Pouco a pouco elas são erodidas até

ficarem congeladas nos dicionários, onde os amantes das palavras cruzadas difíceis vão resgatá-las.

Quando olho, pela manhã, um céu azul sem nuvens, exclamo baixinho para que não me tomem por louco:

– Oh, que dia mais taful!

Se não me engano, a frase sai, com naturalidade, da boca de um dos personagens de Artur Azevedo, popular teatrólogo de fins do século XIX. O sinônimo de taful é radioso, alegre. Por que a palavra foi soterrada? Os linguistas devem ter a resposta. Para mim, a desapareição tem a ver com a esquisitice do termo, que parece uma palavra estrangeira, vinda não se sabe de onde. Se, nos dias de hoje, o ministro Aldo Rebelo a flagrasse viva, iria esmagá-la como se esmaga uma barata, nas raras situações em que esta não escapa.

Anos depois de Artur Azevedo, Machado de Assis escreveu o célebre *Dom Casmurro*, história de Bentinho, Capitu e Escobar. Quem se lembra da palavra que designa o amante (Escobar) de uma mulher em relação ao marido (Bentinho)? “Comborço”, ou, carinhosamente, “meu comborço”.

Será que ainda se usa a palavra *tarado* com a frequência de antigamente? Lembro uma cena comum nos ônibus paulistanos. O ônibus parava num ponto e um passageiro retardatário empurrava os passageiros que iam em pé, querendo descer, gritando para o motorista:

– Parado, parado.

Era sempre a chance de se elevar um coro bem-humorado, sobrepondo-se ao grito, com um berro mais forte:

– Tarado, tarado!

Ainda no campo das palavras: por que algumas são tidas como inadmissíveis, apesar de sua aparente neutralidade, e outras, impronunciáveis até há pouco tempo, agora integram a linguagem corrente? “Putá” é um exemplo do segundo tipo: putá frio; putá calor; putá susto. Já “arroto” é uma palavra por todos evitada, talvez porque a associação entre o som e o significado da palavra seja imediata. Tanto assim que os médicos a substituem por “eructação”. Eu mesmo não a uso. Acho-a pedante e inexpressiva. “Arroto” é quase uma onomatopeia.

8 NOVEMBRO

VISITA AO CEMITÉRIO

As visitas ao cemitério têm graus diversos de intensidade. Hoje me emociono de maneira particular. Inclino-me diante do jazigo e, vagarosamente, passo o dedo no nome Cynira Stocco Fausto, indo do *c* ao último *o*. Dias depois narro a cena a Marilúcia. Ela me diz que as letras se fecham (*o*) mas também se abrem (*c*). Me explica que as letras traduzem meu comportamento atual, ora me fechando, ora me abrindo. No nome há três *cc* e três *oo*. Escrevendo, agora, o entusiasmo que a interpretação suscitou dá lugar a dúvidas. Mas não posso negar o brilho

imaginativo dos analistas!

10 NOVEMBRO

ANIVERSÁRIO DO ESTADO NOVO

Ninguém se lembra de 1937, apesar da exortação de Café Filho: “Lembraí-vos de 37”. Até porque ameaças à democracia não vão hoje pelo caminho golpista. Há outros, mais sutis.

VARTI, ENCANADOR

Sábado pela manhã. O telefone toca cedinho. É o Walter, encanador, que eu chamava de Varti, em estilo caipira. Recordo sua figura: baixinho, míope, olhos vivos, inteligente, são-paulino fanático mas discreto nas conversas, não fosse perder um cliente por desavenças clubísticas. Era eficiente, mas careiro, e acabamos por buscar outro profissional mais em conta.

Ao telefone, Varti faz algumas perguntas, tratando de camuflar que está em busca de serviço. Pergunta se sei o número de telefone de pessoas que não vejo há muitos anos e explica que está aposentado mas que a aposentadoria não chega e que continua trabalhando. Pergunta também dos meninos, que eram mesmo meninos no seu tempo, e chega à pergunta que eu temia:

– Como vai dona Cynira?

Conto do falecimento, e seu Varti desfia comentários triviais:

– A vida é assim, é nosso destino, mas é preciso continuar vivendo, tem quem precise da gente.

Por fim, depois de um “sinto muito”, arremata:

– Que pena, dona Cynira, uma pessoa tão meiga...

O sábado fica ainda mais difícil.

18 NOVEMBRO

VISITA AO CEMITÉRIO

Percebo, a alguma distância, um arranjo de belas flores ao lado de uma lápide. Me aproximo e leio nomes conhecidos: José Geraldo Vieira, Maria de Lourdes Teixeira, Breno Caramuru. Maria de Lourdes é lembrada nas inscrições da lápide como escritora; José Geraldo Vieira foi médico e romancista, hoje injustamente esquecido. Eu gostava de seus longos romances e, de vez em quando, me lembro de uma observação sua, por pouco que o tenha encontrado. Os irmãos Campos tinham contato maior com ele, e, embalado pelos sonhos dos meus dezoito anos, pedi ao Augusto que mostrasse ao José Geraldo Vieira uns escritos meus. Ele gostou de um poema, em versos livres, chamado “Domingo de sol na avenida”, que vou tentar recuperar nos meus guardados. Foi um alento para a carreira de poeta que nunca segui. Breno Caramuru (Teixeira) era pai da Alzira, grande amiga do Ruy. Não sei se o conheci, mas me lembro dele

como um respeitado desembargador e são-paulino fanático.

8 DEZEMBRO

EXCERTOS DE VIAGEM

O que falar de Roma? Das maravilhas, dos tons de claro e escuro, dos casarões cor de terra, dos museus, da comida maravilhosa? Mas isso todo mundo sabe. Prefiro falar de um conselheiro da embaixada alto, elegante, culto, que me abafa com o domínio de várias línguas, inclusive do dinamarquês, pois ele, quando jovem, queria ler Kierkegaard no original.

Logo no primeiro dia da minha estada ele sugere que visitemos os locais encantadores mais próximos: algumas igrejas, como a dos Franceses, onde se encontram quadros de Caravaggio; o café Santo Eustáquio, onde se toma, num ambiente art nouveau, um cappuccino cujo aroma anuncia o local à distância; e, por último, *excusez du peu*, o Pantheon.

No périplo, quando passamos por uma praça, cuja beleza *va de soi*, cruzamos com outra beleza ainda maior, uma morena sensual de olhos verdes. O conselheiro nota meu interesse:

– Você não acha que mulher bonita é a coisa mais bela do mundo?

– Claro que sim – concordo com entusiasmo. E, para confirmar a observação, entramos no Pantheon e continuamos a elaborar o tema, observando distraídos as ruínas romanas.

No dia da minha partida, o núcleo mais próximo da embaixada me convida para almoçar nas proximidades da praça Navona. Belo almoço. Afetividade e excelente comida. Na volta, diante dos portões solenes do palácio, vou me despedindo das pessoas, mas não consigo chegar ao conselheiro. Uma mulher vistosa se aproxima, muito coquete, roupas diáfanas, sapatos vermelhos. Ela e o diplomata se abraçam, num abraço daqueles calorosos, acompanhado de exclamações:

– Há quanto tempo! Que prazer! Há quantos anos!

Ele se afasta de nós e a despedida fica para outro dia, quem sabe quando... Boa sorte na sequência desse encontro, amigo, cujo desenlace desconheço, mas posso imaginar.

15 DEZEMBRO

CONVERSAS DE TÁXI

De volta de Roma, tomo um táxi dirigido por um motorista muito falante. A certa altura, ele me pergunta onde estive, digo que em Roma, e ele quer saber se fui ao Vaticano. Em seguida, emenda:

– O senhor sabe por que o Vaticano é um Estado?

Geralmente, nessas situações, evito demonstrar erudição, mas não resisto e falo por alguns minutos das relações entre Igreja e Estado, de Mussolini, dos papas e do Tratado de Latrão, com data e tudo. O homem me deixa terminar e diz, como se não tivesse me ouvido:

– É porque eles querem isenção de imposto para tudo.

Digo que ele tem razão e que uma das previsões do tratado é essa que ele aponta. Então ele me lança uma pergunta pessoal:

– O senhor ainda não está aposentado?

Respondo que sim, mas que faço alguns trabalhos etc. Segue-se um silêncio de alguns minutos, quebrado agora por uma inusitada indagação:

– O senhor é padre?

Me sinto castrado, me vejo com uma batina escura que escorre até o chão, e respondo peremptoriamente:

– Não, e nunca me passou pela cabeça.

Em casa, tudo bem considerado, acho que a pergunta era razoável: um velho sozinho que diz que ainda trabalha – o que mais poderia ser?

16 DEZEMBRO

PALITOS

Comento lances da viagem à Itália com Carlos, e ele fala das prováveis maravilhas da sala vip de espera dos aeroportos, que ele nunca utilizou, mas logo iria utilizar. Conto a ele uma historinha da ida. Entro na sala vip da TAP, em Cumbica, ampla e bem-arrumada. Pego um jornal, me sento e olho de esguelha para o lado. Um português muito gordo escarafunha os buracos dos dentes. Quando pesca restos de alimento, traz os ditos para fora da boca e os examina cuidadosamente. Depois, devolve os restos para a cavidade bucal e eles escorregam garganta abaixo. Não tenho como continuar o relato, já que terminei mudando de lugar.

17 DEZEMBRO

PALAVRAS VIVAS?

Me vêm à cabeça duas palavras do ladino, a língua florida de meus antepassados maternos. A primeira é *calavaza*, que designa metaforicamente uma pessoa de cabeça vazia; em sentido estrito, significa abóbora. A outra designa um teimoso, um cabeça-dura, ou seja, um *cabeza de mortolós*, palavra que se associa a “pedra”. Nem uma nem outra se encontram nos dicionários do espanhol moderno. Mas quem sabe elas ainda são empregadas por judeus sefardis de Israel espalhados pelo mundo. Torço para que ainda estejam vivas.

18 DEZEMBRO

SONHO RECORRENTE

Em sonho, ou mesmo meio acordado, confundo a casa de Ubatuba com a de Ibiúna. A “casa subterrânea” aparece implantada no terreno da outra. Não sei por que não consigo fazer o contrário, ou seja, implantar Ibiúna em Ubatuba. Quem sabe, no plano da memória, a primeira tenha preeminência com relação à segunda. Talvez a força da nossa juventude, a lembrança dos meninos bem meninos, se sobreponha aos tempos de um outono e de um inverno felizes, uma vez ou outra temperados de melancolia.

20 DEZEMBRO

RACIONALIDADE

Há algumas semanas, ocorreu um terrível massacre de crianças numa escola de Connecticut. Mais um, nos Estados Unidos. A mídia trata de tentar descobrir o motivo da chacina e a certa altura chega a dizer que a polícia já conhece o psicótico, mas não o divulga para não prejudicar as investigações. Seria preciso lembrar que um psicótico não tem um motivo para cometer tais barbaridades? Acontece que temos, em geral, a necessidade de restaurar a racionalidade, diante do irracional. Estabelecemos a causalidade e explicamos assim o horror incompreensível. Nós e a mídia ficamos satisfeitos.

21 DEZEMBRO

LOUCOS DE TODO GÊNERO

Essas coisas de loucura me lembraram o Toninho, meio-irmão da Cynira. Certa ocasião, estávamos eu e ela em Catanduva quando se discutia, numa roda familiar, em que medida a parente L. fugia aos padrões de normalidade. As opiniões variavam e não se chegava a uma conclusão. Calado a maior parte do tempo, o Toninho por fim falou, deslindando as dúvidas:

– Ela é completamente louca.

Com isso, ele se afinou com o enunciado do Código Civil de 1917. Este, ao relacionar os indivíduos incapazes de exercer pessoalmente os atos da vida civil, incluía na relação “os loucos de todo gênero”. Mais seguro assim, deve ter pensado Clovis Bevilacqua, pois uma enumeração taxativa correria o risco de deixar de lado certas formas específicas e, mais ainda, estaria sujeita a contínuas revisões. Afinal de contas, incluir “novas loucuras” e excluir antigas faz a felicidade dos manuais de psiquiatria.

27 DEZEMBRO

VISITA AO CEMITÉRIO

Vou ao cemitério bem cedo, evitando o calor infernal. Começo a descer a rampa da entrada quando deparo com uma miragem: duas pequenas bandeiras do Corinthians espetadas na

terra junto a duas lápides. Ao chegar mais perto, a miragem se transforma em realidade, ao contrário do que acontece com as miragens do deserto. As bandeiras são um sinal de vida, como se quisessem contar as façanhas do clube aos mortos que não puderam acompanhá-las. Não conheço os nomes inscritos nas lápides e fico imaginando que a morte lhes fez uma desfeita: corintianos fanáticos não puderam acompanhar dois títulos tão desejados: o da Libertadores e, em seguida, o tão sonhado campeonato Mundial de Clubes.

Volto para casa saudoso e melancólico. Ao me aproximar das imediações do Einstein, me vêm à mente os tempos felizes da doença da Cynira, felizes porque ela estava viva, como me disse certa vez o Sergio, tratando de me animar.

30 DEZEMBRO

CENA SANGRENTA

Últimos dias do ano. Estou no Rio de Janeiro com Carlos. Tremendo calor, praias cheias e coloridas: argentinos, americanos e a “gente diferenciada” que desce do Vidigal, transformando o Leblon. Vamos ao restaurante de carnes do Claude Troisgros. Sentamos e, bem à minha frente, na parede branca, dou com uma grande foto de dois magarefes, cutelo nas mãos, aventais ensanguentados. Que horror! Ninguém parece reparar e imagino que haja quem tenha grande prazer em comer os assassinados e contemplar os assassinos com as marcas do crime. Peço ao Carlos para trocar de lugar e como, com muito gosto, um macio filé-mignon acompanhado de purê de cará, tomates recheados, verduras, quinoa e outras coisas mais. Na saída, lanço um olhar aos magarefes: o sangue parece ter secado.

31 DEZEMBRO

SONHOS BÚLGAROS

Entramos no Sushi Leblon, na hora do almoço, quase sem espera. Perdi a oportunidade de ficar na fila e ler *Guerra e paz*, como disse um cronista do cotidiano cujo nome não consigo lembrar. Sentamos a uma mesinha para dois, ao lado de outra do mesmo tamanho. Fico de frente para a janela, de costas para o movimento e para o burburinho do restaurante. É impossível tirar os olhos da morena sentada à mesa vizinha, por volta dos quarenta anos, classuda, pernas cruzadas, pele luzidia, coxas firmes, que contemplo de relance – não vá dar vexame... Em frente a ela, uma amiga mais jovem, mas muito gorda, bem morena, cara de indiana ou algo por aí. Conversam em inglês, a propósito não sei do quê. Do burburinho às minhas costas, distingo uma palavra, solta por uma voz desagradável:

– Califórnia?

À saída, comento com Carlos a classe da jovem senhora e ele faz uma observação estranha:

– Ela é búlgara.

– Como búlgara? Búlgara para mim é uma mulher loura, muito branca, que ingere

toneladas de iogurte.

Ironizo, dizendo que a adivinhação foi fácil porque a personagem usava uma bolsa em que estava inscrita a marca Bulgari. Carlos não acha a menor graça (para acertar uma boa tirada é preciso operar em grande escala) e me explica como soube da nacionalidade da bela senhora. Certamente por ter melhor ouvido do que o meu e estar em melhor posição, ouvira um rápido diálogo, nascido do rumor indefinido. Passara junto a nós um italiano cafona, acompanhado de uma criança com quem falava em italiano. Pois a bela sussurrara à criança algumas palavras na chamada língua de Dante. O peninsular entusiasmou-se:

– *I lei da dove è nata?*

– *Io sono bulgara.*

Meio decepcionado, o italiano dirigiu-se à jovem gorda, como *second best*:

– *I lei da dove è?*

A moça entendeu, tanto que respondeu:

– *I am American.*

– *California?*

– *No, New York.*

Eu terminaria o relato por aí, não fosse 31 de dezembro, dia de declarar desejos às estrelas e, quem sabe, realizá-los. Estávamos em pleno dia, um sol brilhante, mas consegui percebê-las atrás das nuvens, à espera da noite. Formulei um desejo que as estrelas receberam. Piscaram os olhos para mim, sugerindo que eu seria atendido: a jovem senhora búlgara me telefonaria na virada do ano. O resto seria por minha conta, sem acompanhamento estelar.

Alguém diria que aquilo era um absurdo, até porque o ano novo entrara aos tropeções e nada acontecera. Isso na aparência, pois em meio ao som do “bate-estaca” infernal do vizinho o telefone tocara insistentemente à meia-noite, e ninguém conseguira atender. Seria ela? Ou o italiano cafona, a essa altura bem mamado, a gritar “California, California!” sabe-se lá de onde?

2 “Turquino” é o judeu sefardi turco.

[2013]

9 JANEIRO

KAFKA JUDICIAL

Vou ao Fórum da praça João Mendes para preencher um formulário e depois retirar um xerox completo do processo do Crime da Mala (1908), que deve se desdobrar em vários volumes. Nas entradas, policiais femininas examinam as pastas ou as bolsas das pessoas, antes de deixá-las entrar. Entro por uma passagem lateral, livre de inspeção.

Tenho uma dúvida porque não encontrei nos bolsos o número do andar e o nome da pessoa a quem devo procurar, apenas uma dúvida, pois, afinal de contas, “vai ser fácil achar”. Tomo o elevador e, por palpite, escolho o 21º andar. Vou ao guichê minúsculo da reprografia e digo o que vim buscar.

– Mas assim não dá – diz a moça que me atende –, porque cada andar tem uma sessão de reprografia. O senhor precisa saber qual é a que procura. Aqui, não é.

Andar de guichê em guichê é uma tarefa penosa. Mesmo assim, faço perguntas aqui e ali e olho para as muitas filas de gente conformada com a espera incalculável, segurando um requerimento nas mãos. Por fim, num dos corredores, uma senhora com a segurança de quem é da casa me (des)orienta:

– Quem sabe disso que o senhor está procurando é alguém daquelas mesas do saguão.

Desço, já com a sensação de fracasso, e pergunto a uma policial militar:

– Onde ficam as mesas aqui do térreo?

Ela me deita um olhar cansado e diz que ali não há mesa alguma. Faço uma ampla inspeção ocular e vejo que ela tem razão. Última tentativa. Me encaminho a um balcão encimado por uma faixa onde está inscrita uma palavra renovadora de esperanças: informações. Mas, ao mesmo tempo, uma cartolina modesta anuncia: retirada de formulários. Há uma fila única para as duas opções e eu, hesitante e humilhado, entro na fila. Tento recuperar o ânimo, quando sinto uma pancadinha nas costas:

– Boris; ou seria professor ou doutor Boris? Há tanto tempo não nos encontramos!

Olho para o homem relativamente jovem, simpático, vestido com uma roupa esporte. Não ousou dizer que não me lembro dele, como em geral faço nessas situações, porque a familiaridade do homem faria com que a observação soasse indelicada. Rápida troca de palavras, sem que eu consiga avançar. Finalmente, ele me diz:

– O que você, ou seria o senhor, está fazendo aqui?

– Estou à procura do xerox de um processo (etc. etc.)

– Mas você, ou seria o senhor, não precisa pegar a fila pela sua idade, quanto mais não fosse.

Impulsionado pelo ilustre desconhecido, vou direto ao balcão e mais uma vez digo o que estou procurando:

– Ah, assim não é possível. O senhor – agora é senhor, com certeza – precisa saber a que vara pertence o processo.

Inútil dizer que o Crime da Mala é do começo do século xx, que veio provavelmente de um arquivo-geral e não está adstrito (usei outra palavra) a alguma vara.

– Sei, sei, mas sem saber a vara não tem jeito.

Volto para casa meio frustrado, mas logo me recupero ao lembrar que anotei os dados num caderno em espiral. O andar era o vigésimo – aparentemente estive “quente” mas não “pelando” e agora tenho o telefone e o nome da funcionária que me ligou avisando que as xerox estavam a minha disposição. Retorno a ligação confiante, peço-lhe desculpas quando ela diz que está em férias e digo que, de qualquer forma, vou retirar as cópias na semana seguinte. Ela me diz que é melhor esperar um contato. Dias depois, tomo a iniciativa:

– Foi bom o senhor ligar. Não estão encontrando o processo, mas vão encontrar.

A história continua cerca de uma semana depois. Uma moça gentilíssima, de voz macia, me liga do Arquivo Judiciário informando que o processo solicitado já está lá. Apenas vai ser muito difícil fazer cópias porque os quatro volumes, bem desgastados, podem ser danificados na operação. (Penso no fiel que fazia esse trabalho com destreza, utilizando uma grande agulha e um barbante bem forte, mas pelo jeito não há mais fiéis como antigamente.) Por fim, um amigo historiador, especialista na história do Paraguai, me socorre quando lhe falo sobre o obstáculo:

– Hoje só excepcionalmente se usa xerox; a cópia digital é muito mais prática e ocupa volume muito menor.

Falo com a moça do Arquivo, e ela fica aliviada com a alternativa proposta. A essa altura parece que os deuses estão do meu lado: um jovem historiador que está fazendo pesquisas no Arquivo ouve minha conversa com a moça e se dispõe, muito gentil, a fazer uma cópia digital de todo o processo. Foi o que ele fez, pouco tempo depois.

Vou ao Arquivo em busca do documento, sou bem acolhido e começo um diálogo com um funcionário chefe de uma seção, pessoa de meia-idade que, conversa vai, conversa vem, se fixa nas histórias do Ipiranga de outros tempos. Digo que também me lembro de muitas coisas do bairro, das visitas ao museu onde ia admirar as carruagens da entrada; os retratos dos dois imperadores; o quadro mítico e solene de Pedro Américo, em que Pedro I, com a espada em riste e cercado de seus oficiais, proclama a independência pátria. Na escadaria que leva ao andar de cima, aquários cheios, supostamente, com água dos principais rios brasileiros; no andar de cima, a maquete da São Paulo antiga, cujas poucas ruas é possível percorrer com um olhar.

Quando menciono o Clube Atlético Ypiranga, cujo estádio ficava na rua Sorocabanos, meu interlocutor não se surpreende e diz que o clube ainda existe como agremiação social. Duvido que muitos de seus frequentadores tenham ouvido falar do veloz ponta-direita Peixe (havia verdadeiros pontas-direitas naquele tempo!); do “becão” Homero Oppi, que depois jogou no Corinthians; do Dema, que foi para o Palestra; do Liminha, do Bibe e de tantos outros que justificam a alusão ao Ypiranga como “celeiro de craques”. Se mergulharmos mais fundo nas águas do passado, encontraremos o mulato Arthur Freidenreich, centroavante lendário, filho de um comerciante alemão e de uma cozinheira negra; o Pedro Grané, que depois formou no Corinthians um famoso trio final – Tuffy, Grané e Del Debbio; o pintor Rebolo, integrante de

um núcleo de artistas – o Grupo Santa Helena – que tinha ateliê no edifício do mesmo nome, na praça da Sé.

Alguém me chama e vou em busca da fonte tão desejada. Enfim! Lá está ela, em CD, tendo ao lado, acomodados numa caixa preta, os volumes originais. Volto para casa, levo algum tempo para abrir – o melhor da festa é esperar a festa, até porque não houve festa. O CD era do segundo Crime da Mala, o do José Pistone, que eu já tinha em meu poder. Morri na praia. Estava prestes a ganhar um selo olho de boi e ganhei um simples repetido. Por um tempo tento me convencer de que o primeiro Crime da Mala simplesmente não existiu.

1º FEVEREIRO

Ao acordar me lembro de um dos pouquíssimos jogos que rolavam na casa familiar. Melhor dizendo, lembro de um dito que acompanhava certo jogo, do gênero dos escravos de Jó que jogavam caxangá. O dito era mais ou menos assim: “*Chiniquito, miniquito, tu padre es Abramico/ Donde te escondes, debajo de la pellica/ Cuando viene el halvadji: uno, dos, tres!*”.

Halvadji, em turco, é o vendedor de halvah, chamado de *halegua*, em árabe. As palavras em ladino se instalaram na minha cabeça. Tanto assim que criei uma versão um pouco diferente: “Chiniquito, meu Nikita, teu pai é Abrãozinho”, e por aí vai.

CHUVA

A revista *Time* publica uma separata sobre a vida do presidente Lincoln. Um dos textos relata a depressão de Lincoln com a perda da namorada Ann Rutledge, vítima de tifo. Ele se angustiava quando chovia, com a imagem do túmulo de Ann, como se ela também se molhasse, abandonada e sem proteção. Qualquer semelhança...

5 FEVEREIRO

DO BARBEIRO DA VILA BEATRIZ AO PÉRIPOLO SERGIPANO

Passei a ir ao barbeiro da Vila Beatriz por indicação do Sergio. Aconteceu que o Eduardo e sua mulher, a Wendy, ambos trabalhando no mesmo cabeleireiro da avenida Pedroso de Moraes, foram para uma cidade do interior, onde montaram um estabelecimento próprio. Então resolvi optar por um salãozinho da Vila Beatriz de que o Sergio é cliente.

O salão da Pedroso não é luxuoso, mas ganha esse título quando comparado com o da Vila Beatriz. Fui lá há uns quinze dias e tratei de estacionar o carro num estacionamento improvisado, com uma instalação à guisa de escritório. Dela saiu um homem alto e mal-ajambrado que chupava uma manga com prazer dionisíaco. Pergunta a um tempo educada e protocolar:

– Está servido?

– Obrigado. – O agradecimento substituiu o que tinha vontade de dizer: – Nem pensar.

A barbearia tem as portas abertas para a rua e nela trabalham três profissionais da tesoura. As paredes são quase nuas, exceto por um aviso: “cabelo 30; barba 20”.

Chego me apresentando:

– Sou o pai do Sergio.

Dúvida no ar, até que um deles diz:

– Sergio, o palmeirense.

Logo vi que eles também o são; onde fui me meter... Não perguntaram pra que time eu torço porque farejaram alguma coisa ou conversaram com meu filho, e assim trataram de evitar a perda de um novo *frequê*s (lá na Pedroso eu era *cliente*). Conversa vai, conversa vem, o solícito barbeiro que me atendeu diz que os oficiais da barbearia são todos provenientes de uma mesma cidade no interior de Sergipe, de cujo nome nunca ouvi falar. Mas eu conhecia o estado muito bem; se digo “conhecia” é porque lá estive há mais de sessenta anos.

Fui a Sergipe a convite do meu amigo do Colégio São Bento – Julio Cesar Prado Leite –, filho do então senador Julio Leite, pessoa distinta e discreta. Julio Cesar se formou pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco e se mudou para o Rio, onde foi consultor do Ministério do Trabalho. Mas acredito que sua satisfação maior tenha sido a publicação de poemas, mesmo porque ele se aventurava nas artes poéticas desde os tempos em que éramos colegas. Julio Cesar morreu relativamente cedo. Da minha parte, confesso uma dívida que já não posso pagar: quando, em certa ocasião, o Augusto me avisou que Julio fora operado por problemas cardíacos e estava internado num hospital aqui de São Paulo, eu simplesmente deixei o tempo escorregar e não fui vê-lo.

FRAGMENTOS DE SERGIPE

No verão de 1947 passei alguns dias em Aracaju, na época, uma cidade provinciana. A casa dos Leite era uma mansão com muitos quartos, jardim na frente e um pomar nos fundos. Havia muitas ruas calçadas com paralelepípedos e, em algumas delas, transitavam bondes sonolentos. A praia da Atalaia ficava a curta distância, mas fora da cidade, e suas residências simples destinavam-se a gente relativamente abastada da capital e do interior.

A casa dos Leite dava de frente para o mar e era tão simples como as demais, nesse tempo em que na praia não se enfileiravam arranha-céus e os vizinhos conversavam entre si.

Recordo dois episódios dos dias da Atalaia. Um é apenas curioso, o outro é muito instrutivo. Alguém teve a ideia – não sei se era um hábito nas férias de verão – de organizar um torneio de oratória à noite, tendo como palco um quiosque que me lembrava os do jardim da Luz, em São Paulo. Ganhei o torneio, não sei se por gentileza do júri para com um jovem que vinha do Sul e era acolhido pelos Leite ou pelo conteúdo da minha fala. (Um ano depois, eu iria entrar na Faculdade de Direito, onde fui amplamente derrotado num torneio dessa natureza, mais sisudo e formal.) Me lembro até de um trecho do discurso no quiosque da Atalaia que dizia mais ou menos assim: “Paulista vindo ao Norte – não era ainda o Nordeste – e sem conhecer os problemas do Norte, vi agora quanto há por fazer”. Citei as tenazes iniciativas pelo desassoreamento do porto de Aracaju e outras mais e terminei dizendo que “tudo se alcançará por força da disposição e do valor da gente sergipana”. Ganhei como prêmio os dois volumes

do vetusto *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Cândido de Figueiredo, com um subtítulo curioso que não se harmoniza com a sobriedade dos léxicos: “Redigido em harmonia com os modernos princípios da linguagem, e em que se contém mais do dobro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses”. Ainda conservo o dicionário nas minhas estantes, embora ele esteja ameaçado de expulsão, diante da absoluta falta de espaço.

A segunda cena passou-se em torno de uma mesa na sala da casa de praia dos Leite. A luta política em Sergipe estava impregnada da divisão entre clãs familiares e tinha uma virulência que se revelava em assassinatos e nas manchetes ferozes de jornais, financiados por este ou aquele grupo. Um desses jornais anunciou em letras colossais: O SENADOR JULIO LEITE TEM UM HARÉM DE ESCRAVAS BRANCAS EM ESTÂNCIA.

Em Estância o patriarca dos Leite tinha uma fábrica têxtil moderna, que se diferenciava de outras pelo tratamento dado a seus funcionários e operários. A ignomínia era imensa e uma reunião em tom circunspecto, reunindo os muitos filhos e sobrinhos, teria de resolver qual a resposta adequada à ofensa. Não lembro o que ficou decidido. Lembro apenas – e já é muito – o anúncio do senador, logo no início da reunião:

– A proposta de mandar matar fulano de tal – por certo, o responsável pelo jornal – está excluída!

Julio Cesar noivava e fiquei mais tempo com seu irmão mais novo, Fernando, que viria a ser deputado estadual e presidente da Assembleia Estadual de Sergipe. Com ele, fui passar uns dias na fazenda de cana-de-açúcar de propriedade de “tio Otávio”. “Tio Otávio” nos recebeu sentado numa cadeira de balanço na parte dos fundos de uma sala assoalhada com tábuas corridas, que a memória faz parecer imensa e, quem sabe, fosse. À medida que eu e Fernando nos aproximávamos, a silhueta do “tio” se tornava mais clara até que ficou nitidamente desenhada a figura de um homem gordo, de olhos azuis e sorriso comedido. A deferência do beija-mão me deixou embaraçado porque eu nunca beijara as mãos de gente da minha família, quanto mais de um estranho. Cumpri o ritual roçando apenas os lábios pela mão envelhecida, num ato que me pareceu não de respeito, mas de uma insuportável subserviência.

A subserviência era a marca das relações verticais na fazenda. Quando os camaradas chegavam à casa-grande para receber ordens ou para fazer um pedido, eram recebidos pelo fazendeiro acomodado numa cadeira de bambu. Antes de falar em voz baixa, de pé na escadaria de entrada da fazenda, tiravam o chapéu e faziam uma reverência. Eu imaginava que em seguida eles iriam se ajoelhar, mas isso nunca aconteceu.

O que os fazendeiros pensavam do industrial progressista Julio Leite? Um homem essencialmente da cidade, com um empreendimento muito lucrativo que oferecia algumas regalias (área de lazer, biblioteca etc.) a seus operários? Não sei. Mas ao menos recolhi, via dr. Julio, uma observação de Jorge Amado quando visitou o local. O escritor não gostou do que viu e considerou as “bondades” do senador como um artifício para abafar a luta de classes. Era o Jorge Amado deputado, que em 1947 se afinava com o radicalismo do PCB imperante em quase todos os anos da Guerra Fria. Depois, mudou até demais.

Com o Fernando e mais um agregado da família Leite fiz uma viagem de jipe pelo sertão.

Passamos por Jeremoabo, perto do local em que existiu o arraial de Canudos; nos maravilhamos com Paulo Afonso no esplendor de suas quedas-d'água, num tempo em que a usina ainda estava no papel. Melhor de tudo foi visitar Pedras de Delmiro, o lugarejo hoje abandonado em que Delmiro Gouveia montou uma fábrica de tecidos, arruinada pela competição dos ingleses. Pois Delmiro me livrou de uma situação desagradável quando, muitos anos depois da viagem a Sergipe, fiz uma palestra em Fortaleza, num grande auditório lotado. Havia no ar uma atmosfera de ressentimento contra aquele paulista que, por definição, devia desprezar o Nordeste. Alguém me perguntou, na sessão escorregadia das perguntas, por que eu tinha escrito uma história do Brasil em que o Nordeste mal figurava, em que falava de industriais do “Sul-Maravilha” mas não de um homem extraordinário como Delmiro Gouveia? Deitei e rolei na resposta. Parecia tudo combinado.

6 FEVEREIRO

ZECA SE DESPEDE

Bem na hora do jantar, como fez ao longo de anos e anos, o Zeca toca a campainha de casa. Neusa o atende com um sorriso irônico e me informa:

– Seu amigo está aí.

Vou com o dinheiro na mão para pagar o mês e evitar longas conversas. Não devia ser tão seco. *Mea culpa*. O Zeca, guarda-noturno da rua há mais de cinquenta anos, merece muito respeito.

Ao chegar à área da entrada de casa, percebo que esse não é um encontro rotineiro porque o Zeca me diz, apontando uma cadeira:

– Doutor Boris, faz favor, senta aí.

Com a voz embargada, diz que aceitara meus conselhos: ia parar de trabalhar, depois de mais de cinquenta anos caminhando pelo mesmo quarteirão, fizesse chuva ou sol, pois não quer arruinar de vez a saúde. Nos últimos tempos, sua “vigilância” se tornara patética – os apitos no meio da noite continuavam fortes, mas as pernas lhe faltavam, tinha de se apoiar numa bengala e ficava grande parte da noite dentro da guarita, marca precária da privatização da segurança.

Com o Zeca, foram-se fragmentos dos tempos da dupla Cynira-Boris, dos meninos hoje cinquentões, das festas infantis com apagar de velinhas, sorveteiro no jardim e o Zeca no portão para evitar surpresas; fragmento do Zeca corajoso que trocou tiros com ladrões, foi ferido na perna para proteger os moradores da rua; fragmento ainda do Zeca chato que aparecia aceso na hora do nosso jantar e desenrolava histórias infinitas do bairro, num falar do interior pernambucano que ele nunca abandonou.

17 FEVEREIRO

Quando escrevi algo sobre diversões caseiras na família, esqueci de uma brincadeira que reunia meninos e adultos, geralmente depois do jantar, ou então nas tardes de domingo sem futebol que custavam a passar. Era a tômbola, também chamada de víspera ou de loto. Fichas ou dinheiro não corriam. Jogava-se “a leite de pato”, e nem por isso as disputas eram reduzidas. Comprávamos as peças do jogo, muito simples, nas lojas de brinquedo: uma cartela de papelão pintada com quadradinhos – as casas – onde estavam impressos os números do jogo, separados por casas vazias; um conjunto de pequenas peças de madeira onde estava impresso em vermelho um dos números da cartela; um saquinho de pano fechado, em que um dos jogadores enfiava as peças, fazendo o papel de crupiê. Ele cantava um por um os números que tirava do saquinho, enquanto os jogadores colocavam feijões nos quadradinhos numerados da cartela, à medida que saíam os números correspondentes. Ganhava-se fazendo uma quina – preenchimento horizontal de uma linha – e principalmente quando um dos jogadores completava a cartela.

Os “turquinos” já conheciam o jogo do tempo de Urlá e Izmir, como indicam algumas referências aos números que iam saindo. Não se dizia nada quando saía o 22, o “dois patinhos na lagoa”, bem brasileiro ou português. Em compensação, o 19 era o “dize que no vem”; os números das casas decimais vinham quase sempre acompanhados de uma palavra: “justos quarenta”, “justos cinquenta” e por aí vai. Quase sempre porque o maior número da série, o 90, era o “gran papulino” (o papu, homem idoso e respeitável, em ladino e também em grego).

25 FEVEREIRO

O ELEGANTE ZECA

Sábado pela manhã. O Zeca chega à Gaspar Moreira pontualmente às onze, como combinamos. Ele vem receber um “presente” pelos anos e anos em que prestou serviços em nossa rua. Vem disposto, mas literalmente mal das pernas, apoiando-se na bengala. A conversa, temperada de saudade e de certa melancolia, flui bem, depois de uma queixa sobre as limitações da velhice:

– Veja esta perna, doutor Borge. Eu fui *enribá* ela, não consegui e me esbodeguei no chão. Me machuquei um pouco, mas podia ser bem pior.

Lamentou sua situação de hoje em comparação com o passado, quando batia a pé da Aclimação até o Butantã e não cansava nada.

– Nesse tempo eu dançava muito bem, doutor Borge.

– O que você dançava? Xote?

– Xote, forró, baião, bolero (como eu gostava de um bolero!), só não dançava valsa, eu cismava com a valsa. Mudando um pouco de assunto – continuou –, como o senhor me vê de farda não sabe o gosto que eu tenho pelas roupas boas. Até hoje tenho cinco ternos: um de cambraia, o mais gostoso; o de microfibra, pano forte que resiste toda a vida, tão fininho, ninguém dá nada por ele; o de tergal é mais ou menos, mas o de casimira grossa é uma beleza

para o inverno.

Consegui afinal compreender por que o Zeca aceitava com um muxoxo as roupas usadas, em bom estado, que eu lhe dava, a ponto de eu decidir mudar de destinatário. Lá está ele, falando ao espelho, o que não teve coragem de me dizer:

– Doutor Borge, tenha dó. Não sou mendigo para gostar de roupa usada. Eu que tenho ternos de microfibra, de cambraia, de tergal e de casimira...

Mas o Zeca fica triste porque agora quase não usa os ternos.

– Hoje em dia, quando vou no centro ponho sempre algum dos meus ternos, mas as pessoas andam de manga de camisa, nem reparam em mim, não é uma falta de respeito?

Depois ele se lembrou de um “muro de buraquinhos que cercava a casa”:

– Era uma coisa sem jeito, de fora a gente via tudo.

Expliquei-lhe que o “muro de buraquinhos”, feito de elementos vazados que bem combinavam com a casa, era o máximo de concessão que eu tinha conseguido da City, vendedora dos terrenos do bairro. A empresa queria que da rua fossem vistas as construções, se possível sem obstáculos de uma cerca – uma visão oposta à do Zeca, homem de bom senso.

Falamos sobre o rio Pinheiros, cada vez mais sujo e cheio de pernilongos, sobre os primeiros ladrões que se multiplicaram rapidamente. Naqueles tempos heroicos, mas seguros, Zeca percorria longas distâncias em companhia do compadre Mané, um conterrâneo de Pernambuco.

– O compadre Mané morreu faz dois anos. Ele tinha problema da próstata, não quis se tratar e foi-se embora.

Me vem à mente um episódio ocorrido com o Mané, quando ele e o Zeca já tinham deixado de trabalhar em conjunto. Deve ter sido no ano de 1970 e resumiu-se a uma frase denotativa do clima da época. Zeca *dixit*:

– Compadre Mané foi cassado.

Naturalmente, o Mané não poderia figurar numa lista de cassações. Fora despedido porque moradores do bairro acharam que ele era meio devagar na vigilância.

Zeca me fala com orgulho de uma foto sua tirada pelo Carlos que ele guarda em casa. Ele lembrou que não queria tirar mas o Carlos fez questão, “achei que ele ia ficar brabo”, e a foto acabou saindo. Por poucos instantes, revi a casa cheia nos aniversários das crianças, as peripécias do Zeca, a saída de casa dos meninos, depois a saída para sempre da Cynira e eu hoje sozinho até quando Deus quiser, como o povão gosta de dizer.

3 MARÇO

HISTÓRIA CAIPIRA

Mário me trouxe de volta a São Paulo, vindo de Ibiúna, numa tarde de forte calor. Quando ele nos foi indicado como jardineiro, há uns vinte anos, era um caipira tímido que só respondia perguntas e, mesmo assim, por meio de frases compostas de três palavras.

Mas cresceu no serviço, em contato conosco, a ponto de me contar esta história surreal, enquanto rodávamos pela estrada:

– O português precisava serrar o galho duma árvore grande do sítio dele. Sentou em cima do galho e começou o serviço, quando um camarada passou e disse: “Ói, português, desse jeito você vai tomar um tombo feio”. O português falou: “Que tombo, que nada, rapaiz, eu estou bem equilibrado aqui em cima”. Acabou de falar e se arrebentou no chão. Então o português pensou: “Esse home é...”. Como se diz?

– Adivinho.

– Isso mesmo: “Esse home é adivinho e ele vai me dizer quando eu vou morrer, ando preocupado com isso”. Então ele perguntô pro adivinho: “Ocê que sabe tudo me diga: que dia eu vou morrer?”. O adivinho falou: “Quando você sair por aí montado no seu burro e ele cagar três vezes pelo caminho, você vai embora deste mundo nesse dia mesmo”. Passô um tempo e o português que plantava mio foi levar o mio que ele tinha colhido no farinheiro, pra deixar o mio e receber farinha de troca. Montou no burro pra ir no farinheiro e no meio do caminho o burro cagou uma vez. O português não deu muita importância, mas quando o burro cagou pela segunda vez, ficou apavorado, desmaiou e caiu do burro, largado no caminho. Aí passaro dois home, viro o português esticado, quetinho, e acharo que ele tava morto. Então foram buscar uns pano pra enrolar o home e um deles pois o português nas costa, como se fazia antigamente, pra enterrar ele no cemitério. Mas no caminho eles tinham de atravessar, o senhor desculpe o nome feio, uma pinguela que passava em cima de um riozinho. O que carregava o morto desequilibrô e o morto caiu no riozinho. A água fria fez ele acordar e gritar: “Socorro, socorro, eu não sei nadá!”. Então o que carregava o “morto” falou: “Dexa ele aí, o causo é esquisito, o português vai morrê pela segunda veiz”.

– E o burro? – eu atalho, inquieto.

– Ah, isso não dá pra saber com certeza porque o burro sumiu, mas ele deve ter cagado seis vezes.

12 MARÇO

LÍNGUA CURIOSA

Tanganika me leva à oculista e na volta, guiando o carro, me pergunta:

– O senhor deletou a pupila?

Não faço a correção, é sempre desagradável, e respondo que sim. Mas agora penso que a frase faz sentido, sim. Ela pode ser parte de uma cena metafórica de assassinato ou de um simples riscar uma palavra no computador.

16 MARÇO

VISITA AO CEMITÉRIO

Sábado. Céu cinza, garoa fina. Vou ao cemitério bastante pessimista e meio deprimido. Quando me aproximo do jazigo familiar, vejo um toldo verde muito próximo e muitas flores já meio murchas. Uma dúvida perpassa meu pessimismo. Teria tanta falta de sorte a ponto de estar às voltas com uma invasão de propriedade, mais dos meus mortos do que minha? Me aproximo e vejo que se trata de um enterro recente, de uma pessoa de sobrenome japonês.

Silvano aparece junto com um colega. Ele fala sem parar e o outro confirma as palavras, com um aceno de cabeça. O tema é pesado para um visitante. Histórias de cadáveres enterrados e exumados, com detalhes que nem vale a pena descrever. Os dois homens são sobretudo jardineiros do cemitério e ocasionalmente sepultadores – um degrau de ascensão social na escala fúnebre. Tenho a impressão de que a naturalidade com que narram suas histórias não tem a ver apenas com uma atividade inusitada, que acaba se tornando rotineira. Eles parecem traçar uma linha de superioridade entre sua frieza e a dificuldade do comum dos mortais de lidar com os restos materiais de uma vida.

Trato de mudar de conversa – chega de história triste – e o Silvano muda o disco para narrar, orgulhoso, cenas de suas relações sexuais com muitas mulheres, nas quais ele se sai brilhantemente. Se eu lhe falasse da proximidade de Eros e Tântatos Silvano talvez dissesse que eu estava meio xarope.

5 ABRIL

MEMÓRIA INSIGNIFICANTE

Por que guardamos na memória – eu pelo menos guardo – cenas e frases insignificantes que de repente surgem como vivas aos nossos olhos? Uma cena ocorrida nos anos 50 na sala de espera do cine Ópera é um exemplo. O cinema, mais para elegante, ficava do lado direito de quem sobe a rua Dom José de Barros, quase em frente à sede social do Germania, clube que passou a se chamar Pinheiros quando o Brasil rompeu relações com os países do Eixo, no curso da Segunda Guerra Mundial. Mas não quero falar de alemães, e sim de dois italianos na sala de espera do cinema que ilustram a minha pergunta lá de cima. Era um sábado à noite, e os dois peninsulares conversavam sobre o jogo decisivo do domingo, entre o xv de Piracicaba e o “Lincense”. Decisivo porque o vencedor garantiria o acesso à primeira divisão do Campeonato Paulista. A certa altura um dos italianos perguntou ao outro para quem ele torcia. O outro respondeu que tinha predileção pelo “Lincense”.

– *Perché?* – indagou o que fizera a pergunta.

– *Perché a me non mi piace Piracicaba.*

O que me faz conservar essa história insignificante na lembrança? Será porque era muito estranho que dois italianos se interessassem tanto por um jogo que não lhes dizia respeito? Ou porque um deles optou claramente pelo “Lincense” e se limitou a justificar a razão da escolha por não gostar do xv de Piracicaba? Nada disso explica a conservação desse diálogo sem importância na minha memória por longos quarenta anos. Talvez a “história insignificante” não seja nada insignificante e um analista imaginário possa desvendá-la.

6 ABRIL

JORNAIS DE PROVÍNCIA

Comparo as manchetes dos dois jornais de maior prestígio em São Paulo. Uma delas diz: PROJETO QUE LIMITA A MEIA-ENTRADA É APROVADO POR 51%. A outra informa algo diferente: radar multa um carro por dia na marginal tietê. À noite acompanho um debate futuroológico na televisão sobre o destino dos jornais, diante do avanço irrefreável das novas mídias. Alguém afirma que o jornal vai existir, sim, mas tenderá a ter um conteúdo limitado a assuntos locais. Seria essa a tendência que as manchetes do *Estadão* e da *Folha* estão antecipando?

13 MAIO

PROGENITORAS

Ontem foi Dia das Mães. Sempre tive implicância com essa data, uma tradição inventada que faz as delícias do comércio: só o Natal supera em vendas o Dia das Mães. Mas reconheço que o amor pela mãe é algo muito profundo, e o das mães pelos filhos ainda mais. Nunca ouvi mãe falar horrores do filho: deve haver, mas nunca ouvi. O filho comete crimes bárbaros, mas a culpa não é dele, e sim das más companhias, da polícia, do pai safado. Sejam os filhos excelentes ou péssimos, a publicidade trabalha em terreno sentimental propício, tanto que transformou um domingo qualquer em Dia das Mães.

TORÇA COM MODERAÇÃO

Sou convidado a almoçar em casa de uma amiga, o que me tira dos riscos da solidão no segundo domingo de maio. Há, porém, um detalhe. Às quatro da tarde, Corinthians e Santos disputam a primeira partida decisiva do Campeonato Paulista. Durante o almoço fico atento aos ponteiros do relógio, tendo me certificado de que posso ficar numa sala em que há uma televisão. O tempo vai passando, o excelente almoço termina e peço licença para me retirar, pois quero ver o jogo. Me acompanha um senhor gaúcho que se senta atrás de mim. Ele pergunta quem vai jogar e se tenho simpatia por algum dos clubes. De leve, digo a ele que tenho certa simpatia pelo Corinthians. No decorrer do primeiro tempo o senhor gaúcho deve ter verificado que a mera simpatia não correspondia à verdade. Tratei de ir para casa durante o intervalo, porque exibir paixão diante de alguém muito distante desse sentimento é vexaminoso. Fim de jogo, Corinthians vence por 2 a 1, mas nada está decidido por enquanto.

18 MAIO

VISITA AO CEMITÉRIO

Sábado pela manhã, friozinho e céu cinzento. Vou ao cemitério de coração apertado, mas uma boa surpresa me espera: Silvano, finalmente, ornou a lápide familiar com belas flores. Pego o

galho quebrado de uma begônia e depósito sobre o nome de Cynira. Me animo um pouco com o gesto. Tenho um sentimento semelhante ao que brotou em mim em todos os momentos difíceis de sua vida: a notícia do câncer, a recidiva da doença e os últimos tempos de vida. Não consigo e nem quero pensar que há ali apenas um memorial. Prefiro pensar que, de algum modo, nos comunicamos com muito amor.

Quase a meu lado, chega um casal jovem de origem japonesa. Eles retiram o papel que envolve as poucas flores, deitam-nas sobre uma lápide em que o azinhavre cobriu o bronze. Depois ambos rezam baixinho. Não consigo apreender a língua e o conteúdo da reza. Tenho vontade de conversar com os nipônicos – que na verdade são brasileiros, como os filhos e os netos de outros estrangeiros – da mesma forma como tenho vontade de falar com todos os visitantes que encontro no cemitério. Somos, afinal, integrantes de uma mesma tribo, gente viva (por ora) que vem visitar seus mortos. Desisto de puxar assunto e o casal se vai. Constato que despertei curiosidade neles quando, já a alguma distância, o mais jovem se vira e me olha. Ou será que olha mais uma vez na direção da lápide, para se certificar de que o descanso dos seus foi retomado depois da visita?

Em seguida, vou em busca do Silvano para acertar contas. Um guarda me informa que ele ainda não chegou mas já devia ter chegado. Resolvo dar uma volta para mexer as pernas e dou com uma lápide malcuidada de alguém de sobrenome armênio, com uma bandeirinha de pano fincada ao lado. Na parte superior da flâmula vejo inscrições numa língua que presumo ser o armênio clássico e, logo abaixo dos caracteres ilegíveis, sua provável tradução: REINO ARMÊNIO DA CILÍCIA. Estampado em vermelho-vivo sobre o fundo amarelo, há um dragão coroadado.

Fico sabendo que o Reino Armênio da Cilícia existiu entre os séculos XI e XIV, situado no que é hoje o sul da Turquia, na região da Cilícia. Os armênios, cristãos que às vezes combateram ao lado dos cruzados, chegaram àquela área fugindo dos turcos seljúcidas, ocupantes de seu território original, que se localizava, aproximadamente, na atual Armênia. Resta entender por que o brasão desse reino medieval figura num jazigo do Cemitério do Morumby.

31 MAIO

VIVA A CLASSE C

Cena ibiunense: Mário me perguntou ontem se eu receberia duas primas dele, uma delas professora que gostaria de me entrevistar.

– Claro que sim – respondo.

Hoje as moças, bem-arrumadas, apareceram. Uma delas já é professora e dá aulas em escolas da região, em Ibiúna e em Vargem Grande. A outra ainda não se formou, mas também já se dedica ao ensino. Ambas cursaram ou cursam letras, formação com baixo valor de mercado que atrai uns poucos filhos de intelectuais e a emergente classe C.

A que ainda é estudante precisa me entrevistar pois seu professor – mestrando da USP – deu à turma a tarefa de entrevistar pessoas de nível social e de instrução bem diversos para saber

que opinião têm sobre a importância de seguir a norma culta. A entrevistadora, sorriso tímido e lábios apertados, diz que como introdução gostaria de saber um pouco da minha carreira.

– Afinal de contas, o senhor é uma celebridade.

Digo que não é bem assim, mas evidentemente fico contente com a qualificação honrosa. Ela repete o elogio e uso uma fórmula que costumo empregar diante de elogios, sobretudo femininos:

– Já que vocês insistem, não vou contrariá-las porque fica feio.

Desenrolo de forma sucinta meu currículo, que, para elas, filhas de um motorista de ônibus, deve parecer uma lista extensa e cheia de detalhes.

A entrevistadora faz um comentário que me deixa meio incomodado:

– Vejo que o senhor foi educado só em escolas de elite. O que acha da educação hoje?

Falo do que não sei e, de repente, a moça muda de assunto:

– O Lula é um exemplo positivo, ele que foi presidente do Brasil sem ter estudado?

Respondo, e a entrevistadora quase não reage, limita-se a um sim miúdo com a cabeça, em aprovação à minha previsível resposta. Depois falamos sobre norma culta e o falar “errado”, e concordamos que a primeira faz sentido, já o segundo nem sempre, pois há falares e falares “errados”. Chegamos ao fim e ela diz que seu professor vai gostar da entrevista. Quando pergunto quem formulou as perguntas, diz que foi ela mesma, com ajuda da irmã. Observação final:

– O senhor desculpe eu ficar encolhida no começo da conversa. O senhor é uma celebridade.

Dessa vez, deixo o elogio passar em branco.

5 JUNHO

LONG LIVE BUKOVINA

Termino uma resenha de *Tempos fraturados*, o último livro de Eric Hobsbawm. Insisti bastante na imagem comparativamente positiva que ele transmite do Império Austro-Húngaro, mas deixei de me referir a uma circunstância pessoal. Tenho também atração por esse império desaparecido, esfacelado, vítima de uma morte anunciada desde as últimas décadas do século XIX.

Há algo mais específico do que um interesse histórico nesse sentimento; meu pai nasceu no Império Austro-Húngaro, na província da Bukovina, e a ela desejava retornar. Mais precisamente, ele queria rever sua aldeia – Korlufka –, para mim um lugarejo perdido que não consigo encontrar nos mapas. Mas, se Korlufka tinha a força da lembrança, a admiração fixava-se em Czernowitz, a capital da Bukovina, a “pequena Viena”, como era chamada não sem certo exagero. Com cerca de 80 mil habitantes na virada do século XIX, entre alemães, rutenos, romenos, armênios, judeus e poloneses, Czernowitz era uma cidade multiétnica que, pelo menos nesse aspecto, me lembra a São Paulo dos tempos de imigração em massa. A afinidade aparentemente absurda tem a ver não só com a diversidade étnica, como também com as

manifestações sociais que ocorriam nas duas cidades na virada do século. Exemplo maior são as comemorações de 1º de Maio, que tanto aqui como lá davam voz a oradores que se revezavam nas tribunas para estigmatizar as misérias do sistema capitalista, divergindo apenas na língua empregada – em São Paulo falavam italiano, espanhol e português; em Czernowitz, alemão, ídiche, armênio, polonês etc.

Não sei e nunca vou saber se meu pai esteve em Czernowitz, mas sei que na sua memória (imaginária ou não) a capital da Bukovina era um centro cultural resplandecente. De fato, nos últimos anos do século XIX a cidade se destacava por ter uma universidade em língua alemã e (especialmente para a população judaica) uma imponente sinagoga em curioso estilo mourisco.

Mas meu pai nunca falou dos aspectos obscuros de Czernowitz, dos bairros pobres da cidade, sujeitos a constantes inundações, tampouco da água insalubre, da tuberculose e do tifo. Em sua maioria, os judeus eram pobres e ganhavam a vida como vendedores de soda, trabalhadores de oficinas e armazéns, carregadores de feira ou, quando muito, donos de pequenas lojas e cantinas.

Nos dias de hoje, quem sabe onde fica a Bukovina? Mesmo quando judeus asquenazes me perguntam onde meu pai nasceu, a resposta não lhes diz nada. Preciso me referir à vizinha Bessarábia, de onde muitos judeus vieram para as Américas. Para eles, a Bessarábia é uma região que merece ser lembrada, já a Bukovina não passa de uma palavra estranha ou, quando muito, uma terra de judeus pobres e ignorantes.

Mas não eram só judeus sem dinheiro que viviam na Bukovina, e aí é que entra Hobsbawm, ao reabilitar a província como a primeira região imperial em que se tornou clara a distinção entre judeus não assimilados (não necessariamente pobres), cuja língua era o ídiche, e judeus assimilados, falantes do alemão. Foi lá que uma orgulhosa e educada classe média lançou um movimento para que se desse aos judeus um status nacional, cimentado pelo ídiche como língua própria. A Bukovina é a terra natal de um grande poeta da língua alemã, Paul Celan; de Gregor von Rezzori, escritor, jornalista, roteirista e ator que contracenou com mulheres famosas como Brigitte Bardot e Jeanne Moreau; do diretor de cinema Otto Preminger, que dirigiu *Laura*, com a inesquecível (para quem a admirou) Gene Tierney.

Outro mérito da Bukovina: o antissemitismo foi aí menos virulento do que em outras áreas da Europa Central. Os judeus obtiveram plena cidadania em 1867, embora na prática esse reconhecimento nem sempre tenha sido respeitado. Nas comemorações nacionais era frequente a presença dos rabinos da comunidade ao lado de dignitários da Igreja ortodoxa e pastores protestantes. Judeus da terra passaram a ter direito a propriedade a partir dessa data, inclusive as de grande extensão, direito que lhes fora vedado por muitos séculos.

O relativo equilíbrio foi desfeito abruptamente quando a Rússia czarista invadiu a Bukovina e outras regiões do Império Austro-Húngaro no início da Primeira Guerra Mundial. Dado eloquente é o prefeito judeu de Czernowitz (Salo Weisselberger) ter sido enviado para a Sibéria ao lado de outros judeus eminentes. No fim da guerra a província foi incorporada ao reino da Romênia, onde não apenas foi instituída a censura à imprensa, como também os judeus foram transformados em cidadãos de segunda ou terceira classe sujeitos a inúmeras

restrições, como as cotas para o ingresso nas universidades.

Até que ponto meu pai absorveu algo da cultura judaica quando súdito do Império? Tendo a crer que bem pouca coisa. Nunca se referiu ao judaísmo ou ao antissemitismo (algo mitigado, mas vigente) na Bukovina, de onde partiu ainda adolescente. É possível que tenha ocultado algumas práticas religiosas, já que para se opor a seus cunhados costumava adotar uma ácida postura cética. Mas havia uma exceção. Quando minha prima Odete, boa pianista, aparecia lá em casa, nos encontros familiares, meu pai lhe dizia:

– Odete, toca *Kol Nidrei*.

Kol Nidrei é um recitativo cantado *a cappella* nas sinagogas que abre a semana de expiação do Yom Kippur, libertando os crentes da culpa por não terem cumprido promessas.

Quase me perdi nesse roteiro pessoal pelos caminhos da periferia do Império Austro-Húngaro – para mim um extravio prazeroso. Até porque, quando alguém franzir a testa e me indagar: “Afim de contas, onde fica essa Bukovina de que você tanto fala?”, eu não responderei, humilde, que a Bukovina é uma região que fica em tal lugar etc. etc. Não vou explicar nada, e sim sugerir ao interlocutor, sobretudo se for judeu, que ele não passa de um ignorante.

7 JUNHO

PRECONCEITO

A linguagem das classes populares, não é novidade, tende a ser mais direta do que a nossa, até porque o repertório de palavras é menor. Ângela me fala a respeito de uma casa vendida recentemente no Mirim Açú.

– De que casa você está falando, Ângela?

– Da casa que os viados venderam.

– Viados? – pergunto eu.

– É, viado, sim, *dotor* Boris, eu até que gostava deles porque pagavam bem a empregada e não incomodavam ninguém. Falar “gay”, caipira não fala, isso é moda nova.

O tema dos “viados” desaparece, e Ângela passa a discursar sobre uma menina “meio parente” dela, mas que tem cabelo “ruim”.

– Como assim?

– Cabelo ruim, enroladinho, que chamam de cabelo pixaim. Não pode deixar assim, veja a minha neta – (a mãe é negra): – alisa o cabelo, faz chapinha, essas coisas, e está sempre com o cabelo ajeitado.

Tento dizer, em linguagem simples, que não há cabelo ruim e cabelo bom, que não há moral na capilaridade, que tudo é uma questão de etnia, de raça. É inútil. Minha fala é um ruído que não deixa eco.

– Cabelo ruim, *dotor* Boris, cabelo pixaim.

O consultório dos dentistas é discreto, bem-comportado, as paredes são pintadas de verde-claro. Nota-se a falta de uma mão feminina: não há no ambiente algo como um buquê de flores, nem mesmo uma flor única, dessas que personalizam o espaço. Numa mesinha, uma pilha de revistas *Caras* que, na verdade, podem ser entendidas como uma só, pela repetição de títulos idiotas e beiedades plastificadas. Talvez eu, intelectualizado e inexperto, não tenha captado o sentido subliminar das revistas, pois as beiedades e não-beiedades estão sempre exibindo sorrisos de dentaduras perfeitas.

Um som monótono e irritante percorre o ambiente. É a *musak* da rádio Alfa FM, entrecortada apenas pela voz morna de um locutor. Para não ser injusto, estou lá porque quero, talvez seja muito enjoado, porque tecnicamente o consultório é da melhor qualidade e, o mais importante, sou atendido por uma jovem e suave profissional. Estou quase deitado na cadeira de dentista, num bom ângulo para contemplar de esguelha os olhos castanhos da moça fixados não no Boris, mas na boca do Boris. A mão suave, infelizmente coberta por luvas de borracha, às vezes roça o meu rosto e de quando em quando um motor derrapa, ressoando ligeiramente nos meus dentes.

De vez em quando, fecho os olhos e mergulho no escuro, para logo voltar ao prazer de contemplar os olhos castanhos. Nesse vaivém, a escuridão de repente deixa de ser escura e dá forma a um rosto encovado, de nariz tortuoso, algumas rugas, óculos pesados de lentes grossas e armação de tartaruga. Tento trazer à lembrança os olhos castanhos da moça, mas o rosto de dona Anita insiste em me encarar e abre caminho para um mergulho na rua Rego Freitas, a calma Rego Freitas de outros tempos, em que os prédios feiosos ainda não existiam, os poucos carros corriam quase livres, ultrapassando as carroças, e onde se respirava o ar fresco das manhãs.

Dona Anita era apenas prática e admirava os odontos diplomados, como seu preceptor, o dr. Ari, são-paulino fanático. Pois essa senhora de meia-idade nada atraente teve o grande mérito de transformar minhas primeiras idas ao dentista, apesar do motor rangente e da falta de anestesia, num momento afetivo. O consultório ficava na sala da frente da casa desaparecida da rua Rego Freitas e tinha um jardinzinho que lhe dava um aspecto mais “nobre” em comparação com os sobradinhos geminados, construídos sem recuo. Na salinha de espera, separada do consultório por um biombo de vidro fosco, amontoavam-se os números da revista *Careta*, que eu percorria até ser chamado pela voz suave de dona Anita.

A cadeira de dentista se reclinava só um pouquinho, os olhos castanhos não surgiam a curta distância, o motor rangia e me fazia estremecer de alto a baixo. Mas tudo terminava com os confortantes algodõezinhos encharcados de álcool, trocados ao longo de várias semanas. E é com esses algodõezinhos alcoólicos que me embriago quando empreendo a viagem ao consultório de dona Anita.

Histórias de taxistas, não por acaso, aparecem com alguma frequência nestes escritos. Elas são fragmentadas, não duram nem mesmo o tempo das rosas, pois duram só uma corrida. Os conteúdos são sempre variados, a relação com o trânsito e com os passageiros também. Fico pensando nas mudanças ocorridas no decorrer do tempo, dada a introdução de novos personagens como taxistas vindos de países vizinhos, motoboys, a temática do crime, que às vezes toma ares de competição com o passageiro para saber quem conta a cena mais escabrosa. A pergunta despreocupada de outrora: “Você conhece a última?”, desapareceu, as piadas ficaram ralas e os crimes engrossaram o caldo.

Ontem fui a um concerto na Sala São Paulo. Na ida, como sempre, me sento no banco do carona porque acho depreciativo me sentar, quando sozinho, no banco de trás. Bobagem minha, resquício de um democratismo ingênuo, talvez. Puxo conversa e me saio mal porque o taxista é grosso, falante e, ainda por cima, fala de coisas sem interesse.

Na volta tomo um táxi com uma amiga, companheira de concertos, e, quando ela desce em seu prédio, permaneço no banco de trás. O motorista, um rapaz franzino de bons modos e português bem articulado, pergunta:

– O senhor é escritor?

– Sou, sim – digo, meio incerto quanto à qualificação. E acrescento, surpreso: – Como você percebeu?

Ele me responde que foi pela conversa no banco de trás, em que falávamos muito de escritos, editoras e edição. Depois passou a falar com desenvoltura de música clássica e me perguntou se o programa de hoje tinha sido bom. Aí estava uma notória diferença com outros taxistas. Estes, quando me apanham diante da Sala São Paulo, ficam encantados com as luzes do prédio austero e não sabem bem o que se passou ali dentro. O rapaz contou que se considera bom violonista e passou a se referir a Segovia, “um gênio de primeira grandeza”, Pepe Romero, Canhoto e outros intérpretes ou compositores de que eu nunca ouvira falar.

A certa altura, menciona Ronoel Simões, um amigo de sua família, profundo conhecedor do violão e dono de uma extraordinária coleção de partituras. Deixa transparecer um discreto entusiasmo quando lhe conto que, por muitos anos, ouvira na rádio Gazeta um programa chamado *Solos de Violão*, comandado por Ronoel.

Chegamos ao portão de casa, e a conversa terminou com uma nota melancólica. Quando lhe perguntei por que não tratava de se profissionalizar como violonista, ele me respondeu que não dava:

– Eu já tentei muitas coisas na vida, tive até uma loja comercial com alguns sócios, que infelizmente fui obrigado a fechar. Agora estou aqui, levando passageiros de um lado para o outro, não me queixo, mas a verdade é que tenho pouco tempo para fazer o que gosto.

Há taxistas meio incoerentes que fazem, na sua incoerência, observações desnorteantes. Tomo um táxi no centro da cidade para me levar em casa. O jovem motorista me pergunta sobre o caminho de minha preferência. Respondo que ele pode escolher porque as alternativas são mais ou menos iguais. Ele acha simpática a minha resposta e começa a enumerar casos individuais de passageiros irritantes, até que chega a uma constatação sociológica:

– Esses casos não são nada. Os piores passageiros são os gaúchos.

– Por quê? – pergunto eu.

– Porque eles desconfiam da gente, pensam que estamos dando voltas para aumentar o preço da corrida, são metidos a besta, exigem um caminho geralmente errado, porque não conhecem a cidade.

Contei a história a um amigo gaúcho com raízes firmes nos pampas e que mora em São Paulo. Ele, ironicamente, ponderou:

– É, até que o rapaz tinha certa razão.

Um tipo de taxista *sui generis* é o chofer silencioso, semelhante ao barbeiro mudo que um dia frequentei. Há alguns dias, peguei um desses. Falou meia dúzia de palavras e roeu as unhas com fúria e deleite durante toda a corrida.

11 JUNHO

INVOCAÇÃO DE UM PADRINHO

O Valdomiro, negro forte de olhos vivos, boné na cabeça, sorriso branco de dentes bons, que seus colegas chamam de Negão, está pintando minha casa. Logo cedo olho para a pintura do portão, de um amarelo-terra, e vejo que a cor se junta ao verde da cerca de hera. *Bandeira verde-amarela*, penso, *que patriotada...* Comento a combinação das cores com o Valdomiro e ele me diz, risonho, que fica bem porque a Copa das Confederações está para começar.

Quando eu digo que não faço fé no time brasileiro, ele me diz:

– Eu também não, eu quero mais é saber do meu Corinthians.

Brinco com o Valdomiro:

– Eu logo percebi que você era boa gente.

Tenho de parar no meio da frase porque ele me interrompe com um imperioso “toque aqui”. No aperto de mãos, meus ossos são dolorosamente comprimidos. Me recupero e digo que o time não está grande coisa, mas tem chance de melhorar, e ele confirma o prognóstico, muito animado:

– Também, com o padrinho que nós temos!

Demoro para identificar o tal padrinho, e, quando finalmente me dou conta de quem se trata, procuro fazer uma cara que seja, pelo menos, neutra.

– Bom, é melhor começar a trabalhar, seu Boris – e foi colorir uma parede de amarelo-terra.

13 JUNHO

UM POVO MISTERIOSO

Meu pai, assim como toda a minha família, sempre incentivou os jovens a estudar com afinco. Era corriqueiro se dizer, com outras palavras, que “o preparo ninguém tira” e, diferentemente da riqueza, nos acompanha para qualquer parte do mundo. O conselho foi plenamente

acatado por nós, mas redundou numa desigualdade de instrução entre as gerações que levou a consequências que hoje lamento.

Uma das poucas armas de que meu pai dispunha para se “vingar” da maior cultura dos filhos, que ele mesmo propiciara, era falar de um povo “desconhecido de vocês”. Esse povo eram os misteriosos rutenos, habitantes de uma região próxima da Bukovina, que tinham uma língua própria e “ninguém sabia de onde vinham”.

Se tivesse vivido até anos recentes, Simon ficaria muito decepcionado com um artigo do historiador inglês Timothy Garton Ash a respeito dos rutenos. O artigo se chama “Viva a Rutênia!” e foi escrito no final da década de 1990 e publicado numa coletânea de seus textos ligeiros. A exclamação indica o entusiasmo do autor e uma pitada de ironia. Garton Ash discorre sobre o tema advertindo desde logo que para entender o caso da Rutênia é preciso engolir um bocado de história. Engoli com encanto esse bocado de história que fala de um povo eslavo, cuja língua se escreve em cinco versões diferentes e cujo alfabeto pode ser tanto o cirílico como o latino.

Por que Garton Ash escreveu esse texto? Se o conjunto reunido de seus artigos fosse um romance policial, a gente poderia buscar uma pista antes do desfecho, examinando dois mapas da Europa publicados como anexos do livro. Num deles, datado de 1989, não há indicação da Rutênia. No outro, de 1999, um traço hachurado – distinto da linha contínua que assinala as fronteiras – separa a Rutênia do sudoeste da Ucrânia, da Eslováquia e da Hungria. A provável explicação da diferença de mapas tão próximos no tempo reside no fato de que, entre um ano e outro, se esboçou o nascimento problemático de um Estado ruteno, mais na imaginação do que na prática.

Foi essa circunstância que moveu Garton Ash a escrever o artigo narrando os esforços de um grupo de profissionais rutenos, membros de um Governo provisório, para tornar a Rutênia um país independente. Tudo isso – diz ele – parece uma brincadeira, mas uma brincadeira que deve ser levada a sério, porque a Rutênia é a quintessência da antiga Europa do Leste e, em meio a outras reivindicações de povos europeus à independência, ela tem seu lugar. No final do texto, Garton Ash reivindica o direito de ter renunciado o nascimento da Rutênia como Estado soberano, ou pelo menos como província autônoma.

Mas meu pai também tem seus direitos. Foi ele quem primeiro falou da Rutênia para mim – antes mesmo de Garton Ash ter nascido!

16 JUNHO

VISITA AO CEMITÉRIO

Domingo, véspera do terceiro ano da morte da Cynira. Carlos está em São Paulo e vai comigo ao cemitério. Estou emocionado, mas contido, com vontade de mostrar a ele o arranjo de pinheirinhos, buxos e flores feito pelo Silvano. Quando chegamos, decepção total. Ervas em torno da lápide suja, semicoberta de flores mortas. Solto a raiva enquanto Carlos tenta, de algum modo, justificar o responsável pelo abandono. Um a um, vou repelindo os argumentos,

até que ele se convence de que o homem tinha sido relapso mesmo.

Vou em busca do Silvano, ensaio uma reprimenda leve (que para ele talvez pareça um agrado), quando Carlos intervém firme, já agora inteiramente do meu lado. O homem se assusta, pergunta se vamos dar um passeio, dizemos que sim, e ele garante que, na volta, tudo será diferente.

Andamos pelos caminhos do cemitério sob um céu cinza. Na volta, damos com o jazigo bem polido e cercado de flores. Meio à distância vem o Silvano equilibrando vasos de antúrios nas mãos. Ele chega, pagamos o mês e dizemos um lacônico “agora sim”, evitando efusões. Carlos comenta como é difícil e ao mesmo tempo necessário esse tipo de relação vertical, ainda tão comum no Brasil, em que o mando prevalece sobre uma relação contratual.

Silvano se vai e finalmente ficamos a sós diante de um arranjo florido, lembrando quem tanto gostava de flores.

18 JUNHO

CUIDAR DOS MORTOS?

Havia muito tempo planejava ir ao cemitério israelita da Vila Mariana, onde estão enterrados minha mãe, meus avós maternos e dois de meus tios. Alguns anos atrás fiz uma incursão ao local, que serviu para constatar de forma gritante minha condição de judeu-não judeu. Dei de cara com o portão trancado: *Shabat es Shabat!*

Agora chego às portas do cemitério em dia de semana, atravessado por certa inquietação. Receio que depois de tantos anos os túmulos da família estejam dilapidados ou os ossos tenham sido transferidos para um ossário, dando lugar a novos ocupantes.

Por um momento tenho a sensação de que fui banido do cemitério, pois mais uma vez o portão está trancado. Supero a frustração, localizo uma campainha e vem me atender uma senhora simpática que abre o portão e me orienta quanto à localização dos túmulos. Começo a andar por um espaço conhecido, rumo ao jazigo de minha mãe. Túmulos de granito e alguns, os mais antigos, de mármore branco, todos num ambiente cinza e quase sem plantas ou flores, nessa terça-feira de céu azul e de trabalho na cidade dos vivos. O contraste com o verde do Cemitério do Morumby é gritante; não tão gritante é a diferença entre as lápides deste e os jazigos discretos do cemitério israelita. Quanto às etnias, o Cemitério do Morumby é pluriétnico, com uma presença de brasileiros, japoneses, chineses, poloneses, enquanto o da Vila Mariana guarda só judeus, vindos, é verdade, de várias partes do mundo, como Turquia, Síria, Marrocos, Polônia, Bessarábia e Bukovina, Rússia etc.

Aparentemente, não há outro visitante no cemitério. A calma só não é silenciosa porque cortada pelo som dos veículos da avenida Lins de Vasconcelos, que nem o muro alto consegue abafar. Os sepultamentos quase não acontecem, pois os espaços vazios são raros, e o local se tornou sobretudo um espaço de memória, como dizem os franceses.

A ansiedade se dissipa. O cemitério foi reformado, está limpo, e os túmulos, bem conservados. Chego ao jazigo de minha mãe. Emoção limitada, talvez porque esteja diante de

algo que aconteceu há muito tempo, em 1938, quando eu não tinha nem sete anos. Quase não se lê a inscrição mandada fazer por meu pai, prometendo atender a tudo que a alma da minha mãe quisesse. Afora esse sinal de transcendência, não há no túmulo palavras em hebraico ou a invocação de Deus. Ao lado de Eva estão as sepulturas dos meus avós. Só consigo identificá-las por conta da indicação da pessoa que me atendeu – tudo que existia sobre os dois túmulos foi levado por ladrões. Caminho até outra quadra e me coloco diante do jazigo do meu tio Isaac, irmão do meu pai, morto aos 25 anos de uma tuberculose que contraíra durante a gripe espanhola.

Ando pelas ruas do cemitério, leio os nomes inscritos nos túmulos e constato que os sefardis estão em franca minoria com relação aos asquenazes. Um ou outro jazigo ostenta um pequeno retrato do morto, que imagino ser uma orientação aos vivos: “Não sou apenas um nome na pedra; vejam como eu fui”.

As informações de local e data de nascimento indicam que lá estão enterrados, principalmente, os restos mortais de gente vinda dos países da Europa Central e da Alemanha. Há mesmo alguns túmulos com inscrições em hebraico e húngaro, sem nenhuma palavra em português. São pessoas que chegaram ao Brasil nos anos 20 ou no começo dos anos 30 do século passado. Não chego a lamentar essa gente. Afinal de contas eles escaparam do Holocausto, viveram neste país tropical e agora, como se costuma dizer, descansam em paz. Só uma dúvida: quem disse que eles queriam descansar?

Não posso continuar minha caminhada porque o cemitério fecha às quatro da tarde. Já quase no portão de saída converso com a encarregada, que não é judia, e ela me conta que a administradora é “japonesa”. Bom sinal, digo eu, e, em meio à conversa sobre a São Paulo antiga, as gerações que passam e o fanatismo religioso, a sra. Isa me interrompe:

– Olha o que o senhor disse!

– Por que o espanto?

E ela me responde que, como reação a algumas frases ditas por ela, eu utilizei uma expressão insólita: “Nossa Senhora!”.

Saio e mergulho no efêmero mundo dos vivos, carregando a certeza de que nunca terminarei na Vila Mariana.

1º JULHO

O DR. ADHEMAR E SEU LEGADO

Ontem, em Ibiúna, tentei recolher a repercussão dos protestos do mês passado entre a gente simples. Alguns se fecham ou não sabem o que dizer de fatos que alteraram a sua rotina. Houve quem teve de andar vários quilômetros pela rodovia Raposo Tavares por causa dos bloqueios da estrada. Mas tudo é contado com conformismo, como um dado da natureza, semelhante à queda de uma barreira. Quando pergunto o que queriam os manifestantes, a resposta de todos, invariavelmente, é:

– Não sei, seu Boris.

Em casa, a Ângela quebrou essa regra e me falou, zangada, que o que estava acontecendo era uma vergonha:

– Tacaram fogo numa porção de coisas, quebraram vidros, brigaram, arrombaram as lojas para pegar televisão, até geladeira. Que culpa têm os comerciantes para fazerem isso com eles?

Eu não estava com a minha veia didática num bom dia. Preferi me calar, mesmo porque introduzir um matiz nas opiniões dela exigiria esforço.

Por que a Ângela teve essa reação à voz das ruas? Conformismo, conservadorismo? Certamente. Mas não só. Os problemas da cidade não a afligem (“Os ônibus que recolhem as crianças para a escola são uma beleza”); a própria escola é um avanço muito grande; o crime está ruim, mas do “nosso lado” (ela mora perto de casa) as coisas melhoraram. Resta a saúde, razão de muitas queixas (“É preciso ir a São Roque ou mesmo a Sorocaba, porque o hospital de Ibiúna é uma vergonha”). Quando insisto que o novo prefeito parece já ter feito alguma coisa pela saúde, ela me diz:

– É verdade, agora a gente vai lá, tem médico bom que nunca falta, e a gente faz exames, raio X e essas coisas na hora.

– Mas então, Ângela, isso não se deve ao novo prefeito?

Ela evita uma resposta direta e conta que o prefeito – um professor eleito pelo PT – só ganhou o cargo porque o vencedor, em quem ela votara, não pôde assumir por conta da Lei da Ficha Limpa. Eu estranho a sua opção de voto e ela me explica:

– Falam do Fábio Bello, mas ele fez muitas coisas para Ibiúna. E professor entende é de dar aula, não de dirigir a Prefeitura.

Abordo o Mário, e ele confirma as opiniões da Ângela:

– O professor é muito fraco, eu não sei, mas dizem que ele não tem autoridade nem com os alunos. Quando eles fazem coisas erradas, ele começa a chorar e vai para casa. Dizem que ele recebeu um dinheiro para melhorar Ibiúna e devolveu porque é um homem honesto. Imagine, não tem que pensar duas vezes. Aplica o dinheiro na cidade e ninguém vai reclamar. O Bello, no lugar dele – dizem, né –, tratava de arrumar recurso, vamos dizer, trezentos mil, e ficava com cem pra ele. Não é certo, mas com os duzentos que sobravam ele fazia muitas coisas para a cidade.

Pois é, o dr. Adhemar ainda comanda muitas mentes que nem sequer o conheceram.

5 JULHO

CONVERSAS DE TÁXI

A caminho de Congonhas para ir ao Rio. Converso com o motorista, um homem educado, por volta dos cinquenta anos, que me diz ter nascido na Bahia mas ter vindo para São Paulo aos três meses de idade, por conta da mudança de seus pais. Comentamos que o tráfego na avenida dos Bandeirantes não está grande coisa e vai ficar bem pior no fim de semana prolongado.

- É verdade, mas o que é esse feriado de terça-feira?
- É uma comemoração do aniversário da Revolução de 1932. Silêncio.
- O senhor sabe o que foi a revolução?
- Não sei, não.

Explico ao homem que foi uma revolta braba dos paulistas contra o Governo federal (não sei por que não menciono o nome de Getúlio), com bombardeios, mortos e feridos. O relato não parece causar a menor impressão no homem.

1932

Escrevo um pequeno texto, a pedido do *Estadão*, para um caderno especial de domingo. Faço um texto que me parece interessante, embora repise teclas em que há anos já toquei. Fico imaginando como o pequeno artigo poderia ser escrito em outro registro. Diria então que o episódio facilitou, e não dificultou, o advento do Estado Novo, ao se lançar numa guerra civil que abria caminho para o imponderável. Além disso, fosse como fosse, as mortes e os feridos no conflito tinham sido um horror, e talvez tivesse sido possível evitar um levante contra Getúlio.

Por que não fiz isso? Talvez porque soasse agressivo, principalmente porque o texto era para o *Estadão*. Mas pode ser que eu esteja imbuído do clima da “guerra paulista”, do desprezo por Getúlio, pelo PRP e, em contraste, do entusiasmo pelo PD dos bacharéis liberais, mas nem tanto. Talvez em algum esconderijo de meus pulmões esteja depositado o ar que aspirei nos anos da infância e da adolescência, nas casas e nas ruas de uma São Paulo que não existe mais.

9 JULHO

COMPREENSÃO

Estou no apartamento do Carlos no Rio. Não é feriado: aqui 1932 não existe, mas os restaurantes e os hotéis estão cheios de paulistas. Naturalmente, hoteleiros e restauradores (da barriga, não dos regimes políticos) comemoram o afluxo sem indagar o que é esse feriado paulistano, invenção estranha de quem tem mania de trabalho.

CHAPADÃO

Manoel – mestre da reforma do apartamento galhardamente empreendida pelo Carlos – é um homem atarracado, de fala nordestina cheia de vivacidade que, mesmo sendo atraente no início, acaba se tornando uma torrente infindável de palavras.

– Então – diz o Manoel – o senhor é de São Paulo... Eu de vez em quando vou lá porque tenho um irmão em Guarulhos e outro em Diadema. Mas, me desculpe a franqueza, eu não gosto de lá, não. São Paulo é muito feio, um chapadão sem graça.

Quando pondero que ele está acostumado com a beleza do Rio de Janeiro, que a cidade seria uma maravilha se não fosse a violência, ele se agarra à violência, acusa os políticos e os figurões por serem mandachugas do tráfico e, com a segurança de quem sabe do que está

falando, propõe a medida simples e salvadora: matar todos os irrecuperáveis, gente tipo Fernandinho Beira-Mar, que “nem é gente, não serve pra nada”. Carlos e eu ouvimos em silêncio. Argumentar em contrário seria abrir caminho para uma resposta interminável.

Horas depois comento com o Carlos que o homem é uma figura interessante, mas, quando manda bala em toda uma coletividade de “irrecuperáveis”, o diálogo, já de si difícil, se torna impossível. E aí o Carlos pontua:

– Você precisa entender. O Manoel veio sozinho do interior da Paraíba para cá, gramou como um louco, perdeu mais de dez quilos trabalhando na construção civil e lavando pratos à noite nas festas dos grã-finos. A muito custo chegou ao ponto em que está: tem um carrão, duas casas, uma ele aluga. Você acha que ele vai ter compreensão com uns “vagabundos que viraram vagabundos porque quiseram”, jogaram muita gente no vício e mataram a torto e a direito?

Fico surpreendido pela capacidade que o Carlos adquiriu de perceber a visão do outro, virtude difícil que só agora venho alcançando. Mas também, quanto tempo faz que ele está em contato com tribos indígenas?

15 JULHO

O TEMPO DO LUTO

Leio no *Estadão* uma entrevista da apresentadora e atriz Cissa Guimarães, que perdeu um filho atropelado por um carro no Rio de Janeiro. A certa altura, a entrevistadora pergunta:

– O luto passa?

– Não! Detesto esse papo de superação. Realmente me irrita quando dizem que sou um exemplo de superação. Primeiro, porque não sou exemplo. Segundo, não superei e nunca vou superar.

Concordo e muito com ela.

GAY CANECA

Vou ao Espaço Itaú de Cinema, na rua Frei Caneca, para ver *Tabu*, o belo filme do cineasta português Mario Gomes. Andando pela calçada, chego à conclusão de que o apelido da rua é justo. Já quanto ao nome original, fico na dúvida: como reagiria Frei Caneca diante da transformação de sua pacata rua? O frade era um revolucionário que acabou sendo fuzilado por ordem de Pedro I, paladino da nossa independência. Mas não dá para afirmar que um revolucionário tenha necessariamente tolerância para com amores “pecaminosos”. Aliás, no tempo em que havia partidos de esquerda no país, quase nunca radicalismo político ia de braços dados com a liberdade na área dos comportamentos.

À saída do filme, vou meio inquieto ao banheiro do cinema. Paranoia? Não creio. Numa das paredes há um aviso eloquente: “A PRÁTICA DE ATO OBSCENO EM LUGAR PÚBLICO, OU ABERTO, OU EXPOSTO AO PÚBLICO, É PASSÍVEL DE PENA DE DETENÇÃO DE TRÊS MESES A UM ANO”.

SOSSEGO

Entrevista no *Estadão* da contista Alice Munro – a Tchekhov americana –, uma senhora magra, de sorriso expressivo, cabelos brancos com um toque de displicência, o rosto e o pescoço denotando a idade de 82 anos. Munro nunca escreveu um romance e, por muitos anos, pensou que precisaria escrevê-lo para ser respeitada como autora. Aos oitenta resolveu parar com a escrita de qualquer gênero, encorajada pelo exemplo de Philip Roth.

Angústia após a difícil decisão? Não é o que ela diz:

“Eu me preocupo com as coisas bem menos do que antes. Não há nada o que fazer e tudo é melhor do que estar morta [...] Agora posso ficar rodeada de pessoas, não preciso mais espantá-las de casa porque tenho de trabalhar no meu romance. Quer dizer, no meu não-romance.”

JORNADAS DE JUNHO

Fomos todos tomados de surpresa com as manifestações nas ruas de todo o país, a partir de uma reivindicação concreta contra o aumento das passagens de ônibus de 3 reais para 3,20. Quando li a notícia do aumento achei até moderado, já que nem sequer cobria a inflação do período. Não acho que essa constatação fosse errada, mas eu, como muita gente, não percebi o caldo grosso de insatisfação geral e a disposição de muitos de sair às ruas para protestar. A liderança das primeiras e limitadas manifestações coube ao Movimento Passe Livre (MPL), que já existia havia alguns anos mas de que eu nunca ouvira falar. Pensei em escrever nalgum jornal algo de novo sobre as manifestações, assim que começaram a se ampliar. Logo constatei que estava saindo uma enxurrada interpretativa, com diferentes explicações, e me encolhi. Essas interpretações iam do extremo da versão economicista, segundo a qual os protestos eram consequência das pressões inflacionárias e da elevação dos juros, ao outro extremo, identificando a razão principal das manifestações no tédio que teria tomado conta dos jovens de classe média.

As estimativas sobre o número de participantes ativos e os que apoiavam os protestos revelaram que o movimento teve enormes proporções. Segundo cálculos conservadores, 2 milhões de manifestantes em todo o país e 85% de apoio da população. As manifestações nos grandes centros, graças à amplitude e à rapidez dos novos meios de comunicação, tiveram um efeito de contágio. Por exemplo, fiquei pasmado quando soube que em Ibiúna se realizaram passeatas que terminaram diante da Prefeitura, tendo como foco central o atendimento à saúde, em estado lastimável.

Reivindicações de todo tipo juntaram-se à questão inicial do bloqueio do aumento da tarifa de transporte. Isso ficou evidente quando o governador Geraldo Alckmin e o prefeito Fernando Haddad recuaram nesse tópico, mas mesmo assim o movimento prosseguiu, e até com mais força, em busca do atendimento de outras demandas, como ensino, saúde, direito ao aborto etc. Houve até “reivindicações” pessoais, como a de um manifestante atento às opiniões do deputado Marco Feliciano sobre a chamada “cura gay” que não se fixou na cura, mas na

enfermidade, ao proclamar: “Sou doente, quero a minha aposentadoria”. Outros preferiram parodiar um slogan que se tornou trivial: “O povo unido é gente pra caralho”.

A violenta repressão policial da quinta-feira 13 de junho, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, fez com que a violência das chamadas forças da ordem passasse a integrar os protestos. Mas a verdade é que diante das críticas da opinião pública e do desgaste dos governos, em todos os níveis, a repressão recuou, mesmo com as investidas agressivas de manifestantes – os “vândalos” em especial. Virtude dos regimes democráticos, com todas as imperfeições, o bom senso acabou se impondo; a tomada do Palácio de Inverno, transfigurada aqui na ameaça de assalto ao Congresso em Brasília, não deu margem ao que poderia ser um massacre. Como acontece por vezes em nosso país, a violência se transforma em passividade ou esta, em violência. Depois da repercussão negativa das investidas policiais, pelo menos em São Paulo, o governo Alckmin passou a evitar interferir nas manifestações por um tempo, mesmo diante do recrudescimento de atos violentos. Houve também passeatas com objetivos inimagináveis. Um bom exemplo é a passeata contra a PEC 37, então em andamento na Câmara, com o objetivo de suprimir a competência do Ministério Público para iniciar e acompanhar inquéritos policiais. A Constituição de 1988 ampliou substancialmente o raio de ação do Ministério Público, que nos meus tempos de estudante de Direito era chamado por alguns maldosos de “Mistério Público”, porque ninguém sabia para que a instituição servia. Haveria o dedo dos ilustres promotores e procuradores de Justiça na organização do protesto? É bem possível. Teria muita gente embarcado nele sem saber exatamente do que se tratava? É provável. Um exemplo expressivo: uma repórter pergunta à moça indignada que se prepara para integrar o protesto:

- Você sabe o que é a PEC 37?
- Não é 37, é 35.
- Você está enganada: é 37.
- É 35, tenho certeza.
- Bom, deixa pra lá. Você sabe o que é essa PEC?
- Assim no detalhe não sei, mas é uma jogada para facilitar a corrupção.

No fundo, de algum modo, a moça estava certa em sua crítica dessa tentativa de restringir a competência do MP.

A crítica aos desmandos do Governo reverberou no futebol, dando espaço à crítica dos cartolas, quando se trata de jogos da seleção. Na abertura da Copa das Confederações, que o Brasil terminou por vencer, Dilma tomou uma vaia estrepitosa, ouvida nitidamente na transmissão da tevê. Em paralelo, as passeatas contra a realização da Copa do Mundo no Brasil ganharam certo vulto. Nesse caso, o mais importante não foram os números, mas o objetivo dos protestos, pois nunca se viu quem quisesse ou se arriscasse a protestar com esse objetivo. As manifestações que denunciaram o custo abusivo dos estádios e chegaram a repudiar a realização da Copa no Brasil, diante de tantas prioridades sociais, foram um fato novo. Aqui, seria interessante comparar o clima de unanimidade ufanista que imperou na Copa de 1950 – e durou só até o desastre final – com o clima desta Copa de 2014.

Também, pudera: plantar estádios luxuosos nos quatro cantos do país que, muito provavelmente, serão mal utilizados depois da Copa irrita mesmo os apaixonados pelo futebol. A construção de vários estádios superdimensionados pela ditadura militar parece não ter servido de alerta para os atuais mandatários da nação.

Logo que começaram as manifestações especulou-se sobre quem eram esses jovens que se lançavam às ruas. No caso de São Paulo, a maioria era visivelmente formada por estudantes de classe média. A saída das massas às ruas dependia de um grau de exasperação social generalizado, que ainda não foi atingido, apesar da aceleração de um quadro de tensões. Curioso como muitos cartazes diziam: “ESTAMOS NAS RUAS POR VOCÊS”. É verdade. Várias das reivindicações concretas (contra o aumento da tarifa de ônibus, por melhor transporte, melhor atendimento à saúde, entre outras) diziam respeito às carências mais sentidas pela grande massa. Em geral, os meninos de classe média – e isso não diminui em nada seu papel – dirigem seus carros, tomam táxis, não andam muito de ônibus e têm um convênio de saúde decente.

Houve, é certo, manifestações na periferia de São Paulo e de outras cidades, mas elas não foram o centro dos protestos. Uma das razões do papel destacado dos estudantes é bem simples. Eles têm maior disponibilidade de tempo, ao contrário de quem trabalha e se sujeita ao rigor do relógio de ponto e ao desconto do salário por ausência considerada injustificada. Mais uma vez, o privilégio dos meninos não os desmoraliza. Bem ao contrário, vai ser preciso pensar duas vezes antes de dizer que a juventude é alienada, “que no meu tempo não era assim...” etc. etc.

Com o correr dos dias, apareceram nas manifestações personagens estranhos. Ouvi falar deles pela primeira vez no meu grupo de fisioterapia, quando duas moças me perguntaram: – Boris, você está vendo ameaça de fascismo? Esse nacionalismo não é estranho?

Fiquei surpreso. *Ameaça de fascismo, de onde vocês tiraram isso?*, pensei, mas não disse. Quando uma delas me contou que era repórter fotográfica da *Folha* e exibiu um ferimento na perna, provocado por uma bala de borracha, levei a pergunta a sério. Segundo elas, a burguesia tinha tomado conta do movimento, ou seja, “os coxinhas” dominavam as ruas.

Como não estive nas ruas e nem fui vítima de balas de borracha, sugiro (só sugiro) que houve um esforço, especialmente do PT, para atribuir o episódio de ataque às bandeiras de partidos aos meninos burgueses e a grupos violentos de extrema direita. Há uma parte de verdade nessa atribuição. Mas isso não significa ignorar que as bandeiras partidárias foram malvistas pelo grosso dos manifestantes, na medida em que os partidos em geral, e sobretudo o PT, se desmoralizaram, provocando uma grande decepção em muita gente. Quanto aos “coxinhas”, entraram na conta do “preso por ter cão, preso por não ter cão”. Na visão da esquerda, eles parecem não ter saída: ou são meninos consumistas e alienados ou, quando saem às ruas, expressão da direita.

Houve quem criticasse as manifestações pelo caráter utópico, pelos objetivos difusos, pelo espontaneísmo. Tudo terminava em lugar nenhum, não havia palanques nem comícios, nem rumo preestabelecido. Essas características deram a marca de um movimento vigoroso, inovador e ao mesmo tempo limitado. O espontaneísmo chocou a esquerda tradicional, na medida em que, no passado, ele correspondia a um precário degrau de uma escada que, no seu

topo, tinha o partido do proletariado. Nos dias de hoje, não só o sonho leninista do partido de vanguarda foi para o espaço, como estão em baixa partidos, sindicatos e organizações semelhantes. Por um lado, essa crise de representação tem um lado positivo, como expressão nítida da distância que separa a cidadania de seus supostos representantes; por outro, serviu para demonstrar que essa é uma situação que não pode durar eternamente. O rumo (ou a falta de rumo) das manifestações indicou isso com clareza.

Foi didática a manifestação que as centrais sindicais lançaram dias depois do auge das manifestações. Pelegos, ainda que diferentes dos que existiram no passado, tentaram mostrar que eles, sim, eram os verdadeiros representantes das reivindicações dos trabalhadores. O fracasso das manifestações mostrou o desprestígio dos dirigentes sindicais, assim como o arcaísmo de seus instrumentos: os alto-falantes, o palavrório, essa linguagem de clichês hoje superada.

As conversas do dia a dia tomaram um rumo que fugiu à trivialidade. No círculo dos amigos, constatei isso quando fui almoçar num domingo com muita gente para comemorar um duplo aniversário. Corria nas mesas uma grande animação, e as conversas sobre viagens internacionais ou sobre a qualidade de vinhos cederam terreno para a multiplicação de hipóteses sobre o movimento das ruas. O futuro, aparentemente bloqueado, parecia dar lugar a um jogo em aberto no plano da sociedade e da política. A queda brusca da popularidade de Dilma abriu a bolsa de apostas do confronto eleitoral, como se tudo pudesse virar de cabeça para baixo.

E depois? Não há dúvida de que as jornadas de junho se inserem num fenômeno mundial que guarda semelhanças com o que ocorre em países democráticos como a Espanha, os Estados Unidos ou mesmo a Turquia: a já citada crise de representatividade; a situação econômica instável ou muito problemática, caso nítido da Espanha; a defesa de uma democracia direta de contornos vagos – mais um sentimento do que um programa. Não por acaso, em países democráticos, as demandas pela queda de governos eleitos surgem apenas como retórica: “Fora Dilma”, “Fora Alckmin” etc. Já no caso dos regimes autoritários, as manifestações tiveram como alvo central a queda de ditadores sangrentos – com licença pelo pleonismo –, como ocorreu no Egito, na Líbia e na Tunísia. Estes foram casos mais dramáticos, que investiram diretamente contra o poder com resultados muito importantes (queda dos ditadores) e, ao mesmo tempo, frustrantes, pelo que se viu nesses exemplos da Primavera Árabe.

Uma pergunta que ouvi com frequência: as manifestações vão ficar na história? Um movimento que abrangeu milhões de pessoas e se espalhou por todo o país certamente não pode ser reduzido a um episódio qualquer. A utopia fez a terra tremer: a PEC 37 morreu antes de ser votada; a chamada Lei dos Partidos, que seria válida para as eleições de 2014, patinou, embora a rasteira na candidatura de Marina Silva já tenha produzido efeitos; o deputado Natan Donadon, condenado por peculato, foi preso para cumprimento de pena por ordem do STF; o julgamento dos infundáveis recursos do Mensalão vão entrar na pauta (escrevo em 10 de julho), mas em outro clima. Ninguém ousa agora dizer, como disse a certa altura um ínclito ministro do Supremo, que o julgamento dos recursos poderia levar dois anos e que a opinião pública

não deveria ser levada em conta.

Houve, enfim, uma corrida para mostrar serviço, de forma desastrada, por parte da presidente da República, como demonstra a proposta esdrúxula de convocação de uma Assembleia Constituinte para encaminhar uma reforma política via plebiscito. Com cheiro de operação de marketing, a proposta foi retirada pouco depois de sua apresentação. Há sempre o perigo das ilusões entre as pessoas mais simples, que acabam conduzindo a novos desapontamentos, como ocorreu em anos passados no rescaldo do movimento das Diretas Já. Melhor atendimento à saúde, melhor educação e menor grau de corrupção, como se sabe, são processos de longo prazo que não se realizam de uma hora para outra. Ouvi de algumas pessoas algo como: “Agora o povo deu o aviso e eles vão ter de parar com a lambança”; ou então, em chave menos otimista: “Se desta vez não mudar, não muda mais”. Enfim, tantas coisas...

5 SETEMBRO

ROSH HASHANÁ

Não me lembro de uma comemoração do ano-novo judaico lá em casa. Sabia da sua existência porque meus tios iam à sinagoga e alguns pratos típicos chegavam à mesa em casa, sem contar os *matzes* – “maçã” no léxico doméstico – que meu tio trazia da rua José Paulino numa caixa cinza rudimentar, de que constavam frases em hebraico.

Agora, convidado pelo mui amável casal F. e T., vou a uma festa de Rosh Hashaná em seu apartamento. Chego por mera coincidência junto com um outro casal, e o porteiro nos diz que a festa será no salão de recepção do prédio. Nesse recinto há bastante gente, mesinhas dispostas com capricho, cada uma com seu buquê de flores. Fico sem saber onde ponho o vasinho de gérberas que trouxe e, desajeitado, encosto a peça num canto quase invisível. Passo os olhos pelo salão. Nessa mirada rápida não reconheço ninguém, nem vejo os anfitriões, que, segundo me informam, vão aparecer logo. Canapés deliciosos, um vinho rosé delicado, mas as rodas de conversa se fecham e o jeito é ficar meio de lado.

Por fim, uma senhora elegante me aborda:

– O senhor não é o Boris, tio da Nina?

Como a resposta é afirmativa, ela completa:

– Ah, já nos vimos na Baronesa. Só que, pelo jeito, o senhor está em festa errada.

– Quem promove a festa?

– Fulano de tal – (um nome judaico desconhecido por mim).

– Ih, estou na festa errada. Eu disse ao porteiro que ia ao décimo segundo andar e ele...

– Não por isso – diz a senhora elegante. – Por que você – (ela mudou o tratamento) – não fica por aqui ou vai dar uma espiada na outra festa? Se a nossa estiver melhor, você volta.

No apartamento certo, sou recebido de braços abertos por uma porção de gente. Conto minha historietta e desperto curiosidade:

– Quanto tempo você ficou lá? Não estranhou nada?

Estariam a farejar meu grau de lucidez?

Logo o extravio é esquecido. Sento a uma mesa e ouço o relato de um judeu russo que maneja várias línguas. Ele monopoliza a roda ao contar as peripécias de sua vida até chegar ao Brasil, depois da Segunda Guerra Mundial. O melhor de sua narrativa não está na Sibéria, onde viveu com o pai funcionário soviético, mas no Morumbi. Pois foi na sua casa do Morumbi que o sr. J., exímio em tiro esportivo, enfrentou ladrões que tinham invadido a casa e feito reféns. No tiroteio acompanhado de ameaças tétricas – “Vai morrer, vai morrer”, gritavam os assaltantes – acabou ferido, e sua mulher também, mas matou um dos bandidos.

– Ficou morto na sua sala de estar? – pergunto eu.

– Não, morreu no hospital uns dias depois.

O jantar é servido, uma excelente comida judaica, e T. me desafia:

– Vai, vai comer com seus amigos lá de baixo...

Tudo termina muito bem, mas volto para casa com uma pontinha de decepção, que sujeito difícil eu sou. Quando convidado, imaginei uma festa judaica, com kipá, rezas e outros rituais. Mas uma festa assim não teria propósito, a começar pelo fato de que a anfitriã é de origem católica e o marido, presumo, um judeu-não judeu.

Certamente quero ir à próxima festa de F. e T., se eles me convidarem – nem penso na comemoração do salão de festas, é claro. Mas quem sabe possa descolar, em outras ocasiões, uma celebração ortodoxa, mesmo com gente com quem nada tenho a ver. Duvido, porém, que qualquer um dos homens de chapéu preto, longas barbas e trancinhas tenha uma história de faroeste para contar como o incrível sr. J.

8 SETEMBRO

CENA BANCÁRIA

Vou ao Bradesco para assinar alguns papéis e, no balcão, congratulo uma senhora-moça que estivera lutando, ao telefone, com um atendente de cartão de crédito:

– A senhora precisa digitar a senha, senão, não posso informar – voz alta do outro lado, repetindo, repetindo.

– Mas eu estou lhe dizendo que esqueci minha senha.

Seu tom é cada vez mais ansioso. Até que, de algum modo, não sei como, o nó se desata ou a senhora-moça desiste. Vira-se para o meu lado e, mirando meus papéis, exclama:

– Que letra o senhor tem! Que beleza, tão clara e firme.

– Ganhei o dia, ou a semana – respondo.

– Mas é verdade. Minha mãe, que deve ser mais moça do que o senhor, não tem essa firmeza, não.

Por um lado, claro, fico contente; por outro, essa história de ser mais velho do que a mãe não me agrada.

9 SETEMBRO

O EDIFÍCIO ESPECIALIZADO

Esse prédio fica na rua João Moura e tem como característica ter sido construído (anos atrás) para um grupo de psicólogos e psicoterapeutas. Eles são ainda majoritários, embora “intrusos” de outras profissões tenham se instalado no local. A vida do prédio é ordenada pelos horários do pessoal da psico. Quase todos os clientes entram e saem dos consultórios na mesma hora. Entradas discretas, meio furtivas; as saídas diferem, ora um bater de portas, ora um clique suave. Penso que talvez essa variação tenha a ver com o que ocorreu durante a sessão. Arrisco dizer que a suavidade corresponde a um diálogo em que muitos nós foram desmanchados; a violência é sinal de raiva por uma sessão frustrada.

Cumprimento sempre ou sou cumprimentado pelas clientes. Corre quase uma familiaridade, pois todos nós nos entregamos a um vício da mesma espécie, embora nosso ícone possa ser o dr. Jung ou o dr. Freud. No elevador, os efêmeros passageiros me dizem corporalmente quem são. Os psicodoutores se esforçam em manter o olhar fixo num ponto imaginário à sua frente. Já o encontro entre pacientes gera uma cumplicidade, expressa nos cumprimentos e até numa conversa. Pena que a conversa seja cortada, de chofre, pela chegada ao térreo, esse território do mundo real.

AGRADO

Sentia solidão e uma dor imensa. Tinha necessidade de proteção. Queria desesperadamente que alguém tomasse conta de mim. Descobri mais tarde que era uma fase e eu tinha de superar tudo isso. Ninguém pode cuidar de você para sempre; você deve se cuidar, se valorizar.

As frases não são minhas, mas fazem parte de uma entrevista do cineasta mexicano Pablo Giorgelli, realizador do filme argentino-espanhol *Las acacias*, que ganhou o prêmio Caméra d’Or no festival de Cannes deste ano e dizem respeito a um período particularmente difícil de sua vida.

Tenho vontade de pedir licença a Giorgelli para assinar embaixo, mas sem fanatismo. Quem não gosta de um agrado?

10 SETEMBRO

CONFISSÕES DE UM JOGADOR DE PÔQUER

Jogo pôquer desde os dezoito anos, com longas interrupções. O jogo é particularmente atraente para quem gosta de suspense, de criar perfis psicológicos, e para quem, como acontece no meu grupo, presta atenção nas cartas mas também conversa muito. Um dos parceiros, colega dos tempos da Faculdade de Direito, incorporado à roda mais recentemente, homem de poucas falas e muita observação, ponderou na sua estreia, no final de uma noitada:

– Eu gosto de pôquer porque é um jogo silencioso.

HONRA

Um dos parceiros, digamos o mais ilustre, filosofou também ao fim de um jogo, quando contávamos fichas convertidas em ganhos ou prejuízos:

– Nós não jogamos pelo dinheiro; jogamos pela honra.

Não sei, não. A honra deixou de ser uma virtude e se tornou uma fraqueza nos tempos atuais. A expressão “palavra de honra”, que avalizava uma afirmativa, caiu em desuso. Há pelo menos duzentos anos não se lava a honra por meio dos duelos no mundo ocidental. E os japoneses já não levam muito a sério o dever de lavar a desonra com o sangue do haraquiri.

Folheando meus livros, encontrei num deles (*The Rise and Fall of the Jewish Gangster in America*, de Albert Fried) um pensamento eloquente:

“Estudando a natureza humana, cheguei à conclusão de que as pessoas preferem ser corretas em casa e, por assim dizer, pecadoras em outros lugares. Quanto a mim, me atenho a este ditado: quando você perde seu dinheiro, não perde nada; quando você perde seu caráter, perde tudo.

Quem disse isso? O notório gângster Meyer Lansky, figura de proa da bandidagem nos anos da Proibição. Lansky era o protótipo do gângster burguês. Quando não estava em ação, ficava em casa com a mulher e os filhos, e não gostava de se envolver com ‘mulheres alegres’ e a vida noturna. Ao que eu saiba, ele não jogava pôquer. Se jogasse, levaria água para o moinho do meu parceiro ilustre.”

12 SETEMBRO

ÓDIO (SUPERADO) AOS “BOCHES”

Leio, com atraso, o extraordinário livro de Primo Levi *É isto um homem?*, sobre o período em que foi prisioneiro no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau. Devoro o texto e, de algum modo, me deixo invadir pela fome, pela desumanização, pelo trabalho brutal e sem sentido, pela chegada do verão ou do inverno assassinos ao campo. Volto ao clima da Segunda Guerra, ao ódio visceral não apenas aos nazistas, mas a qualquer alemão. Esse ódio generalizado perpassa o livro de Primo Levi: quem poderia culpá-lo por isso? Da minha parte, só consegui fazer claras distinções quando, há uns poucos anos, visitei Berlim e me encantei com a cidade.

16 SETEMBRO

UNA GIORNATA PARTICOLARE

Vou à sessão de psicoterapia pela manhã, como usualmente. Enquanto pressiono os números do código de entrada, vejo que a porta está aberta. Na sala de espera, Marilúcia me olha, tendo a seu lado uma jovem nissei. Por alguns segundos, penso que mergulhei num sonho, ou pior, num delírio. Nada disso. A situação é incomum, mas real. Estourou o gás de um aparelho de ar

condicionado e o cheiro insuportável se espalha pelas dependências do consultório. Marilúcia me pede desculpas, aliás sem sentido, com a finura de sempre, e me apresenta à jovem cliente, que estava de saída. Também vou-me embora, pois não há como vencer as artimanhas do acaso. Marilúcia me recomenda:

– Mais um episódio para o seu diário.

Obedeci.

CADEIRA DE BARBEIRO

Tempo livre. Aproveito para ir ao barbeiro da Vila Beatriz. Sento na cadeira, peço para passar a máquina 1 e fecho os olhos. A meu lado, a conversa de um cliente e dois barbeiros entra pelos meus ouvidos:

– Amanhã eles vão festejar, e muito, pode ter certeza.

Por um momento fico pensando que algum time vai ganhar um jogo importante, ou o inimigo vai perder de alguém – “amigo” e “inimigo”, na perspectiva desse ninho de palmeirenses. Me engano.

– Claro, vão festejar – diz o cliente. – Tudo vai terminar em pizza, enquanto os ladrõezinhos de pacotes de biscoito pastam na cadeia.

– Não tem jeito, presidente foi o Fernando Henrique, que até hoje dá conselho ao PSDB, que não ouve.

– Você acha que saem todos livres?

– Todos, não, certamente o Dirceu, o Delúbio, esses caras acabam se livrando; os pequenos podem pegar alguma cana.

– Mas não há de ser nada, eles escapam agora, mas eles e o chefe vão ter de prestar contas na justiça divina.

– Nem precisa: aqui se faz, aqui se paga.

Nessa altura, viajei para as conversas da família na casa da avenida Angélica, em que se dizia “edô plenordis” (transcrição fonética da expressão grega “aqui se paga”) quando algo de mau acontecia a alguém cujas atitudes despertavam censura. *No comments*. Apenas certifico e dou fé que a cena da barbearia é verdadeira e a descrevi sem retoques.

19 SETEMBRO

VISITA AO CEMITÉRIO

Chego pela manhã e encontro vários carros parados à entrada, sepultadores com seus instrumentos de trabalho, cavando a terra sob um toldo verde, gente caminhando em várias direções.

– O que está acontecendo? – pergunto ao Silvano.

Com uma ponta de orgulho e com a maior naturalidade, ele diz que não sabe explicar:

– Só sei que de ontem pra hoje já foram doze.

Mudando de assunto, ele insiste que eu sou um homem forte e precisaria encontrar alguém no jeito, quem sabe uma senhora rica, separada do marido, que no verão aparece por aqui de saia curta, uma beleza.

Quando comento a dificuldade em viver sozinho, ele me diz que não tem esse problema:

– Daqui, volto pra casa, tomo banho, mudo de roupa e me mando para o Coração Sertanejo da M’Boi Mirim. O senhor conhece?

Diante da negativa, ele prossegue:

– Devia ir, é lugar divertido que tem um galpão muito grande, separado em duas partes. No fundo, ficam as mulheres, o senhor me entende. Na frente, ficam as senhoras, as moças que vão num bando e só estão interessadas na companhia. Elas até pagam umas cervejas pra gente.

– Tem música?

– Claro, toca de tudo, mas a preferência é o sertanejo. E a comida é uma fartura: carne-seca, carne de bode, feijão-de-corda e tem também churrasco e frango, se quiser.

Me divirto e saio do cemitério meio constrangido com aquela exuberância.

22 SETEMBRO

VIAGEM AOS BÁLCÃS

Resolvo viajar ao exterior e busco uma região que me interesse e não tenha visitado, para evitar *recuerdos*. Os Bálcãs me atraem por essas razões. Arrisco uma viagem em grupo, organizada por uma agência de viagens, com gente que não conheço – aposta de risco. Lá fui eu integrar um daqueles grupos que sempre detestei, ao vê-los nas minhas viagens individuais, como gado tangido por um tocador que ergue uma bandeirola para o alto, a fim de que a manada não se perca. Começando pelo fim, o entrosamento foi, na maioria dos casos, bastante interessante. A tal ponto que, na volta, senti falta do grupo.

A condição de “turista profissional” identifica essas pessoas. Estes não se confundem com o sacoleiro que vai a Miami só para fazer compras ou com os marinheiros de primeira viagem que vão a Buenos Aires, a Miami ou a Paris. Eles já fizeram muitas viagens – ninguém vai virgem para os Bálcãs ou para o Uzbequistão, por exemplo –, respeitam horários, são expeditos nos aeroportos e não se deslumbram com qualquer coisa. Compram muitos objetos, mas não correm às lojas numa ânsia arrebatadora de famintos à beira de um desmaio. Antes do consumo de roupas, colares, bijuterias, bolsas e lembrancinhas, eles consomem cidades, países, oceanos, acidentes geográficos, e não há por que desprezá-los por isso.

Muitos integrantes do grupo conheciam mais países do que eu porque essa é a sua “profissão”. No meu caso, quase sempre viajei por razões acadêmicas. A performance turística é variada, mas inevitavelmente superficial. Alguns engolem dados extraídos dos guias de turismo ou ouvem atentamente as séries de informações dos guias. Porém não são ingênuos a ponto de acreditar na perenidade das informações: “Quando a gente chega em casa, esquece tudo”. Ninguém falava inglês. Isso, entretanto, não impedia que vários companheiros de viagem fossem mais expeditos do que eu na comunicação. Muitos deles não eram tímidos,

chegavam a ser desabridos ao transformar as deficiências linguísticas em virtude. Esse é, aliás, um comportamento comum dos turistas monoglotas, profissionais ou não. Eles partem para o ataque como se os interlocutores nos hotéis, nos restaurantes fossem uns ignaros por não entenderem uma palavra da última flor do Lácio. Subjacente a essa atitude há uma convicção: “Estou pagando, eles é que têm de nos entender”. Não chego ao ponto de dizer que o conhecimento de línguas não faz falta. Por exemplo, socorri uma pessoa que queria fazer um *late checkout* e não conseguia se fazer entender com os recursos da mímica e de meia dúzia de palavras.

A turma era composta por gente de classe média e de classe média alta, numa faixa etária que ia dos 55 a pouco mais de oitenta anos. Casais, viúvas, irmãs e três pessoas avulsas, entre as quais eu. Me aproximei de duas senhoras viúvas e constatei que elas tinham muito a ver comigo. Ambas perderam os maridos quando estes estavam na casa dos cinquenta, fulminados por um enfarte. Perda terrível que se amenizara com o passar dos anos. Fizemos distinções entre a morte anunciada, desfecho de uma longa enfermidade, e a morte súbita, que cai dos céus como um raio. Elas vivenciaram, em algumas frases, a rotina de um dia comum à espera do companheiro, na entrada da noite, quando, de chofre, a chegada se transformou na notícia de que ele nunca mais iria voltar.

Partilhei com elas muitos sentimentos comuns. Por exemplo, o vazio das horas ou a esperança de um retorno, a expectativa fugaz de que a perda não passara de um pesadelo (você acreditou na minha morte? Que bobagem...); a ocupação apenas de seu espaço na cama de casal, sem ousar estender os braços em cruz e atravessar um território que não lhe pertence.

Diante do belo anfiteatro romano de Pula (Pola, para os italianos), o dr. Ananias, que ombreava em idade comigo, ambos na zona de rebaixamento, aproximou-se:

– O senhor é historiador?

– Sim.

– Como é possível que H. G. Wells tenha criticado tanto a civilização romana, diante de uma obra magnífica como essa?

Respondo que as interpretações da história variam e, hoje em dia, H. G. Wells – pioneiro dos livros de *science fiction* – era um autor praticamente esquecido como historiador. O dr. Ananias pareceu entender minha observação e falou qualquer coisa sobre figuras da história, misturando num pacote Hitler, Júlio César, Stálin e outros. Num salto, eu já não estava diante do anfiteatro romano e do dr. Ananias. Encarava a estante rústica, de madeira escura, colocada num canto da sala de jantar, na casa da avenida Angélica – minha primeira biblioteca, onde se enfileiravam Van Loon, Emil Ludwig, H. G. Wells e sua *História do mundo*. Quando regresssei a Pula, dei de cara com a face enrugada do dr. Ananias, que parecia pacificado.

Também em Pula, passamos por um cinema – *kino*, na língua da terra – que anunciava um filme cuja atriz principal é Valli. A jovem guia diz que se trata de um filme italiano e que o nome completo da Valli é Elisabeth Valli. Não posso engolir o equívoco:

– É Alida Valli – esclareço.

Nunca esqueci a famosa atriz de outros tempos cujo aristocrático nome de origem era nada menos do que baronesa Alida Maria Laura Altenburger von Marckenstein Frauenberg. Bela

mulher, protagonista de muitos filmes italianos, como eu poderia deixar que seu nome fosse trocado? Vi poucos filmes em que ela atuou, mas me lembro de uma comédia acerca da vida escolar de um grupo de meninas romanas, *Ore 9: lezione de chimica*, rodada em 1941, na era de Mussolini, apesar de Alida ser adversária do fascismo. É verdade que nunca esqueci Alida, mas no topo da tabela eu a substituí pela Cardinale, não a Cardinale toda repuxada de hoje, mas a sedutora morena de vários anos atrás.

28 SETEMBRO

HINOS E PATRIOTADAS

Estamos na estrada a caminho de Pula, quando a guia local, que como boa eslava fala português com sotaque lisboeta, faz uma pergunta estranha:

– Vocês sabem o nome do hino nacional do Brasil?

Tomamos aquilo como um desafio brincalhão, e todos fracassam na tentativa de responder à pergunta. Quando muito, alguém arrisca que “o hino nacional brasileiro se chama assim mesmo, hino nacional brasileiro”. Não me ocorreu na hora que o hino pátrio tinha sim um nome, e até mais de um. O Taratachim é um deles; o outro é o popular Virundum, como lembrou o historiador José Murilo de Carvalho.

A jovem croata, que não poderia saber dessas sutilezas, observa que o nosso hino não tem mesmo um nome, como aliás o da maioria dos países, e revela o título – para ela o nome – do hino da Croácia, tratando de explicar que o batismo era justificado pelo desejo do povo croata de reforçar uma identidade nacional sempre contestada. Uma irritada voz masculina não a deixa terminar:

– Que história é essa? Nós também temos um hino com nome, nós também somos patriotas!

Antes que o caldo entorne, o guia brasileiro revela suas qualidades diplomáticas, dizendo que a moça não tivera o propósito de injuriar o Brasil, apenas de ressaltar diferenças culturais. Meio espantada e sem entender o motivo da confusão, a guia pede desculpas e trata de explicar que a nomeação do hino não é característica apenas da Croácia, mas dos Bálcãs, pois o hino da antiga Iugoslávia tinha nome, assim como o da Ístria, península do Adriático pejada de história.

Desinteressado da controvérsia, o grupo pede para a moça cantar os hinos. Ela não se faz de rogada e canta os três hinos com uma bonita voz, sob aplausos finais. Só o patriota resmungou que aquela cantoria era uma palhaçada. Eu poderia ter posto fogo no circo, citando a conhecida frase do dr. Samuel Johnson: “O patriotismo é o último refúgio dos canalhas”. Tive juízo e me calei.

2 OUTUBRO

DECEPÇÕES BOSNÍACAS

Breve viagem a Medjugorje e a Mostar, na Bósnia-Herzegovina. Uma visita especial, nesse dia em que esse país pobre, varrido pela limpeza étnica há pouco mais de vinte anos, se classificou para a disputa da Copa do Mundo. A Bósnia, para mim, sempre foi Sarajevo, cidade em que o herdeiro do Império Austro-Húngaro, o arquiduque Francisco Ferdinando, e sua mulher foram assassinados pelo jovem sérvio Gavrilo Princip, integrante da organização terrorista Mão Negra. O episódio trágico, relembro, foi o detonador da Primeira Guerra Mundial.

Na viagem, eu estava interessado em Mostar, cidade com predominância de população muçulmana – os bosníacos –, pelo menos antes dos massacres perpetrados pelos sérvios em toda a Bósnia. Para ir a Mostar, tinha de passar por Medjugorje, lugar de aparição da Virgem Maria a seis jovens, numa colina da cidade, em junho de 1981. Embora eu não saiba quase nada de sociologia dos cultos religiosos, me impressiona um aspecto comum às aparições marianas – que deram origem a santuários como os de Fátima, de Lourdes e de Medjugorje, embora este último ainda não tenha sido oficializado pela Igreja Católica: todas ocorrem diante dos olhos de crianças ou jovens, que depois se tornam videntes e mensageiros das palavras da Virgem.

Na Bósnia, especificamente, as primeiras mensagens insistiam no tema da paz entre os homens, acompanhadas de uma exortação específica: saber suportar sem medo as perseguições, contando com a proteção divina. Mais importantes são os dez segredos que Maria Santíssima comunicou aos videntes, a serem revelados em datas desconhecidas pelos fiéis. A partir do desvendar do terceiro segredo, os incrédulos sentirão um grande sofrimento interior e um terrível remorso por não terem interiorizado antes a fé católica. Eles acreditarão, mas não haverá mais tempo para que se convertam. Revelado o décimo segredo, o poder de Satanás será destruído e um outro Pentecostes marcará o início de um novo tempo.

Na minha ignorância, imagino a Virgem como objeto de culto numa capela austera, silenciosa, cercada de árvores. Nada disso. O culto a Nossa Senhora, em Medjugorje, situa-se no centro da cidade, num grande espaço cuja referência maior é a igreja, que nesse dia de domingo parece pequena para abrigar a massa de fiéis. A maioria acompanha a missa por um telão colocado do lado de fora. Postado à distância, acompanho um pouco do ritual mas não entendo quase nada, a ponto de ficar na dúvida se o padre oficiante se dirige aos fiéis só em latim ou em latim e croata.

Desisto de acompanhar a cerimônia e percorro um setor administrativo em que avisos escritos em várias línguas advertem os fiéis de graves pecados como o divórcio (“o que Deus uniu, o homem não pode separar”) e o aborto, equivalente ao assassinato de seres inocentes.

Logo adiante vejo filas e filas sob um galpão coberto. Por um momento, acho que são formadas por inúmeros “vertedores de água” em paciente espera. Me dou conta de que a hipótese não tem nem pé nem cabeça, até porque as filas não fazem distinção de sexo. A distinção é linguística: croata/ inglês; croata/francês, croata/italiano, como informam os avisos afixados nas diferentes portas.

Cada pessoa aguarda que uma luz verde se acenda, acompanhada do toque agudo de uma campainha, para entrar num dos edifícios por sua respectiva porta. Observando as entradas e saídas, me pergunto se o tempo de permanência dos fiéis no confessionário varia de acordo com o grau de sua culpa ou se há um tempo máximo padrão para se confessar, perto do qual o

padre diz ao confitente:

– O senhor – (ou a senhora) – tem cinco minutos para esgotar o relato de seus pecados.

Lamento, mas não se concede tempo adicional.

Antes de seguir viagem, uma das companheiras do grupo, que gosta de conversar sobre política e me parece mais cética do que as demais, pergunta:

– Gostou?

– Não – respondo em tom irônico.

– Pois saiba você que o Collor esteve aqui quando se elegeu presidente para agradecer à santa as graças recebidas.

Rimos ao lembrar que a santa deve tê-lo abandonado depois, quem sabe inconformada com as estrepolias do devoto...

Seguimos então para Mostar. A princípio, decepção. Cores cinzentas predominam na entrada da cidade, onde se enfileiram construções em ruínas, feridas por balas disparadas pelas tropas sérvias. Enfim, a cidade antiga, a ponte muçulmana sobre o rio Naretva, bela ainda que reconstruída, pois também ela não escapou aos bombardeios da guerra de independência da Bósnia.

Na parte histórica da cidade – uma estreita rua principal, calçada com pedras simetricamente colocadas – os turistas se atulhavam em busca das lojas de bugigangas, com uma ou outra peça interessante que um bom faro consegue localizar. Tapetes, narguilés e o que mais me impressiona: balas de fuzil e canhão bem polidas, transformadas em agressivos bibelôs.

Em meio a uma coleção de camisetas de futebol de Ibrahimović, Messi, Cristiano Ronaldo e, já agora, Neymar, todas com os números nas costas – localizo uma camiseta vermelha, estampada com a figura do marechal Tito. Pela primeira vez vi uma peça assim, depois de percorrer cidades da Croácia por vários dias. Sinal de que Josip Broz – o marechal Tito –, nessa cidade com forte presença muçulmana, é um personagem celebrado e, creio, com razão. Afinal de contas, fossem quais fossem seus excessos ditatoriais, ele nunca determinou uma abominável limpeza étnica do gênero da que varreu os Bálcãs após sua morte.

3 OUTUBRO

Ver Napoli *poi morire*? Eu prefiro Dubrovnik.

12 OUTUBRO

RETRATO DE FAMÍLIA

Uma foto rara, que foi reproduzida em *Negócios e ócios*: minha mãe, meu pai e eu na varanda da casa da rua Maria Antônia. A caminho de uma meia-idade que ela nunca chegou a viver,

Eva aparece com traços fortes de mulher mediterrânea, corpulenta, serenidade no rosto. É um domingo, não sei precisar a data, mas certamente a foto foi tirada pouco tempo antes de sua morte inesperada. Meu pai usa uma roupa esporte, elegante como era de seu costume. Eu estou abraçado a minha mãe, loirinho, cabelo com franjinha, lá pelos seis ou sete anos. Acho que esse foi o único retrato que restou de um trio brutalmente dissolvido.

13 OUTUBRO

O CRIME COMPENSA

Fico tentado a voltar ao tema do crime, sempre em nível micro, quem sabe lidando com o assalto de uma perua do banco Moreira Salles praticado por um grupo de gregos na praça do Patriarca, em 1964. Houve tiros, disparados tanto pelo bando como do interior da kombi, onde se encontravam funcionários do banco e uma soma elevada de dinheiro. Tenho atração por essa história por lidar com uma etnia rarefeita na cidade, pela repercussão enorme do crime, para saber também como se formou a *societa sceleris* dos gregos, que não eram ladrões profissionais. Afora essa circunstância, me vem à cabeça o capítulo final d'*O crime do restaurante chinês*, “Por que escrevi esta história”, pois se levar avante o tema do assalto talvez tenha de escrever um capítulo semelhante. É que meu tio Paisico, grande personagem da casa da avenida Angélica, ficou muito impressionado com o crime dos gregos, e de gregos ele entendia, tendo sido intérprete do Exército francês em Salônica, ou Salonique, durante a Primeira Guerra Mundial. Mais ainda porque um dos acusados, ao confessar, disse ter se tornado cúmplice do crime ao ser hipnotizado “pelos olhos do Evágelos”, que parece ter sido o mentor do assalto. Guardei a fala do Paisico e, de quando em quando, eu a repito em tom entre admirativo e sombrio:

– Ah, os olhos do Evágelos, os olhos do Evágelos!

25 OUTUBRO

IMAGEM E REALIDADE

Vi ontem no canal Futura um documentário sobre Mostar que ressalta a beleza da cidade e de sua ponte. O documentário data do começo do século e destaca os minaretes, as casas dispersas pelas colinas, a ponte muçulmana, o rio de águas aparentemente limpas. A câmera passa pelas lojas enfileiradas, ainda em pequeno número, e se detém num avantajado obus em que foi gravado um desenho da ponte. Parece que estive em Mostar num mau dia. Ou é mais um caso em que a imagem é mais bela do que a realidade.

28 OUTUBRO

O PACOTE

Recebo um pacote cujo remetente é a embaixada da Rússia. O pacote contém a edição em russo da *História concisa do Brasil* em capa dura e papel de boa gramatura. O cirílico da tradução – uma ótima tradução, segundo uma amiga que domina o idioma – parece dar solenidade ao livro, embora eu não entenda nada.

Na capa, o Cristo Redentor abre os braços sob um céu azul compacto, sem nuvens; na contracapa, o destaque maior é a catedral de Brasília. A um dos cantos, numa pequena foto, brilha Edson Arantes do Nascimento – mais conhecido como Pelé. Enfim, atinjo os píncaros da glória – um ponto muito alto que chega a dar tonturas –, embora a minha foto não apareça em nenhum lugar.

29 OUTUBRO

GOLEIROS E BRASILEIROS

Recebo um DVD sobre a Revolução de 1932, com o título *Pro Brasilia Fiant Eximia*. Associo o latim a Cornélio Pires, paulista nascido em Tietê que nos anos 20 e 30 do século passado foi muito conhecido como jornalista, promotor da cultura caipira, humorista e outras coisas mais. Na adolescência tive um livro de sua autoria, chamado *Só rindo*, que se perdeu há muitos anos. Nesse livro, há algumas piadas sobre a Revolução de 1932. Lembro uma cena das trincheiras paulistas em que estão dois caipiras. Um deles é um matuto desassombrado, que se expõe às balas governistas e delas se livra, dando saltos de um lado para outro. O companheiro se espanta e lhe pergunta no melhor caipirês:

– Mecê amoque já foi gorquipa?

Tradução para o anglo-português: “Você, por acaso, já foi *goal-keeper*?”.

Sempre cismeï com esse “amoque”, dicionarizado com outro sentido. Aqui a palavra é sinônima de “por acaso”, e não consigo encontrá-la em lugar nenhum com esse sentido.

A piada não tem nada a ver com o título do DVD, mas uma outra tem. Durante a revolução, um caipira constitucionalista entrou numa venda e viu, pregado numa parede, um escudo de São Paulo com a inscrição: “*Pro Brasilia Fiant Eximia*”. Como ele era versado em latim, pôde traduzir sem esforço: “Pra brasileiro não vendo fiado”.

1º NOVEMBRO

CENA BANCÁRIA

Entrou uma gerente nova e bonita no meu banco, que, aliás, não é meu. A moça, de cara, me chama de “meu amor”. Deve ser por conta dos meus belos olhos.

6 NOVEMBRO

Entro numa dessas bancas de jornais bem espaçosas, que vendem não só jornais e revistas. Os dois atendentes – uma moça e um rapaz – estão rindo numa espécie de frenesi, a ponto de mal ouvirem meu pedido. Embaraçados, suspendem as gargalhadas a muito custo, como se tivessem de frear subitamente um carro diante de um inesperado obstáculo.

A moça se justifica, diz que é o colega quem a faz rir, falando bobagem. Diante do meu incentivo à cena de alegria, eles se surpreendem, e a moça – uma gordinha simpática – sorri com alívio. Já na calçada, depois de alguns passos, ouço o retorno das gargalhadas às minhas costas. Ganhei o dia.

10 NOVEMBRO

CORAÇÕES SUJOS E OS CAMPEÕES JAPONESES

Zapeando pela tevê, assisto parte do filme de Vicente Amorim, baseado no livro de Fernando Morais *Corações sujos*. O tema, em versão romanceada, diz respeito às ações da Shindo Renmei, uma organização nacionalista japonesa, atuante no Brasil a partir do final dos anos 30. Quando a Segunda Guerra Mundial chegou ao fim, um grupo terrorista – os tokkotai –, originário da Shindo Renmei, dedicou-se à lúgubre tarefa de assassinar os “traidores de coração sujo” que resolveram acreditar na propaganda inimiga, anunciando a grande mentira de que o Japão perdera a guerra. Os alucinados assassinaram mais de duas dezenas de pessoas e feriram um número maior. Afinal, a maioria foi presa e alguns réus foram condenados a longas penas de prisão. Passaram pouco tempo na cadeia, agraciados pela anistia decretada no governo de Getúlio.

A propósito da Shindo Renmei, me lembrei dos campeões japoneses de natação que vieram a São Paulo em 1949 e assombraram a assistência por seus feitos na piscina do estádio do Pacaembu. Naquele ano, o núcleo terrorista já tinha sido desbaratado, mas perduravam as ilusões de muitos membros da colônia nipônica acerca do desfecho da guerra. Os nadadores, tendo à frente o famoso Furuhashi, recordista mundial em várias modalidades, eram conhecidos como “peixes voadores”, admirados em todo o mundo. Uma emissora de rádio transmitiu as provas do Pacaembu e um locutor, por meio de um intérprete, perguntou a Furuhashi se o Japão perdera a guerra. Ele respondeu que sim, com voz resignada.

– Então, você se convenceu? – perguntou o radialista a um japonês que viera assistir às provas de natação.

O homem respondeu com firmeza, mesmo tropeçando no português:

– Não, eu conhece Furuhashi, quando fui em Japon; esse é farso Furuhashi.

E mais não disse e nem sei se lhe foi perguntado.

UM PAI EXTREMOSO

Entre a torcida entusiástica que lotou a modesta arquibancada da piscina do Pacaembu, estava um jovem de cerca de dezoito anos, Tetsuo Okamoto, vindo de Marília, que se destacava em

sua cidade como nadador. Ele conseguiu ter contato com os nadadores e Furuhashi, em particular, aconselhou-o a treinar mais e lhe ensinou a conseguir maior velocidade por meio de movimentos adequados. O rapaz seguiu estritamente os conselhos. Entre outras façanhas, foi o primeiro brasileiro a ganhar uma medalha olímpica, conquistada na Olimpíada de Helsinsque, em 1952.

Naquele ano eu trabalhava num escritório de advocacia na rua Sete de Abril. Um dos clientes do escritório era um senhor japonês, irrepreensivelmente vestido, que figurava como autor num processo de reivindicação de posse de umas terras no interior de São Paulo.

O sr. Okamoto estava indignado com a demora na decisão do caso, que já durava anos, mas não culpava os diligentes advogados pela insólita situação. Ele não ia ao escritório para se lamentar, mas para receber algum sinal de esperança por parte dos advogados, a fim de destravar o caso.

Num começo de tarde, o sr. Okamoto foi ao escritório da Sete de Abril com uma sugestão que considerava bem oportuna. Depois dos cumprimentos de praxe e do cafezinho de coador, ele se dirigiu ao advogado que cuidava de seu caso:

– Que o senhor acha, doutor Sagi, do senhor entrar com petição dizendo que eu sou pai de Tetsuo Okamoto, que tantas *grórias* deu pra *Braziro*?

O dr. Sagi acolheu a proposta com um sorriso entre respeitoso e irônico, e ficou nisso.

Quando me lembrava dessa história, de raro em raro, a proposta do sr. Okamoto parecia revelar um misto de ingenuidade e da tentativa bem brasileira (não sei se japonesa também) de se apoiar num nome de prestígio para conseguir o que é um direito do cidadão. No caso, a prestação jurisdicional – como dizem os juristas – em prazo razoável. Hoje, porém, conhecendo um pouco da história de pai e filho, mudei de opinião. Tetsuo Okamoto começou a nadar em Marília, ainda muito pequeno, para livrar-se da asma. Seu pai improvisou um tanque para que ele começasse a nadar e, a partir daí, apoiou-o em sua brilhante carreira, ao longo dos anos.

Afinal de contas, não teria o pai extremoso, que tanto investira na carreira do filho, o direito de se apoiar em seu nome para acelerar a recuperação de umas terras da família?

11 NOVEMBRO

LUCIDEZ

Felipe me narra um diálogo. Conversando sobre os respectivos ancestrais com uma colega, ela lhe perguntou:

– Você tem avô?

Arredondando, ele respondeu:

– Sim, ele tem oitenta e três anos.

– É mesmo, e ele *ainda* está lúcido?

Ponderei ao Felipe que, em meu nome, mandasse a jovem para aquela parte, com o

advérbio *ainda* e tudo. Acho que ele não transmitiu a mensagem, com medo da menina matar o mensageiro.

SONHO RECORRENTE

Não sei quantas dezenas de vezes quis voltar para casa e não consegui. Agora estou na esquina da avenida São João, na calçada oposta ao prédio do Correio. Muita gente na avenida, muitos pontos de luz que acendem e apagam na noite escura no esforço de substituir as estrelas. Fico na dúvida se devo tomar um táxi para o Butantã, que fica longe, pelo que isso vai me custar. Quem sabe tomo um bonde, desço no largo de Pinheiros e bato a pé até em casa. Afasto a hipótese:

– Que diabo! Economia besta, o caixão não tem gaveta.

Entro numa fila de pessoas encapotadas, aparentemente à espera de um táxi, mas a fila, que não era fila, logo se desfaz. Não só não encontro um táxi livre como não vejo passar nenhum. Uma senhora vê a minha impaciência, nas bordas do desespero, e me diz para atravessar a rua e ficar na calçada junto ao Correio, pois, na verdade, a fila se forma ali. Faço o que ela sugere, mas do outro lado não há fila, nem carros, nem coisa alguma.

Outras vezes, sempre à noite, os táxis se aproximam, mas não me servem: o motorista é um maluco que fala frases incongruentes; ou pilota um loteação dos meus tempos de juventude, que faz um roteiro fixo, distante de casa; ou ainda o carro está destruído, sem portas, em equilíbrio precário. Às vezes tento coisas aparentemente mais absurdas, como tomar um enorme bonde verde que sobe a avenida Angélica em grande velocidade e que não para nunca.

A que casa desejo voltar? Não só à minha casa do Butantã, mas a um tempo que nela está impregnado. O tempo do balanço colorido, indo de lá pra cá no jardim; do corupio em que eu sou o eixo, fazendo girar os menininhos até eles ficarem tontos; das festas de aniversário (sorvetes, doces, pequenos sanduíches, bolas de encher de muitas cores); eu e Cynira entregues à tarefa penosa-prazerosa de criar os filhos.

13 NOVEMBRO

SONHOS ERÓTICO-MARAVILHOSOS

Há sonhos cujo conteúdo metafórico é ralo e, por isso mesmo, resultam em maior tormento ou maior prazer. Carícias de mãos se entrelaçando, corpos que se aproximam chegando ou não ao desfecho final são exemplos do segundo caso. Mas, de acordo com alguns analistas, há alguns devaneios oníricos que correspondem ao prazer erótico. Alguns dos meus sonhos podem ser assim identificados, na sua vertigem embaladora. Os voos de Ícaro sobrevoando montanhas cobertas de vegetação e lagos muitos azuis, sem rumo e aparentemente sem propósito; o giro acelerado da montanha-russa ou a descida em acentuado declive dentro de um pequeno carro que termina num tanque cheio d'água. Dica: quando frequentava parquinhos de diversão, nunca tive coragem de empreender essas viagens, mas hoje não tenho medo de me entregar a elas.

5 DEZEMBRO

UM CONVIDADO POUCO COMUM

Combino com M. de irmos ao concerto da Osesp, na Sala São Paulo. Um pouco antes de sair, cai um toró em São Paulo. M. me telefona aflita:

– Está chovendo muito e ainda tenho de deixar minha filha na Vila Mariana; acho que dificilmente chego a tempo.

Digo que é melhor não entrar em tensão. Ela lamenta muito – o que me deixa contente –, mas resolve desistir.

Tanganika vai me levar ao concerto e eu tenho uma ideia: convidá-lo a entrar comigo. Ele se entusiasma com o convite, dá uma alisada na roupa, veste um blusão e, quando digo que seria bom calçar sapatos, responde que guarda um par no quarto dos fundos de casa para uma possível necessidade.

Lá vamos nós. O audaz motorista se deslumbra com o saguão e a sala de concerto (eu também me deslumbro até hoje). Sentamos e, tratando de evitar o tom professoral, digo a ele que não bata palmas nos movimentos, apenas no final. Felizmente o programa não inclui uma dessas peças que emitem ruídos que parecem se originar do corte de madeiras em uma serraria. O programa é nacional: *Saudades do Brasil*, de Darius Milhaud; um concerto de Francis Hime; e, para arrematar, a *Sinfonia n.º 12*, de Villa-Lobos.

Tanganika acompanha a performance com muita atenção e aplaude, com entusiasmo, só no final das peças. Quando o espetáculo termina e a plateia bate palmas, pedindo bis, pergunto:

– Vamos embora?

– Não, eu quero ficar, quem sabe eles dão o bis. Não deram.

11 DEZEMBRO

ALGUM TEMPO DEPOIS

Revejo o que escrevi há cinco meses sobre as jornadas de junho e constato que também embarquei no otimismo popular, embora com maior ceticismo quanto ao alcance e a velocidade das transformações. Uma consequência das jornadas foi a disposição de sair às ruas, nos meses seguintes, para protestar ou reivindicar, pelos mais variados motivos: inflação, imobilidade urbana, escassez de moradia, violência contra a mulher, violência policial e até o rebaixamento ignóbil da Lusa para a série B do Brasileirão.

Mas as grandes passeatas se retraíram, em parte por força do cansaço, em parte pela tomada das ruas pelos *black blocs*, cuja violência veio num crescendo. Além de destruírem o patrimônio público – ninguém gosta disso, inclusive os mais pobres –, esses grupos utilizam métodos fascistas, de um fascismo que não vai se implantar no Brasil. Se essa fosse uma possibilidade, eles estariam funcionando como *squadristi* de algum carismático candidato a ditador.

Depois do susto inicial, o Congresso deixou passar a onda, esqueceu-se da reforma política e seguiu no caminho do *business as usual*. Dilma se recuperou, em parte, da queda vertiginosa e na fotografia do momento ganha no primeiro turno. Tudo como dantes no quartel de Abrantes? Não creio. As grandes passeatas, por ora, desapareceram, mas as manifestações localizadas, sobretudo nas periferias, seguem seu curso, muitas vezes ligadas a mortes de jovens em supostos confrontos com a Polícia Militar.

Há um clima de rancor social que, na sua forma mais perversa, se expressa no sadismo que acompanha os assaltos de todo dia. Há também um clima de irritação generalizado, dados os problemas da vida cotidiana e do crescente pessimismo quanto ao futuro. Impressiona a banalização da violência coletiva. A esta altura do ano mais de uma centena de ônibus foi queimada. O festim de chamas que antes nos horrorizava passou a ser fenômeno comum, que mal ganha destaque nas redes sociais e nos noticiários da tevê.

No plano das instituições, a suposta propensão do Congresso a empreender reformas se transformou na rotina de sempre. Barganhas nem sempre fáceis entre o Executivo e a tal base aliada com os olhos postos na votação de projetos e sobretudo nos minutos de televisão, disputados segundo a segundo.

Dilma recuperou parte de seu prestígio mas há nuvens à vista. Entre outras razões, porque é muito elevado o número de pessoas insatisfeitas que acham que muita coisa deve mudar.

O Judiciário viveu os últimos lances do julgamento do Mensalão, e o desfecho não concorreu para seu prestígio. O fato de que nenhum político tenha sido afinal condenado a cumprir a pena em regime de prisão fechado ratificou a opinião geral de que cadeia é instrumento para castigar os pobres.

Essa opinião negativa deve ser matizada, porque o malfeito não se traduziu numa piada, como disse o trêfego Delúbio Soares. Em meio às dificuldades, à pletora de recursos, o processo chegou ao fim com a punição de personagens que ocuparam cargos importantes no Executivo e no Legislativo. Esse desfecho, impensável há alguns anos, não impede que a decisão pela inexistência de crime de quadrilha, nas condições em que ocorreu, seja difícil de tragar.

Tudo somado, o STF viveu seu momento de glória antes de serem recebidos e acolhidos os embargos infringentes, que beneficiaram vários dos réus mais graúdos. Enfim, como vale o sentimento final, o julgamento, apesar de seus méritos, deixou um travo amargo.

Na análise dos acontecimentos muitos apontaram o fato de que partidos políticos e outras organizações careceram de clareza e de legitimidade para estabelecer objetivos prioritários, capazes de manter acesa a chama das manifestações. Essa foi talvez a maior e mais evidente carência das ações de protesto. Mas, indo além, fico me perguntando se a representação da cidadania, pela via dos partidos, entrou em inexorável decadência no Brasil e em outras partes do mundo. Seria então necessário buscar outras formas organizacionais para aglutinar e organizar as expressões coletivas no universo da política? Que formas seriam essas? Seria viável buscá-las ou seria possível recuperar os partidos políticos, em novas bases?

Zapeando pela televisão, vejo um filme de caubói, rodado nos anos 40, se estou certo. O filme é tosco, alguns personagens desempenham mal, o som dos socos não reverbera e não emociona. Tudo muito distante da parafernália de estrondos a que acabamos por nos acostumar nos dias atuais.

Mas o filme me atrai, aparentemente, pelas perseguições a cavalo; pelas brigas que parecem não terminar nunca, ao ritmo do cai e levanta; pelas cadeiras “indolores”, quebradas na cabeça dos briguentos; pelos truques dos jogadores de pôquer. Mas há uma atração mais forte: Cine Pedro II, no vale do Anhangabaú, domingo de manhã, chocolate meio doce, um saquinho de pipoca muito mirrado na comparação com os sacões de hoje. Na tela, as fitas em série de Tom Mix em seu cavalo branco e de tantos outros heróis, terminando sempre numa situação impossível para o mocinho, que termina por se safar, miraculosamente, no domingo seguinte.

O PIAUÍ VENCE (CONVERSAS DE TÁXI)

Volto para casa num bom carro, que presumo ser da Globo, após participar do *Painel*, na Globo News.

A colega de feições suaves desce no caminho e eu puxo conversa com o motorista, um rapaz moreno, franzino de corpo.

– Este carro é da Globo?

– Não, é meu; eu só presto serviço para eles.

– Que beleza, pena esse trânsito infernal – digo.

– Eu não ligo pro trânsito, eu só tenho a agradecer a São Paulo e ao povo desta cidade.

Opa! Um motorista que não reclama do trânsito, das malditas motocicletas, do Governo que rouba o tempo inteiro, que raridade preciosa é essa?

– Como assim? – indago, cheio de curiosidade.

– Eu vim pra cá sem ter nada, porque um tio me chamou. Passei dificuldade, fiz de tudo, sempre em lugar fechado e, quando tive a oportunidade, resolvi pegar um serviço no ar livre. Comecei de empregado em táxi e nunca larguei. Fui melhorando e agora tenho carro, apartamento, mulher e filho.

– De onde você é?

– Do Piauí.

– De Teresina?

– Não, de Pedro II, uma cidade pequena mas bonita a uns cento e cinquenta quilômetros de Teresina. Lá se minera uma pedra preciosa, a opala, o senhor já ouviu falar?

Ameacei dizer que tive um carro com esse nome, mas mantive o rumo da conversa:

– Eu conheço um rapaz do Piauí, o Chagas, que trabalha num bom restaurante como garçom. Não parece nordestino – (cuidado com o que fala, Boris): – é alto, de olhos azuis; deve ser descendente dos holandeses.

A referência aos holandeses passa batido, mas não a profissão.

– É muito comum gente do Piauí trabalhar em restaurante. Meu irmão, por exemplo, é

chefe de cozinha em Alphaville.

– Vocação da sua gente?

– Nem tanto, é mais que algum vem para cá, arruma um emprego em restaurante e depois chama os outros, dá notícia do serviço.

– Diz uma coisa: você não sentiu preconceito em São Paulo?

– No começo, demais. Eu me matriculei numa escola noturna, éramos só dois nordestinos, e todos gozavam a gente com aquelas piadas bestas. Eu não reagia, fingia não me importar, achava que era melhor assim. Mas agora isso acabou, ninguém mexe comigo.

– Não mexe porque você ficou bem de vida?

– É, isso ajudou, mas acho que essa gozação acabou. O senhor ouve por aí as tais piadas de “baiano”?

– Você pensa em voltar para o Piauí?

– Eu vou lá todo ano visitar os meus pais, mas voltar de vez, não volto, não.

Chegamos. Desço do carro.

– Até logo, gostei da conversa.

– Eu também, desculpe de alguma coisa.

Maldita humildade.

20 DEZEMBRO

PRECONCEITO

O audaz motorista pilota meu carro na congestionada avenida Faria Lima, quando é ultrapassado por outro que segue ziguezagueando à sua frente.

– Mestiço, mestiço! – ele grita, furioso.

O que isso quer dizer? Será que ele, como negro, detesta mulatos? Não estou entendendo e peço uma explicação.

– Mestiço é um cara com mistura, como esse aí que tem cara de japonês, mas japonês, japonês não é.

– Você gostaria que te chamassem de preto?

– É, o trânsito tá ruim mesmo.

26 DEZEMBRO

VISITA AO CEMITÉRIO

Chego ao cemitério pela manhã, o calor já é intenso. Paro o carro numa sombra logo na entrada e, ao descer, dou com um homem em pé, falando ao celular:

– Alcides, não dá para eu ir aí, me aconteceu um pequeno problema, estou no velório da minha avó.

Que avó inconveniente, como ousa morrer em dia de semana? Pois é, os mortos incomodam.

28 DEZEMBRO

VIAGEM DE FIM DE ANO

Depois de uma noite indormida, atacado sem piedade pelos pernilongos *made in* rio Pinheiros, parto na manhã do dia 28 para um retiro numa fazenda próxima a São Bento do Sapucaí. Não tenho certeza do que me espera, mas busco evitar as recordações incômodas do passado e a banalidade do presente: estouro de champanhe, cumprimentos de sempre, muita comida e um calor insuportável.

Selecionei a fazenda na internet, pela qualidade do site e pela localização, perto do Baú, do Bauzinho e da Ana Chata, ou seja, perto dos tempos e locais da minha juventude. Tenho o cuidado de conversar antes com C., a organizadora do retiro. Ela me dá alguns detalhes do programa, eu lhe informo minha idade e recebo um forte estímulo:

– Você está bem, não tem pressão alta? Então vai ser bom para você e para nós.

Não quis me fixar muito no programa (práticas de ioga, meditação e algumas experiências mais ousadas). Tinha resolvido ir e era melhor não saber de muita coisa, o que poderia me levar a um recuo.

Na chegada, alguma inquietação. Um grupo de moças conversa sobre algo sem interesse para mim. Tento de qualquer modo me aproximar, mas estaco diante de um cachorro que rosna e exhibe a dentuça.

– Pode vir, ele está com medo – diz uma das filhas dos donos do retiro.

Me passa pela cabeça uma lição recebida muitos anos atrás, quando entrei numa casa na Vila Mangalot durante a campanha de Jânio Quadros para prefeito de São Paulo. Apesar dos latidos ameaçadores de uma ferinha preta, avancei, estimulado pelas frases tranquilizantes dos moradores, do tipo “Ele não faz nada só, late”, e o cãozinho furioso agarrou minha perna, rasgou minhas calças e me presenteou com uma mordida de dentes afilados que deixou um ferimento profundo.

Agora, esqueço a lição de muitas décadas atrás, olho de esguelha para a ferinha e passo por ela impávido, como se fosse a coisa mais natural deste e de outros mundos.

Não sem susto, percebo que fui parar no reino dos hare krishna. *Good heavens!* Traços de cultura indiana por todos os lados. Me lembro do filme “Matabarata”, conhecido oficialmente como *Mahabharata*, a que eu não assisti inteiro por achar de uma chatice insuportável. O *Mahabharata* é um poema épico indiano – tido como o mais longo do mundo e consolidado por volta do século IV – que contém material filosófico e devocional.

Me lembro também dos personagens calvos e andróginos, com sandálias e vestes semelhantes às dos padres de outros tempos, que incomodavam a mim e a outros pedestres de São Paulo, ao insistir na entrega de folhetos e livros. No retiro, conversando francamente com

um devotado fiel do hare krishna, ouço dele que, apesar de às vezes incomodarem, essas pessoas foram responsáveis por uma excelente venda de livros devocionais em muitas partes do mundo e possivelmente voltariam às ruas em breve.

Sou conduzido ao quarto. Abro com certa dificuldade a porta de entrada, uma bela peça que, em anos passados, encerrava os cavalos da fazenda no que fora uma estrebaria. Na cama, uma flor e um pacotinho de baru, castanha do baruzeiro, árvore do cerrado. Tudo muito simples, com toques cuidadosos de quem sabe receber. O pequeno espelho do banheiro (só dá para ver a cara) me lembra – comparação algo injusta – a suíte (*sic*) de um hotelzinho de Fernando de Noronha, em que certa vez ao abrir a porta externa dei de cara com um cavalo que pastava no mato raso. Na gaveta do quarto, a exemplo das Bíblias de muitos hotéis, há uma versão concisa do *Bhagavad-Gita*, que faz parte do *Mahabharata*, em que se veicula a palavra de Krishna e se narra um episódio épico.

Saio e contemplo uma jovem de cara limpa, filha dos donos da fazenda, que narra para um grupo atento a história de sua viagem à Índia, onde permaneceu por vários meses.

– Nos primeiros dias – diz ela, com sua voz suave – foi bem difícil. Depois, parti para uma cidade sagrada – (cita o nome) – no norte da Índia e lá me realizei completamente. Os indianos dessa cidade me receberam muito bem; eles, em geral, são calmos, acolhem as pessoas boas e detestam brigas.

Perguntinha:

– Tinha muçulmanos?

– Tinha, sim, muitos deles faziam os serviços mais simples e todos os moradores se davam bem.

Insisto:

– Em outras partes do país não é bem assim...

– É verdade, e nas cidades grandes, com aquela multidão, é complicado viver. Sabe, ou se ama ou se odeia a Índia. Eu amo.

Pergunto como começou essa atração pela Índia.

– Eu tinha uns quatro anos quando meus pais se converteram ao hare krishna. Eu logo segui a escolha deles e sou muito feliz. Ouvi tantas vezes me perguntarem: “Você não quer ir para a Disney?”. “Eu não, eu quero ir para a Índia.” E, quando me senti mais ou menos independente, fui.

Eu, que nunca quis ir à Disney e não movi uma palha para que meus filhos fossem, não poderia de modo algum achar a jovem de cara limpa meio esquisita.

Almoço vegetariano, eu até gosto, mas este está especialmente sem graça. Fico sabendo depois ter havido uma ordem expressa da organizadora para não se servir feijão, lentilha ou grão-de-bico. O objetivo era impedir que os membros do grupo ficassem “pesados” antes de duas cerimônias – o Temazcal e a cerimônia xamânica regada a chá de ayahuasca. Quem decidiu, como eu, não participar, teve de se curvar à mesma restrição, destituída de qualquer finalidade, exceto a de, quem sabe, começar a perder uns quilinhos ociosos. Tive vontade de indicar a C., organizadora do evento, um vídeo do canal Porta dos Fundos chamado *Garçom*

vegetariano. A cena é de um casal que solicita, um a um, diversos pratos de carne, e desiste do pedido ante a minuciosa descrição que o garçom faz do processo de eliminação dos animais.

Ainda me sinto meio deslocado. Sou salvo por uma jovem nissei que puxa conversa e me conta que é funcionária pública, em cargo especializado, e me descreve com a maior naturalidade suas experiências espirituais.

Agora são seis horas da tarde. Vai começar a primeira atividade do programa. Depois de uma soneca, saio do quarto; o silêncio absoluto de que tanto gosto inesperadamente se abate pesado sobre mim. Ninguém ao redor. Tento localizar o salão das práticas, que vi em fotografia, mas passo por várias casas e nada. Sensação de ter sido desprezado, de ter sido barrado como um intruso.

Afinal chega de carro a última integrante do grupo, e ela tem uma ideia do caminho a seguir. Caminhamos a pé por uma subida íngreme, as “montanhas sagradas” saindo da névoa, pouco a pouco, até chegarmos ao salão onde o grupo se concentrava na prática da Kundalini Yoga. O diálogo com C. me acalma, embora ela não tenha se desculpado por não terem me informado a rota à “sala de actos”, como dei de chamar o salão.

Um maravilhoso som de cítara embala os movimentos dos participantes. O instrumentista é uma pessoa relativamente jovem, de raros cabelos e uma longa e bem cuidada barba à moda de Ravi Shankar. Quando ele vai embora, para participar de um grande festival na Bahia, a cítara é substituída por uma gravação de cânticos em aramaico, mas não é a mesma coisa.

Canhestramente, trato de me integrar à prática, estimulado pela voz suave da C., que me põe à vontade. Ela é uma figura especial, muito distante de meu mundo. Entre outras coisas, conta ao grupo que há vinte anos não lê jornais, a não ser, uma ou outra vez, um suplemento de cultura indicado pelas amigas:

– Para que estar em dia com notícias de desgraças ou com a política, cada vez mais suja? Eu sou mesmo uma alienada.

– Uma alienada consciente – digo eu.

O círculo de apresentações, que se segue à prática, é um alívio. No uso da palavra raramente me saio mal. A roda se compõe de ampla maioria feminina, moças entre 22 e quarenta anos, na maioria solteiras. Quase todas têm curso superior, mas são formadas em faculdades pouco expressivas. A profissão de publicitária(o) é relevante e eu me pergunto como essa gente, dedicada a uma atividade profissional diretamente ligada ao mercado, se encontra ali cuidando de realizar aquelas práticas voltadas ao espírito. Há quem tenha trabalhado em agências importantes e alegue ter abandonado um cargo bem remunerado por não suportar, entre outras coisas, o ritmo do trabalho sem horário fixo, que chega a ocupar dezoito horas de um dia. Há quem não tenha se decidido, mas sente estar numa fase de transição, em busca de um novo caminho. A imersão nas coisas do espírito, digamos assim, não seria a forma de compensar os pedregulhos em ponta do mundo material?

Gosto de uma certa ingenuidade e da ausência de intelectualismo, características de todo o grupo. Afinal de contas, poucas moças sentiriam atração por passar a virada do ano num retiro, participar de cerimônias exóticas e reduzir drasticamente a vaidade – até por falta de um espelho decente. Elas levam muito a sério todas as práticas, e não sinto no ar nenhuma dúvida

ou traço de ironia.

Sem saber, M. me dá uma lição a respeito da minha repulsa à obesidade. Ela própria é uma simpática gordinha que me explica já ter sido gorda. Por estar ligada ao ramo de confecções para gente bem acima do peso, fala, por saber da infelicidade das gordas, da discriminação que sofrem, do sacrifício para atingir uma meta ideal, da recusa do próprio corpo. Talvez eu continue virando a cara para as muito gordas e os muito gordos, mas a partir da visão do “outro lado”, vou evitar a fórmula do *só é gordo quem quer*.

F. é a caçula do grupo, trainee de uma grande empresa fabricante de cosméticos. Tem um rosto bonito, nariz em ponta, as narinas pequenas. Ela me pergunta se não tenho um neto maduro para casar e eu lhe “ofereço” o Miguel, mais ou menos da idade dela.

– O que ele faz?

– Estuda Psicologia na USP.

– Ah, depende da gente se conhecer, mas estou bem interessada. Você está falando sério?

– Claro – respondo. Incorporar à família uma menina assim é tudo que eu quero.

Dentre as pessoas que conduzem as atividades na fazenda, M., tio da C., é quem mais me impressiona. Num primeiro momento, acho sua aparência desagradável. Rosto com traços asiáticos, apesar da origem italiana, pele muito branca, gestos que parecem ser continuidade de algum movimento da ioga. Ele conta que conseguiu, por meio da regressão, percorrer pelo menos duas de suas vidas anteriores, nas quais foi mulher. O feminino me parece mais sugestivo do que a “viagem” em si.

M. discorre sobre as virtudes da psicoterapia prânica, um método que permite realizar curas de traumas e entraves emocionais em tempo relativamente curto. De passagem, dá um cutucão na psicanálise tradicional, com seus métodos que levam vinte anos ou mais para atingir seus objetivos – quando atingem –, enquanto o paciente conta e reconta histórias de suas relações com o pai e a mãe.

Ele se preocupa com as agressões do homem à Mãe Terra e assegura que o desastre ecológico vai aumentar de ritmo, a ponto de provocar grandes catástrofes. Mas é otimista a respeito do destino da humanidade. Tem visto o renascer da elevação espiritual em muitas pessoas nos últimos anos. Porém, adverte, o avanço da espiritualidade terá de passar pela desaparecimento daqueles que assumiram o mal. Enquanto ouço, percebo a semelhança desse prognóstico com o enunciado pelos videntes de Medjugorje, emissários da Virgem. Pergunto como se dará essa limpeza em nome da moral e evito dizer diretamente que ela parece ser parente próxima da limpeza étnica. Prefiro indagar se o cataclismo que ameaça a Terra poderá ter um caráter seletivo:

– Não sei – diz M. – Isso ainda não é possível vislumbrar.

Várias vezes M. se refere aos muçulmanos como gente perigosa.

– Por que esse ódio? – pergunto.

– Não é um ódio generalizado, mas, hoje o que, move essa gente é a *jihad*, a guerra santa contra os infiéis. Eu adoro a França, eu adoro Paris, mas França e Paris vão acabar em pouco tempo. Veja o que os islamistas já fizeram. Conseguiram até tirar a imagem de Cristo das salas

de aula.

Sugiro que uma medida como essa não se deve aos muçulmanos, e sim ao Estado laico francês. A observação passa em branco e M. prefere relativizar a ojeriza que tem pelos muçulmanos.

– Eles criaram uma grande civilização, mas a partir de Maomé puseram tudo a perder. Dizem até que Maomé foi sifilítico; isso é o nosso historiador aqui quem sabe, eu não sei.

“Nosso historiador” tira o corpo e diz que nesse assunto está na mesma.

– Pensando bem – continua M. –, os cristãos foram piores do que os muçulmanos. Nas cruzadas, as mortes foram em número maior do que no Holocausto. A Igreja Católica inventou muitas histórias e fabricou relíquias para arrebanhar fiéis.

Depois de arrolar outras barbaridades praticadas pela Igreja de Roma, ele muda de rumo. Discorre sobre os segredos ocultos na Terra, extraterrenos e terrenos:

– Vocês já viram os triângulos de terra ou de cristal que existem num dos polos, no Paraná, e em outros pontos do planeta? Estão todos comprovados por fotografia, mas foram escondidos pelos governos. Eles querem nos tranquilizar, não querem revelar que por esses triângulos desceram os extraterrestres, que estão por aí, em algum lugar desconhecido.

Quanto aos terráqueos, M. adota uma linha conspiratória:

– Quem domina o mundo? Há muito tempo, quem domina o mundo são os *illuminati*, seitas secretas que manejam os homens como marionetes. Atualmente, os *illuminati* são famílias como a dos Rothschild, dos Rockefeller, que não por acaso só se casam entre si. A rainha Elizabeth entra também no rol.

Há fantasias e inverdades históricas gritantes nessa narrativa, nem preciso dizer. Mas ela me atrai pela inventividade, pela viagem a bordo de uma nave sem rumo definido.

Na fazenda, há certo grau de pluralismo em relação às religiões indianas. A família dos proprietários é krishna, com algumas diferenças no seu interior. O marido da menina de fala mansa me disse ser também krishna, mas de um ramo um pouco diferente do da esposa. Numa pincelada, ele me explicou algo do quadro religioso da Índia, das relações entre o hinduísmo, de que os hare krishna constituem um ramo, e o budismo. Falou também da hierarquia das divindades no panteão hinduísta. Pergunto como fica Jesus Cristo nessa rede complexa. Ele diz que Jesus veio ao mundo com uma missão divina, mas não muito importante. É um enviado de Deus que fica bem abaixo dos deuses maiores.

29 DEZEMBRO

DANÇA IMÓVEL

Domingo. Consigo participar *malemá* de três dos cinco ritos tibetanos. A cítara e a performance da C. envolvem o grupo mais uma vez. O almoço melhora um pouco. Sinto falta da minha dose de café. Quando é servida, por pressão minha e de outros viciados, vem aquela água marrom, sem graça.

À tarde, assisto a uma dança livre acompanhada por “ritmos ancestrais”. Que maravilha os movimentos da C., das moças rodopiando, rostos alegres, numa espécie de êxtase! Participo da dança sem precisar me mover.

31 DEZEMBRO

DECEPÇÃO

Lembro, como acontece no final de cada ano, um verso de Drummond: “O último dia do ano/ não é o último dia do tempo”. Mas é o último dia do ano. Espero participar de uma cerimônia de passagem em que as pessoas se coloquem sentadas em círculo, ao redor de uma grande fogueira, como vi nas fotografias da festa de 2012. Decepção. Chove e acontece uma minicerimônia na varanda, o oficiante acende um fogo bem fraco e oferece comidinhas para personagens celestiais, enquadradas em algumas gravuras.

A mesa do ano-novo é variada, mas pela primeira vez na vida brindo a passagem com suco de uva. De repente, passo os olhos de relance sobre a mesa e vejo uma solitária garrafa de champanhe, que me fita com um olhar triste.

– De quem é esse champanhe? – pergunto.

Um dos jovens convivas diz timidamente que ele a trouxera, mas não tivera coragem de abrir.

– Então vamos comemorar – digo eu.

Que diabo, passagem de ano sem champanhe é um sacrilégio! A rolha espoca, eu e ele bebemos em copos comuns uma bebida quente, sem graça. Sobra quase tudo na garrafa.

[2014]

1º JANEIRO

A despedida no primeiro dia do ano compensou. Conversa em círculo, uma dança sem contorções e uma chuva de pétalas de rosa que cai sobre nossa cabeça.

5 JANEIRO

TENTAÇÃO DA CARNE

Estou de volta. No almoço deste domingo me dedico a trincar um bife ancho, sem remorso.

25 JANEIRO

JUDEUS E O DEMÔNIO

Hoje Cynira completaria 83 anos. A percepção de que para ela não há mais a contagem do tempo me provoca um vazio difícil de preencher.

Resolvi ir a Ibiúna, como mal menor. Levo Ângela para casa, depois do almoço. No carro, tocamos na data e ela me pergunta:

- O senhor mandou rezar uma missa?
- Não. Eu não acredito em missa, nem a Cynira acreditava. Então...
- O senhor é judeu?

Sinto de repente o bafo de uma inquisidora caipira.

- Sou, sim, de origem, mas não sigo a religião.
- Pois é, foi o Paulão que me falou. Eu trabalho com vocês faz tanto tempo e não sabia.

Não sabia o quê?, penso em tom de desafio.

Fiquei com o diálogo na cabeça e na manhã do dia 26, depois do café, resolvi prolongar a conversa do dia anterior:

- Ângela, você sabe o que é judeu?
- Ah, eu não, eu não sei quase nada.
- Quando você vai ao culto, o pastor não fala dos judeus e do Velho Testamento?
- Fala sim, mas faz pouco tempo que eu vou no culto, fico ouvindo ele ler a Bíblia e explicar.

Antes eu nem tinha a Bíblia em casa.

Tomo ares ligeiramente professorais, por mais que queira evitar, e digo que vou contar a ela alguma coisa do que sei. E toca falar que Cristo era judeu, que a principal diferença entre judeus e católicos é a crença ou não em Cristo como o Messias que veio nos salvar. Enveredo pelo antissemitismo, chego ao Holocausto e pergunto:

- Você ouviu falar de um homem chamado Hitler?

– Eu não.

– Pois esse homem foi ditador da Alemanha e mandou matar seis milhões de judeus.

Ela não parece impressionada: “ditador”, “Alemanha” ... Se ao menos houvesse uma referência ao Japão! Afinal de contas, os “japoneses” são numerosos em Ibiúna.

Na minha “preleção”, não me refiro a duas questões sensíveis:

1. Os judeus seriam responsáveis pela morte de Jesus e, portanto, teriam de sofrer até o Juízo Final penas terríveis, proporcionais aos crimes que cometeram.

2. Os judeus seriam ricos e usurários, exploradores da gente de bem.

Não preciso rebater esses pseudoargumentos porque Ângela não os menciona. Antes, me surpreende com uma observação:

– O povo diz que judeu é alguém que dá um passo pra frente e outro pra trás.

– Que quer dizer isso?

– Quer dizer que judeu é desconfiado.

– Ângela, eu sou desconfiado?

– O senhor não, de jeito nenhum. O senhor esquece dinheiro nas calças, nas gavetas, nem sabe direito o que tem.

– E então?

Cito algumas pessoas do Mirim Açu que são ou foram judeus, embora essa distinção nunca tenha chegado a nossas cabeças. Tudo vai mais ou menos bem, quando esbarro na referência ao PP.

– Falam que ele não tem religião, que não acredita em nada e tem parte com o diabo.

A essa altura, como a coisa saísse dos limites, respondo de cara feia:

– Essa não! Onde você está com a cabeça?

4 FEVEREIRO

TIME SANTO

Vejo pela televisão o jogo entre Botafogo e San Lorenzo de Almagro, na disputa pela Libertadores. Todas as vezes que a bola sai pela linha de fundo o locutor martela:

– Jogo de ida do Botafogo contra o San Lorenzo, o time do papa, o time do papa!

29 MARÇO

FIM

As viradas dos dois milênios produziram vertigem em muitos e a certeza de que cairíamos na voragem do fim do mundo. É curioso que esse sentimento agônico tenha ocorrido novamente após mil anos de imensas transformações tecnológicas, sociais, econômicas e o que mais seja. Penso que o medo do fim do mundo acompanha a humanidade, mas esse medo é

principalmente da morte individual, e não da morte coletiva. A extinção da vida humana, tudo leva a crer, está a milhões de anos do nosso tempo. Ainda assim, é incômodo pensar na desapareção, para sempre, de coisas grandes e pequenas, as grandes eras da humanidade, a tecnologia, os gols feitos ou perdidos, a publicidade que nos converte em robôs consumidores, as guerras, os grandes homens, as viagens interplanetárias, os registros históricos. O planeta ficará deserto ou, quem sabe, novas entidades vivas cuja forma e mente não conseguimos sequer imaginar vão encontrar restos de uma civilização perdida, que tentarão decifrar.

Esse fim coletivo, presumivelmente muitíssimo distante, não chega a me preocupar e, pelo contrário, dá asas à imaginação. O que me angustia é a inexorável conversão individual ao nada, a dissolução do eu que não admite adiamentos e nem negociações. *Pulvis eris...* Em tempos distantes, para os católicos, o medo da morte era a certeza da existência do *afterlife*, não necessariamente beatífico, pois ele começava – se cabe a noção do tempo – pelo julgamento divino que aplicava penas e recompensas, e remetia os mortais, agora mortos, ao céu, ao inferno ou à ambiguidade do limbo. Hoje, a pena maior para quem a vive por antecipação é o temor/terror da dissolução do eu. O catolicismo deu uma virada muito significativa ao falar só marginalmente na justiça divina e enviar aos crentes uma mensagem de conforto – a certeza do reencontro dos vivos com os que já se foram, como os oficiantes tratam de ressaltar nas missas de sétimo dia.

Nessas questões da vida e da morte, há um grupo específico dos que têm mais medo da vida do que da morte. Como disse Maiakóvski em versos célebres: “Nesta vida morrer não é difícil/ o difícil é a vida e seu ofício”. Humildemente, peço licença para discordar.

BORIS FAUSTO nasceu em 1930, em São Paulo. É bacharel em Direito e doutor em História pela Universidade de São Paulo, onde se aposentou como professor do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Trabalhou na consultoria jurídica da reitoria da USP e foi procurador do Estado. Foi casado por 49 anos com a educadora Cynira Stocco Fausto, uma das fundadoras da Escola Vera Cruz, e com ela teve dois filhos: Sergio Fausto – sociólogo e superintendente executivo do Instituto Fernando Henrique Cardoso – e Carlos Fausto, antropólogo e professor do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É autor de *A revolução de 1930: história e historiografia* (1969); *História geral da civilização brasileira: período republicano* (1977); *Crime e cotidiano* (1984); *Negócios e ócios* (1997); *Brasil e Argentina: um estudo de história comparada (1850-2002)* (2005); *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso* (2006); *O crime do restaurante chinês* (2009); e *Memórias de um historiador de domingo* (2010), entre outros.

© Cosac Naify, 2014

© Boris Fausto, 2014

COORDENAÇÃO EDITORIAL Marta Garcia

ASSISTENTE EDITORIAL Raquel Toledo

PREPARAÇÃO Beatriz Antunes

REVISÃO Carlos A. Inada, Isabel Jorge Cury

PROJETO GRÁFICO ORIGINAL Gabriela Castro, Paulo André Chagas

ADAPTAÇÃO E COORDENAÇÃO DIGITAL Antonio Hermida

PRODUÇÃO DE EPUB EquireTech

1ª edição eletrônica, 2014

Nesta edição, respeitou-se o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados internacionais de catalogação na Publicação (CIP)

Fausto, Boris [1930]

O brilho do bronze – um diário: Boris Fausto

São Paulo: Cosac Naify, 2014

240 PP.

ISBN 978-85-405-0892-7

1. Literatura brasileira: diário i. Título

CDD 869.883

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira: 869.3

COSAC NAIFY

rua General Jardim, 770, 2º andar

01223-010 São Paulo SP

cosacnaify.com.br [11] 3218 1444

atendimento ao professor [11] 3823 6560

professor@cosacnaify.com.br



Este e-book foi projetado e desenvolvido em novembro de 2014, com base na 1ª edição impressa, de 2014.

FONTES Amalia e Flama